



N° de expediente: 008421-000036-24

Fecha: 15.07.2024

Universidad de la República Uruguay - UDELAR



ASUNTO

EL MAESTRANDO ALBERTO MALLADA C.I. 4392610 - 0 SOLICITA AVAL PARA TRIBUNAL DE TESIS

Unidad	SECCIÓN SECRETARÍA COMISIÓN DIRECTIVA - CENTRO MONTEVIDEO - ISEF
Tipo	TRIBUNAL DE POST-GRADOS - APROBACION DE
Carrera:	MAESTRÍA EN EDUCACIÓN FÍSICA
Curso:	TRIBUNAL DE TESIS
Plan:	2019
Fecha:	
Período desde:	
Período hasta:	
Nombre:	
Cédula de Identidad:	
Docente:	
Grado:	
Motivo:	

La presente impresión del expediente administrativo que se agrega se rige por lo dispuesto en la normativa siguiente: Art. 129 de la ley 16002, Art. 694 a 697 de la ley 16736, art. 25 de la ley 17.243; y decretos 55/998, 83/001 y Decreto reglamentario el uso de la firma digital de fecha 17/09/2003.-

	Expediente Nro. 008421-000036-24 Actuación 1	Oficina: SECCIÓN BEDELÍA DE POSGRADOS - CENTRO MONTEVIDEO - ISEF Fecha Recibido: 15/07/2024 Estado: Cursado
--	---------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

TEXTO

PASE A COMISIÓN DE POSGRADO

Firmado electrónicamente por Suny Soraya Zeballos Perez el 15/07/2024 16:34:23.

Nombre Anexo	Tamaño	Fecha
NOTA.pdf	121 KB	15/07/2024 16:14:45
CURRICULO.pdf	49 KB	15/07/2024 16:16:13
LATTES.pdf	271 KB	15/07/2024 16:16:13
MALLADA TESIS.pdf	3654 KB	15/07/2024 16:32:04



Viçosa, 05 de julio de 2024

Integrantes de la Comisión Académica de Posgrado
del Programa de Maestría en Educación Física
del Instituto Superior de Educación Física
Presente.

La que suscribe, Evelise Amgarten Quitau (6.283.624-7), en carácter de directora de tesis, se dirige a ustedes para manifestar que la tesis “De los cuerpos restringidos a los cuerpos liberados: mujeres y cultura física en Montevideo (1903-1934)” del maestrando Alberto Noel Mallada Messeguer está en condiciones de ser defendida.

Se sugiere como integrantes:

Titulares:

- Dra. Paola Dogliotti – paoladogliottimoro@gmail.com
- Dra. Daniele Carquejeiro de Medeiros – danielemedeiros.ef@gmail.com
- Dr. Marcelo Moraes e Silva – moraes_marc@yahoo.com.br;
marcelomoraes@ufpr.br

Suplente:

- Dr. Gianfranco Ruggiano – algoasicomofranco@gmail.com

La Dra. Dogliotti es una referente en Uruguay y la región para estudios en temas vinculados al campo de la Educación Física y ha venido desarrollando investigaciones historiográficas, a partir de los estudios de género, sobre los discursos sobre los cuerpos en la educación física uruguaya.

La Dra. Medeiros ha estudiado temas afines al abordado en la tesis, y ha participado del grupo de investigación en “Historia de las Prácticas Corporales” que dirigí durante mi estadía en Uruguay, acompañando parte del proceso de formación del postulante.



El Dr. Moraes e Silva ha desarrollado numerosas investigaciones historiográficas sobre pedagogías corporales — incluso desde los estudios de género — y tiene amplia experiencia como tutor y jurado de tesis de posgrado.

El Dr. Ruggiano actualmente dirige el grupo “Subjetivación, Educación del cuerpo y Memoria”, desarrollando temáticas afines al de la tesis, contribuyendo especialmente a partir de las discusiones sobre educación del cuerpo.

De acuerdo con lo solicitado se adjuntan los CV de los posibles integrantes y sus direcciones de correo electrónico para contactarlos.

Sin otro particular, les saluda muy atentamente

Profª. Drª. Evelise Amgarten Quitzau
Tutora de maestría del postulante

Nome- Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros

Endereço Residência: Rua Luís Dionísio de Souza, 375 apto 64, 13098-426 Campinas/SP

Fone- (19)983340616

Endereço Institucional: Faculdade de Educação Física - Unicamp13083-970- Cidade
Universitária Zeferino Vaz- Campinas/SP Fone/Fax- (19) 3521 66 00

RG- 47603147-3 - CPF- 37927780840

e-mail: danielemedeiros.ef@gmail.com

Formação acadêmica

2012 – Licenciatura em Educação Física – Faculdade de Educação Física – UNICAMP

2016 – Mestrado em Educação – Faculdade de Educação – UNICAMP

2021 - Doutorado em Educação – Faculdade de Educação – UNICAMP

2023 – Pós-Doutorado em Educação Física – Departamento de Educação Física – UFPR

Resumo profissional

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2021) e mestre pela mesma instituição (2016). Possui licenciatura em Educação Física (2012) também pela Unicamp. Atualmente, é pós-doutoranda na Faculdade de Educação Física da Unicamp, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Pública e Lazer. É líder do Grupo de Investigación en Historia de la Educación Física y Deporte, sediado na Universidad de la República -Uruguay. É coordenadora da Red de Estudios Históricos del Deporte en América Latina (Rehdal) e editora associada do International Journal of the History of Sport. Filiada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Sociedade Brasileira de História da Educação, Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, International Society for the History of Physical Education and Sport (ISHPES) e North American Society for Sport History (NASSH). Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: estudos sociais dos esportes, história da educação física, história da educação, história do esporte, sociologia do esporte, gênero e práticas esportivas.

Link para o currículo (lattes): <http://lattes.cnpq.br/6922008080454206>

Lista de publicações mais relevantes:

1. [MEDEIROS, D. C. C.](#). The Sportization of Rowing and Swimming in the Tietê River (São Paulo, Brazil, 1899-1949). International Journal of the History of Sport **JCR**, p. 1-13, 2023.
2. [MEDEIROS, D. C. C.](#); QUITZAU, E. A. ; SILVA, M. M. E. . De promotor de saúde a vetor de doenças: o rio Tietê na perspectiva dos clubes de remo paulistanos, 1900-1940. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 30, p. e2023, 2023.

3. VIUDA-SERRANO, A. ; MEDEIROS, D. C. C. ; CLEOPHAS, F. . Sport and History: Continuity and Change. Local Stories to Explain Global History. International Journal of the History of Sport, v. 40, p. 1, 2023.
4. [MEDEIROS, D. C. C.](#); SILVA, M. M. E. . Os processos de esportivização o remo em São Paulo e Montevideú: histórias comparadas (1874-1907). REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA (UFRJ), v. 17, p. 9-40, 2023.
5. [MEDEIROS, D. C. C.](#); [SOARES, C. L.](#) . Entre o curismo e o turismo: a constituição de um pensamento médico-científico sobre as águas termais nas Estâncias Hidrominerais Paulistas (1930-1940). PROJETO HISTÓRIA (PUCSP), v. 75, p. 195-220, 2022.
6. [MEDEIROS, DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE](#); QUITZAU, EVELISE AMGARTEN ; MORAES E SILVA, MARCELO . A travessia de são paulo a nado (1924-1944) e o processo de esportivização aquática paulistana. HISTÓRIA. QUESTÕES E DEBATES, v. 68, p. 77-95, 2020.

Lista de orientações em andamento:

Doutorados: 2 (co-tutoria)

Mestrados: 3

Iniciação Científica: 1

Trabalho de Conclusão de Curso: 1

Indicadores Quantitativos

Livros publicados/organizados: 3

Publicação em periódicos: 31

Artigos aceitos: 10

Capítulos de livros publicados: 4

Trabalhos de conclusão de curso concluídos: 7

Mestrados concluídos: 0

Doutorados concluídos: 0

01/07/2024, 17:31

Currículo Lattes



Marcelo Moraes e Silva

Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 2

Endereço para acessar este CV: <https://lattes.cnpq.br/4996091053878759>

Última atualização do currículo em 03/05/2024

Possui graduação em Educação Física. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, ministrando aulas na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, conceito 6 Capes, (Linha de Pesquisa Aspectos Socioculturais do Esporte e do Lazer) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, conceito 7 Capes, (Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação) da mesma universidade. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História da Educação Física e do Esportes (NEPHEFE) - CNPq. Associado a Société Française DHistoire du Sport (SFHS), European Committee for the History of Sports (CESH) e a The International Society for the History of Physical Education and Sport (ISPHEs). Foi contratado pelo governo francês para um posto de pesquisador visitante por 18 meses (2022-2024) na Universidade de Rennes 2, sob a direção de Michaël Attali no laboratório VIPS2. Pesquisador Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ-Brasil) nível 2. Atualmente ocupa o cargo de vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Atua principalmente nos seguintes temas de investigação: História da Educação; História da Educação Física e do Esporte. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome	Marcelo Moraes e Silva
Nascimento	26/10/1975 - Curitiba/PR - Brasil
Nome em citações bibliográficas	MORAES E SILVA, Marcelo;MORAES E SILVA, M.;SILVA, Marcelo Moraes.;SILVA, M. M.;SILVA, M.M.;SILVA, MARCELO MORAES E

Formação acadêmica/titulação

- 2009 - 2011** Doutorado em Educação.
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, Brasil
Título: Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918), Ano de obtenção: 2011
Orientador: Carmen Lúcia Soares
- 2006 - 2008** Mestrado em Educação.
Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Brasil
Título: Da Ilha Deserta ao arquipélago: mapeamentos e cartografias das percepções de professores (as) sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física., Ano de obtenção: 2008
Orientador: Maria Rita de Assis César

Pós-doutorado

- 2022** Pós-Doutorado .
Université de Rennes II , RENNES 2, Rennes, França
Bolsista do(a): Região da Bretanha
Grande área: Ciências da Saúde / Área: Educação Física
- 2012 - 2014** Pós-Doutorado .
Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Brasil
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Grande área: Ciências da Saúde / Área: Educação Física

Atuação profissional

Universidade Federal do Paraná - UFPR

- 2015 - Atual** Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor Adjunto , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal do ParanáDedicação exclusiva
Outras informações:
Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná em regime de Dedicação Exclusiva.
- 2014 - 2014** Vínculo: Professor Substituto , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal do ParanáIntegral
Outras informações:
Professor das disciplinas Filosofia e Educação Física e Bases Filosóficas para a Educação Física escolar
- 2012 - 2015** Vínculo: Bolsista recém-doutor , Enquadramento funcional: Pós-Doutorando , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal do ParanáDedicação exclusiva
Outras informações:
Bolsista Pós-Doutorado sob a supervisão do Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri, com o projeto de pesquisa: O Esporte Brasileiro Frente ao Projeto Rio 2016: Expectativas e realidades (2012 – 2018).
- 2008 - 2009** Vínculo: Professor , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal do ParanáIntegral
- 2006 - 2008** Vínculo: Aluno de pós-graduação , Enquadramento funcional: Aluno de pós-graduação , Carga horária: 20, Regime: Universidade Federal do ParanáParcial
- 2002 - 2004** Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal do ParanáIntegral

01/07/2024, 17:31

Currículo Lattes

Atividades

- 12/2021 - Atual** Outra atividade técnico-científica, Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física, Departamento de Educação Física
Especificação:
Tutor Grupo PET - Educação Física - UFPR
- 06/2019 - Atual** Pesquisa e Desenvolvimento, Setor de Educação
Linhas de pesquisa:
História e Historiografia da Educação
- 09/2018 - 09/2020** Direção e Administração, Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física
Cargos ocupados:
Vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física
- 03/2015 - 03/2019** Conselhos, Comissões e Consultoria, Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física
Especificação:
Representante do Departamento no Conselho Setorial de Pesquisa
- 02/2015 - 09/2018** Conselhos, Comissões e Consultoria, Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física
Especificação:
Representante da Linha de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade no Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física
- 01/2015 - Atual** Graduação, Educação Física
Disciplinas ministradas:
Filosofia e Educação Física , Bases Filosóficas para o pensamento em Educação Física escolar , Seminários de Monografia
- 10/2014 - Atual** Pesquisa e Desenvolvimento, Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física
Linhas de pesquisa:
Aspectos Socioculturais do Esporte e do Lazer
- 06/2008 - 01/2010** Graduação, Educação Física
Disciplinas ministradas:
Esportes Ginásticos , Introdução à Educação Física , Pedagogias da Educação Física , Projetos Integrados
- 08/2004 - 12/2004** Extensão Universitária, Setor de Educação
Especificação:
Projeto Fazendo Escola PMC - UFPR/2004
- 08/2003 - 12/2003** Extensão Universitária, Setor de Educação
Especificação:
Projeto Fazendo Escola - PMC - UFPR/2003
- 04/2003 - 12/2004** Graduação, Pedagogia - Educação à Distância
Disciplinas ministradas:
Metodologia do Ensino da Educação Física
- 03/2003 - 03/2003** Outra atividade técnico-científica, Departamento de Teoria e Prática de Ensino
Especificação:
Organização do VII Seminário de Prática de Ensino com Estágio Supervisionado em Educação Física
- 03/2003 - 12/2004** Direção e Administração
Cargos ocupados:
Membro do Colegiado do Curso de Educação Física
- 11/2002 - 12/2004** Graduação, Educação Física
Disciplinas ministradas:
Metodologia do Ensino de Educação Física , Prática de Ensino de Educação Física com Estágio Supervisionado

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

- 2009 - 2011** Vínculo: Aluno de pós-graduação , Enquadramento funcional: Aluno de pós-graduação, Regime: Universidade Estadual de CampinasParcial

Prefeitura Municipal de Araucária - PMA

- 2000 - 2008** Vínculo: Professor de Educação Física , Enquadramento funcional: 20 horas, Regime: Prefeitura Municipal de AraucáriaParcial

Faculdade Padre João Bagozzi - BAGOZZI

- 2010 - 2012** Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professor Ensino Superior , Carga horária: 16, Regime: Faculdade Padre João BagozziParcial

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

- 2022 - Atual** Vínculo: Comissão de Avaliação Area 21 , Enquadramento funcional: Consultor, Regime: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível SuperiorParcial

Université de Rennes II - RENNES 2

- 2022 - Atual** Vínculo: Professor Visitante , Enquadramento funcional: Pesquisador , Carga horária: 40, Regime: Université de Rennes II Dedicção exclusiva
Outras informações:
Pesquisa pós-doutoral supervisionada por Michaël Attali na Unoversidade Rennes 2 com financiamento do governo francês, região da Bretanha.

Linhas de pesquisa

1. Aspectos Socioculturais do Esporte e do Lazer
2. História e Historiografia da Educação

01/07/2024, 17:31

Currículo Lattes

Revisor de periódico

- 2022 - **Atual** Frontiers In Sports And Active Living
- 2022 - **Atual** REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
- 2022 - **Atual** ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (FURB)
- 2022 - **Atual** ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION (ONLINE)
- 2022 - **Atual** REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL (PUCPR. IMPRESSO)
- 2021 - **Atual** Cuadernos Del Claeh-Centro Latinoamericano De Economia Humana
- 2020 - **Atual** Cadernos de Pesquisa
- 2020 - **Atual** Educação em Revista
- 2020 - **Atual** RETOS
- 2020 - **Atual** ESPACIO ABIERTO (CARACAS. 1992)
- 2020 - **Atual** International Review for the Sociology of Sport
- 2020 - **Atual** HISTÓRIA. QUESTÕES E DEBATES
- 2020 - **Atual** REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO
- 2019 - **Atual** REVISTA DE HISTÓRIA REGIONAL
- 2019 - **Atual** História, Ciências, Saúde-Manguinhos
- 2019 - **Atual** Sport in Society
- 2019 - **Atual** EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIA
- 2018 - **Atual** ACTA SCIENTIARUM. HUMAN AND SOCIAL SCIENCES
- 2018 - **Atual** Paedía (Universidad de Concepcion)
- 2017 - **Atual** CORPOCONSCIÊNCIA (SÃO PAULO)
- 2016 - **Atual** Educar em Revista (Impresso)
- 2016 - **Atual** Movimento (Porto Alegre. Online)
- 2016 - **Atual** Revista Brasileira de Ciência e Movimento
- 2014 - **Atual** The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)
- 2013 - **Atual** Revista da Educação Física (UEM. Impresso)
- 2013 - **Atual** Motrivivência (Florianópolis)
- 2013 - **Atual** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)
- 2012 - **Atual** Revista Brasileira de Ciências do Esporte
- 2009 - **Atual** Conexões (UNICAMP)
- 2009 - **Atual** Pensar a Prática (UFG)

Membro de corpo editorial

- 2021 - **Atual** EDUCAR EM REVISTA
Outras informações: Membro do conselho consultivo da Revista.
- 2017 - **Atual** REVISTA DA ALESDE
Outras informações: Editor Chefe da Revista da Alesde.
- 2016 - **2019** Revista Brasileira de Ciência e Movimento
Outras informações: Editor da Seção Sociocultural e Pedagógica da Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM), periódico que possui como Editores Chefes: Prof Dr. Junior Vagner Pereira da Silva e Prof. Dr. Jonato Prestes.

Revisor de projeto de agência de fomento

- 2016 - **Atual** Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do MS

Produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. [doi](#) MORAES E SILVA, Marcelo. A construção de um improvável herói esportivo: o capoeira Cyriaco (1909-1925). TEMPO (NITERÓI. ONLINE). **JCR**, v.30, p.e300104, 2024.
2. [doi](#) NAVARRO, Rodrigo T; ATTALI, Michaël; MORAES E SILVA, Marcelo. Sport for All in Brazil in the 1970s: The Institutionalisation of a Government Policy for Mass Sport. International Journal of the History of Sport. **JCR**, , p.1 - 16, 2024.
3. [doi](#) MORAES E SILVA, Marcelo; Quitzau, Evelise Amgarten. The philosophy of sport in Brazil: in search of the construction of a field of research. JOURNAL OF THE PHILOSOPHY OF SPORT. **JCR**, , p.1 - 19, 2024.
4. [doi](#) MORAES E SILVA, Marcelo; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten. A democratização da Educação Física na França. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. v.23, p.e256,

01/07/2024, 17:31

Currículo Lattes

- 2023.
5. [doi](#) ALVES, T. K. E.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A Educação do Corpo nos Tratados de Esgrima do Século XVI. *EDUCAÇÃO E REALIDADE*. v.48, p.e121341, 2023.
 6. [doi](#) MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. De promotor de saúde a vetor de doenças: o rio Tietê na perspectiva dos clubes de remo paulistanos, 1900-1940. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. **JCR**, v.30, p.e2023035, 2023.
 7. [doi](#) FURTADO, H. L.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. DOS MEDOS E MISTÉRIOS AOS DIVERTIMENTOS. ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (FURB). v.18, p.10919, 2023.
 8. [doi](#) LISE, R. S.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; LOUDCHER, Jean-François; CAPRARO, ANDRÉ MENDES. From maitas to regulated practice: capoeira in the newspapers of the city of Rio de Janeiro (1901-1919). *Sport In History*. **JCR**, v.43, p.1 - 23, 2023. **Citações: WEB OF SCIENCE* 1**
 9. **MORAES E SILVA, Marcelo**; Quitzau, Evelise Amgarten; MEDEIROS, D. C. C., La historiografía de la educación física y del deporte en Uruguay: alternativas para la construcción de un campo de investigación. *STAPS. Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives*. **JCR**, v.3, p.69 - 86, 2023.
 10. LEVORATTI, Alejo; **MORAES E SILVA, Marcelo**; ATTALI, Michaël. Les politiques sportives en Argentine et au Brésil : D'une structuration formelle à un engagement pluriel. *AMERIKA*. v.25, p.1 - 11, 2023.
 11. **MORAES E SILVA, Marcelo**; POLYCARPE, C.; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten. L'idealisation des Jeux Olympiques par la presse brésilienne (1896-1920). *AMERIKA*. v.25, p.1 - 13, 2023.
 12. [doi](#) CAVALCANTI, E. A.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; CAPRARO, ANDRÉ MENDES. Memories of Brazilian soccer players: between the profession of athlete and life outside of sport. *STAPS. Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives*. **JCR**, v.Pub. anticipées, p.176 - XVI, 2023.
 13. MEDEIROS, D. C. C.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. OS PROCESSOS DE ESPORTIVIZAÇÃO DO REMO EM SÃO PAULO E MONTEVID...U: HISTÓRIAS COMPARADAS (1874-1907). *REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA (UFRJ)*. v.17, p.9-40, 2023.
 14. [doi](#) LESSA, P. R.; Soares, C. L.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896-1925). *TOPOI (ONLINE): REVISTA DE HISTÓRIA*. **JCR**, v.25, p.311 - 344, 2023.
 15. [doi](#) **MORAES E SILVA, Marcelo**. Resenha do livro 'Do homo movens ao homo academicus: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física'. *PENSAR A PRÁTICA (ONLINE)*. v.26, p.e.74424, 2023.
 16. MORO, V. L.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Gimnasia en el proceso de formación de profesores en la Escuela Normal do Paraná (1917-1923). *Contextos Educativos-Revista De Educacion*. **JCR**, v.29, p.57 - 72, 2022.
 17. **MORAES E SILVA, Marcelo**; LESSA, P. R.; GOMES, L. C.; **CAPRARO, A. M.**. A emergência das corridas de bicicleta em Curitiba (1895-1913): idealizando pedagogias corporais. *Pro-Posicoes (UNICAMP. Impresso)*. v.32, p.e20200145, 2022.
 18. [doi](#) FURTADO, H. L.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; Quitzau, Evelise Amgarten. A emergência das práticas esportivas na cidade de Blumenau -SC (1910-1920): um olhar sobre futebol e o remo. *MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)*. v.34, p.1 - 20, 2022.
 19. [doi](#) **MORAES E SILVA, Marcelo**; MORO, Vera Lucia; SOUZA, G. A. Incorporação da cultura física na instrução pública paranaense: em busca de uma Gymnastica racional (1882-1917). *REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL*. v.22, p.673 - 699, 2022.
 20. [doi](#) MORO, Vera Lucia; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A INSERÇÃO DA CULTURA FÍSICA NA ESCOLA NORMAL DO PARANÁ: DA GYMNASTICA AOS PRIMEIROS JOGOS E ESPORTES (1917-1930). *INTERMIO (UFMS)*. v.28, p.61 - 84, 2022.
 21. MOREIRA, T. S.; Souza, J.; MENEGALDO, P. H. I.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A sociogênese do subcampo científico da Educação Física brasileira: tensões no seu fazer científico. *RBPG - REVISTA BRASILEIRA DA POS-GRADUAÇÃO*. v.18, p.1 - 27, 2022.
 22. **MORAES E SILVA, Marcelo**; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten. Apresentação dossiê: as diversas facetas da cultura física: histórias de um processo de educação do corpo. *REVISTA DA ALESDE*. v.14, p.1 - 10, 2022.
 23. RIBEIRO, L. S.; MARTINELLI, I. M. G.; NAVARRO, Rodrigo T; **MORAES E SILVA, M.**; SILVA, J. V. P. Asociaciones universitarias deportivas y académicas atléticas: estructura administrativa y perfil de los directores de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul/Brasi. *Retos-Nuevas Tendencias En Educacion Fisica Deporte Y Recreacion*. **JCR**, v.46, p.411 - 424, 2022.
 24. FURTADO, H. L.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Da defesa e segurança à destreza e a eficiência: Schützenverein Blumenau e a emergência uma cultura física em Blumenau (1859-1910). *REVISTA DA ALESDE*. v.14, p.67 - 86, 2022.
 25. Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Entre las casas de comercio y el hipódromo: las carreras de caballo en Paysandú (Uruguay) en las primeras décadas del siglo XX. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*. v.57, p.67 - 91, 2022.
 26. [doi](#) **MORAES E SILVA, Marcelo**. ENTRE UNA MIRÍADA DE TERMINOLOGÍAS: ACTIVIDAD EPISTEMOLÓGICA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA BRASILEÑA. *EDUCACION FISICA Y DEPORTE*. v.41, p.1 - 36, 2022.
 27. [doi](#) SOUZA, M. T. O.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; CAPRARO, ANDRÉ MENDES. Feminilidades, masculinidades e performatividade de gênero no balé: aproximações e desvios da lógica heteronormativa. *CAMPOS (UFPR)*. v.23, p.1 - 24, 2022.
 28. [doi](#) Souza, J.; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; PROENÇA, Rui Garcia. INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E TEORIA SOCIAL – REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO CIENTÍFICA. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. v.27, p.1 - 16, 2022.
 29. ROJO, J. R.; MENEGALDO, P. H. I.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA NAS CORRIDAS DE RUA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS REGULAMENTOS DAS PROVAS. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*. v.22, p.57 - 70, 2021.
 30. [doi](#) BENBOUOH, R.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Aventura espanhola na Copa do Mundo de 1950: os usos políticos do futebol. *Cuadernos Del Claeh-Centro Latinoamericano De Economia Humana*. **JCR**, v.40, p.135 - 150, 2021.
 31. CORREA, C.; MACIEL, M. G.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. CAPITÃO AMÉRICA E O CORPO DO ATLETA DE ALTO RENDIMENTO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpo, Emociones y Sociedad*. **JCR**, v.35, p.63 - 74, 2021.
 32. [doi](#) VAN AMSTEL, N. A.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Divertimentos e educação do corpo no protestantismo de Benjamin Franklin (1682 -1791). *CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ONLINE)*. v.20, p.e015, 2021.
 33. [doi](#) DAWUD, H. M. W. M. K.; Quitzau, Evelise Amgarten; SILVEIRA, V. T.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Entre a manutenção e a resistência: processos de significação do esporte no Oriente Médio. *(SYN)THESIS (RIO DE JANEIRO)*. v.14, p.73 - 82, 2021.
 34. [doi](#) CAREGNATO, ANDRE FELIPE; **MORAES E SILVA, Marcelo**; SILVA, CAMILE LUCIANE DA; MEZZADRI, FERNANDO MARINHO; GONÇALVES, C. E.; MATTHIESEN, S. Q.; CAVIACHIOLI, FERNANDO RENATO. Estudo no Atletismo brasileiro: estruturas físicas, equipamentos esportivos e objetivos para o esporte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v.35, p.229 - 247, 2021.
 35. [doi](#) GOMES, LEONARDO DO COUTO; **MORAES, LETÍCIA CRISTINA LIMA; MORAES E SILVA, Marcelo**; MARCHI JÚNIOR, WANDERLEY. O JLASSS como um locus acadêmico para debates

https://www.cnpq.br/cvlattesweb/pkg_impvcv.trata

4/15

01/07/2024, 17:31

Currículo Lattes

- socioculturais sobre educação física e esporte na América Latina: uma análise de suas publicações (2011-2020). *EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIA*. **JCR**, v.23, p.e182, 2021.
36. [doi](#) VAN AMSTEL, N. A.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. "O "O CORPO COMO RESIDÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO": A EDUCAÇÃO DO CORPO NA OBRA DE BENJAMIN FRANKLIN (1732-1790)". *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*. v.21, p.e146, 2021.
 37. FURTADO, H. L.; SILVA, J. V. P.; GOMES, L. C.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. PANORAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: PRIMEIROS INDICATIVOS. *EDUCERE ET EDUCARE (VERSÃO ELETRÔNICA)*. v.16, p.50 - 74, 2021.
 38. [doi](#) **MORAES E SILVA, Marcelo**; POLYCARPE, C.; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten. Primeras aventuras deportivas internacionales brasileñas: una mirada de la prensa sobre los Juegos Olímpicos Sudamericanos de 1907 (Montevideo/Uruguay). *Cuadernos Del Claeh-Centro Latinoamericano De Economía Humana*. **JCR**, v.40, p.67 - 84, 2021. **Citações: WEB OF SCIENCE " 1**
 39. [doi](#) CAPRARO, ANDRÉ MENDES; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Um dândi nos trópicos: esporte e educação do corpo nas crônicas de Paulo Barreto (João do Rio). *EDUCAR EM REVISTA*. **JCR**, v.37, p.e76965, 2021.
 40. MORO, V. L.; GOMES, L. C.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A Gymnastica na Escola Normal de Curitiba: um olhar aos documentos oficiais (1876-1923). *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*. v.42, p.e2039, 2020.
 41. ROJO, J. R.; STAREPRAVO, FERNANDO AUGUSTO; CANAN, F.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A "LEI DA CORRIDA" DE RUA DA CIDADE DE CAMPINAS/SP/BRASIL: REPERCUSSÕES DE UMA INTERVENÇÃO ESTATAL. *Revista Licere*. v.23, p.523 - 545, 2020.
 42. [doi](#) GOMES, L. C.; MORAES, L. C. L.; **MARCHI JUNIOR, W.**; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A mapping of : The academic consolidation of the socio-cultural studies of sport in Latin America. *International Review for the Sociology of Sport*. **JCR**, p.101269021989365, 2020. **Citações: WEB OF SCIENCE " 5 | SCOPUS 5**
 43. [doi](#) MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A Travessia de São Paulo à Nado (1924-1944) e o processo de esportivização aquática paulistana. *HISTÓRIA. QUESTÕES E DEBATES*. v.68, p.77 - 95, 2020.
 44. ABRAHÃO, S. R.; MORAES, L. C. L.; BUJOSA, M. C.; GOMES, L. C.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. AS ATIVIDADES CIRCENSES E SUAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: VISÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *LÚDICAMENTE*. v.9, p.1 - 16, 2020.
 45. GOMES, L. C.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, M.**. As festividades dançantes no Clube Curitiba: Os bailes como elemento da cultura física (1881-1914). *History of Education in Latin America - HistELA*. v.3, p.e19729, 2020.
 46. [doi](#) Caregnato, A. F.; ORDONHES, M. T.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; CAVICHIOILLI, FERNANDO RENATO. CHARACTERISTICS OF LEARNING AND TRAINING OF ELITE ATHLETICS ATHLETES IN BRAZIL: THE PERSPECTIVE OF EXPERIENCED COACHES. *Journal of Physical Education*. v.31, p.e3122, 2020.
 47. CORREA, C.; JENSEM, Larissa.; NUNES, R. J. S.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. CONFLITO E O ESPORTE: UMA RESENHA DE O BOXEADOR DE REINHARD KLEIST... *PENSAR A PRÁTICA (ONLINE)*. v.23, p.54587, 2020.
 48. **MORAES E SILVA, Marcelo**; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ESPAÇO DE QUESTIONAMENTO DAS MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS?. *CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE*. v.11, p.25 - 36, 2020.
 49. Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIA: UNA MIRADA HISTORIOGRÁFICA. *REVISTA DA ALESDE*. v.12, p.23 - 42, 2020.
 50. [doi](#) Naman, M.; FURTADO, H. L.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. Entre o rio e o mar: espaços de educação do corpo na cidade de Itajaí (1895-1920). *Revista Conexões*. v.18, p.e020038, 2020.
 51. **MORAES E SILVA, Marcelo**. JEUX OLYMPIQUES DE 2016 A RIO : UNE OCCASION MANQUEE DE CONSOLIDER LE SPORT AU BRESIL COMME UN DROIT SOCIAL. *JURISPORT*. v.3, p.30, 2020.
 52. **MORAES E SILVA, Marcelo**; LOUDCHER, Jean-François. Jogos Olímpicos no Brasil e o governo federal brasileiro: dilemas entre o ter ou o ser. *ESPACIO ABIERTO (CARACAS)*. 1992. **JCR**, v.29, p.53 - 72, 2020.
 53. VAN AMSTEL, N. A.; GOMES, L. C.; REIS JUNIOR, C. A. B.; NUNES, R. J. S.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. O amor italiano com o Esporte. *Martin, S. The Italian Love Affair with Sport*. I.B. Tauris, 2011. *MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)*. v.32, p.1 - 10, 2020.
 54. DAWUD, H. M. W. M. K.; Quitzau, Evelise Amgarten; **MORAES E SILVA, Marcelo**. O ESPORTE COMO MEDIADOR DAS REIVINDICAÇÕES POLÍTICAS PALESTINAS: APONTAMENTOS ALCERCA DO DOCUMENTÁRIO "SOBRE FUTEBOL E BARREIRAS". *Recorde - Revista de História do Esporte*. v.13, p.1 - 6, 2020.
 55. [doi](#) CORREA, C.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; SILVEIRA, V. T. O USO DA TECNOLOGIA NOS CORPOS DE ATLETAS E PARATLETAS: AS SIMILARIDADES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE. *RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura*. v.28, p.1 - 28, 2020.
 56. [doi](#) **MORAES E SILVA, Marcelo**; MEDEIROS, D. C. C.; Quitzau, Evelise Amgarten; LEVORATTI, Alejo. Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con "Histoire du sport" de Thierry Terret. *Anuario. Escuela de Historia Universidad Nacional de Rosario*. v.33, p.1 - 32, 2020.
 57. [doi](#) NAVARRO, Rodrigo T; MEZZADRI, FERNANDO MARINHO; **MORAES E SILVA, Marcelo**. The genesis of the sport for all campaign in Brazil as seen through the *Jornal dos Sports in the 1970s*. *SPORT IN SOCIETY (PRINT)*. **JCR**, p.1 - 16, 2020. **Citações: WEB OF SCIENCE " 2 | SCOPUS 2**
 58. ROJO, J. R.; CANAN, F.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE CORRIDA "DE" RUA E CORRIDA "NA" RUA: A POLISSEMIA DO CONCEITO DE ESPORTE. *REVISTA OBSERVATORIO DEL DEPORTE*. v.5, p.15 - 22, 2019.
 59. SEVEGNANI, P.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; FIGUEROA, K. M.; MEZZADRI, FERNANDO MARINHO. A POLÍTICA PÚBLICA PARA O ESPORTE EDUCACIONAL NO BRASIL (2003-2016): ENTRE A SETORIALIDADE E A INTERSETORIALIDADE. *Licere (Belo Horizonte)*. v.22, p.429 - 451, 2019.
 60. ROJO, J. R.; MEZZADRI, FERNANDO MARINHO; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE E LAZER NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES. *PODIUM: SPORT, LEISURE AND TOURISM REVIEW*. **JCR**, v.8, p.128 - 142, 2019.
 61. GOMES, L. C.; FURTADO, H. L.; SOUZA JUNIOR, M. B. M.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. A SUBÁREA PEDAGÓGICA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL. *Movimento*. **JCR**, v.25, p.E11, 2019.
 62. FURTADO, H. L.; CORREA, C.; CANI, M.; MATENDAL, P. J. R.; **MORAES E SILVA, Marcelo**. ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE JOGOS ELETRÔNICOS DISPONÍVEIS NOS PORTAIS SCIELO, LILACS E PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. *Revista Licere*. v.22, p.260 - 284, 2019.
 63. MACIEL, M. G.; SARAIVA, L. A.; **MORAES E SILVA, Marcelo**; VIEIRA, P.. Avaliação de desempenho de um programa governamental de atividade física em Belo Horizonte/MG. *Movimento*. **JCR**, v.25, p.e25027, 2019.
 64. [doi](#) Caregnato, A. F.; SOUZA, D.L.; SILVA, CAMILE LUCIANE DA; **MORAES E SILVA, Marcelo**; CAVICHIOILLI, F. R.; GONÇALVES, C. E.. Da diversão entre amigos ao sonho da carreira de futebol: fatores de adesão ao futsal escolar e clubístico. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v.33, p.157 - 171, 2019.



UNIVERSIDAD
DE LA REPÚBLICA
URUGUAY

Universidad de la República (Udelar)

Instituto Superior de Educación Física (ISEF)

Programa de Maestría en Educación Física (ProMEF)

Alberto Mallada Meseguer

**De los cuerpos restringidos a los cuerpos liberados:
mujeres y cultura física en Montevideo (1903-1934)**

Montevideo, Uruguay

2024

Alberto Mallada Meseguer

**De los cuerpos restringidos a los cuerpos liberados:
mujeres y cultura física en Montevideo (1903-1934)**



**UNIVERSIDAD
DE LA REPÚBLICA
URUGUAY**

Directora: Prof. Dra. Evelise Amgarten Quitau

Co directora: Prof. Dra. Viviane Teixeira Silveira

Alberto Mallada Meseguer

**De los cuerpos restringidos a los cuerpos liberados:
mujeres y cultura física en Montevideo (1903-1934)**

Tesis presentada al Programa de Maestría en Educación Física de la Universidad de la República, como requisito parcial para obtener el título de Magister en Educación Física.

Área de concentración: Educación física, cultura y sociedad.

Aprobada en Montevideo, mes del año 2024

Tribunal compuesto por:

Prof. Dra. Evelise Amgarten Quitzau (directora)

Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dra. Viviane Teixeira Silveira (codirectora)

Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dra. Paola Dogliotti Moro

Universidad de la República

Prof. Dra. Daniele Carqueijeiro De Medeiros

Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMIENTOS

A la querida Eve (Evelise), gran compañera, tutora de este trabajo y amiga, por su pasión, paciencia, escucha, complicidad y generosidad. A la querida Viviane Teixeira Silveira, por su coautoría, su lectura clara y precisa.

Al grupo de investigación en Historia de las Prácticas Corporales de Paysandú, cuyos integrantes son parte de este trabajo, con sus lecturas, aportes y cuestionamientos.

A Leticia Ogues por su profesionalidad implementada en la corrección de estilo de este trabajo.

A mi querido compañero de academia y bohemia José, pilar fundamental para ingresar al mundo de la historia.

A mi compañero de vida, Luis, quien me apoya, sostiene y empuja en todo este camino.

A mi madre, mujer, luchadora inalcanzable, quien me enseñó la entrega y la fuerza necesaria para vibrar alto.

RESUMEN

El Uruguay vivió a inicios del siglo XX un proceso de modernización, desde el punto de vista político, económico, cultural y social, que incluyó algunas propuestas de emancipación para las mujeres. Uno de los ámbitos en que es posible observar los cambios en torno al lugar de las mujeres es en los espacios de cultura física, entendida como aquel conjunto de prácticas que se relacionan con el mantenimiento, la representación y la regulación del cuerpo, asociadas a los deportes, la recreación física y el ejercicio. En este contexto las diferentes formas de moverse, las prácticas de higiene y los usos de los cuerpos fueron objeto de cuidados constantes, y se hizo énfasis en construir el imaginario sobre lo que debía ser femenino y masculino de acuerdo con los modelos hegemónicos del periodo. El objetivo de la presente investigación fue indagar en la relación entre mujeres y cultura física en Montevideo en el período 1903-1934, a través de publicaciones en la prensa uruguaya, con foco en identificar el vínculo entre la cultura física de la mujer uruguaya y el espacio social en que esta se desarrolló, a su vez indagar en las prácticas corporales que eran promovidas para las mujeres, así como analizar las representaciones de los cuerpos de las mujeres en los espacios de cultura física. A partir del análisis de revistas mundanas y deportivas publicadas en el periodo, se identificó en el comienzo del siglo una promoción más sistemática del ejercicio las mujeres, pero al transitar la década de 1920 se perciben más espacios donde se visualiza a las mujeres practicando diversos deportes, así como más libertades en sus encorsetamientos respecto a la moda. Se encontraron prácticas como las caminatas progresivas, higiénicas, la marcha o el *footing*, la regata a remo largo y yates, los concursos de pesca, los encuentros de natación, el tenis y el golf. En estas prácticas, desarrolladas en los barrios de Capurro, Playa Ramírez, Pocitos, Punta Carretas y Carrasco, aparece principalmente la clase distinguida de la sociedad uruguaya de la época. Por último, se hallaron diversas publicaciones sobre el deporte extranjero: desde España fueron presentados la práctica del fútbol coreográfico femenino, la natación, el atletismo y el deporte alpino; desde Norteamérica se recibieron divulgaciones de la natación; y desde Alemania se hallaron divulgaciones de la gimnasia femenina.

Palabras clave: historia de las mujeres, Montevideo, cultura física.

RESUMO

O Uruguai experimentou um processo de modernização no início do século XX, do ponto de vista político, econômico, cultural e social, incluindo algumas propostas para a emancipação das mulheres. Uma das áreas em que as mudanças em torno do lugar da mulher podem ser observadas é nos espaços de cultura física, entendido como aquele conjunto de práticas que estão relacionadas à manutenção, representação e regulação do corpo, associado a esportes, recreação física e exercícios. É neste contexto as diferentes formas de locomoção, práticas de higiene e usos dos corpos foram objeto de cuidado constante, construção do imaginário sobre o que deveria ser feminino e masculino segundo os modelos hegemônicos da época. O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre mulheres e cultura física em Montevideu entre 1903 e 1934, através de publicações na imprensa uruguaia, com foco na identificação do vínculo entre a cultura física das mulheres uruguaias e o espaço social em que ela se desenvolveu, ao mesmo tempo em que investigava as práticas corporais que eram promovidas para as mulheres, bem como analisava as representações dos corpos das mulheres na cultura física. espaços. A partir da análise revistas mundanas e esportivas publicadas no período, identificou-se no início do século uma promoção mais sistemática do exercício feminino, mas à medida que avançamos na década de 1920, percebem-se maiores espaços onde as mulheres são visualizadas praticando diversos esportes, bem como mais liberdade em espartilhos à moda. Pudemos encontrar práticas como caminhadas progressivas e higiênicas, ou jogging, remo longo e regatas de iatismo, competições de pesca, partidas de natação, tênis e golfe. Nessas práticas, desenvolvida nos bairros de Capurro, Playa Ramírez, Pocitos, Punta Carretas e Carrasco, aparece principalmente a classe distinta de nossa sociedade. Finalmente, encontramos várias publicações sobre esportes estrangeiros, da Espanha foi apresentada a prática coreográfica feminina de futebol, natação, atletismo e esportes alpinos; Da América do Norte recebemos principalmente anúncios sobre natação, e da Alemanha encontramos anúncios sobre ginástica feminina.

Palavras-chave: história das mulheres, Montevideu, cultura física.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. “Las ediciones de mundo uruguayo, su enorme tiraje”.....	22
Figura 2. “Tennis”	32
Figura 3. “Tennis”	33
Figura 4. “Los deportes en el mundo femenino”.....	34
Figura 5. “En el Montevideo Lawn Tennis”.....	36
Figura 6. “Los argentinos siguen siendo mejores en tennis”.....	37
Figura 7. “En Ramírez está la piscina popular del futuro”	38
Figura 8. “En Ramírez está la piscina popular del futuro”	39
Figura 9. “El indoor golf”	41
Figura 10. “Tennis”	42
Figura 11. “Certera y fina”	43
Figura 12. “Los ‘links’ del Club de Golf Uruguay Fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos”.....	45
Figura 13. “Por la copa Revista Anales de Golf”	46
Figura 14. “Una final disputada, el S.O.S. campeón femenino de volley-ball”	48
Figura 15. “La final de volley-ball femenino en Capurro”.....	49
Figura 16. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”	50
Figura 17. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”	51
Figura 18. “Mapa del departamento de Montevideo”	53
Figura 19. “En los jardines, tenis”.....	59
Figura 20. “En los jardines, tenis”.....	61
Figura 21. “Argentinos, paraguayos y uruguayos participarán en el torneo internacional de tennis”.....	62
Figura 22. “Los argentinos siguen siendo mejores en tennis...”.....	63
Figura 23. “Socios del club de tennis”	64
Figura 24. “En el Montevideo Lawn Tennis”	65
Figura 25. “Los grandes matches internacionales de tennis en el Prado”	66
Figura 26. “Las actividades femeninas en las playas”.....	67
Figura 27. “Los juegos atléticos de Malvín”	67
Figura 28. “El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos”	68
Figura 29. “Mundo Uruguayo”.....	70

Figura 30. “Los ‘links’ del Club de Golf Uruguay fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos”	72
Figura 31. “Contratapa”	73
Figura 32. “El indoor golf”	74
Figura 33. “Por la copa Revista Anales de Golf”	75
Figura 34. “Regatas de señoritas en Cartagena”	76
Figura 35. “Torneo de remo de club nacional de regatas”	77
Figura 36. “El yate timoneado por la Dra. Blanca R. de Castillo fue el ganador”	78
Figura 37. “Las tertulias de doña Rosita”	79
Figura 38. “Los primeros calores”	80
Figura 39. “En Pocitos”	81
Figura 40. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”	82
Figura 41. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”	83
Figura 42. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”	84
Figura 43. “Cultura Física en la Asociación Cristiana Femenina”	85
Figura 44. “El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos”	86
Figura 45. “La final de volley femenino en Capurro”	87
Figura 46. “Las actividades femeninas en las playas”	87
Figura 47. “El torneo femenino de natación en la playa Capurro”	88
Figura 48. “Escollera Sarandí”	90
Figura 49. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”	92
Figura 50. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”	92
Figura 51. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”	94
Figura 52. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”	95
Figura 53. “La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público”.	97
Figura 54. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”	98
Figura 55. “El futbol coreográfico femenino”	100
Figura 56. “El futbol coreográfico femenino”	101
Figura 57. “Magnífica trayectoria de la nadadora yankee Georgia Coleman”	102
Figura 58. “Antes los próximos Juegos Olímpicos los recordsman se preparan”	102
Figura 59. “A la mujer española”	104

Figura 60. “A la mujer española”	105
Figura 61. “El gran deporte en la montaña”	105
Figura 62. “Curiosidad del deporte extranjero”	106
Figura 63. “Deportes”	107
Figura 64. “Almas femeninas”	113
Figura 65. Modas: Trajes “trotteur”	116
Figura 66. “Blusón para “tennis”	117
Figura 67. “Tienda Inglesa”	118
Figura 68. “Tienda Inglesa”	119
Figura 69. “Corsé Kabo”	120
Figura 70. “Una tortura impuesta por la moda”	122
Figura 71. “Fajas”	123
Figura 72. “Fajas modeladoras”	124
Figura 73. “Tennis”	126
Figura 74. “Tennis”	126
Figura 75. “En el Círculo de Tennis”	127
Figura 76. “La señora de Cable, figura destacada del torneo “otoño” de tennis, en una bella jugada”	127
Figura 77. “Actualidad del tenis mundial”	128
Figura 78. “Moda: Sweaters”	129
Figura 79. “Modas, golf y tennis”	130
Figura 80. “Trapos y chismes”	132
Figura 81. “Curiosidad del deporte extranjero”	133
Figura 82. “Curiosidad del deporte extranjero”	134
Figura 83. “La mujer en el deporte”	135
Figura 84. “La moda - En la playa”	137
Figura 85. “Cómo se hace la moda”	138
Figura 86. “Pocitos”	138
Figura 87. “Anales Mundanos”	139
Figura 88. “Nueva Sirena”	140
Figura 89. “Natación”	140
Figura 90. “¿Cuál es “él”...?”	141
Figura 91. “La fiesta inaugural de la piletta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportara a la natación”	142

Figura 92. “La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público”	143
Figura 93. “Mundo Uruguayo”	144
Figura 94. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”	144

SUMARIO

INTRODUCCIÓN.....	12
1.1 Fuentes de la investigación.....	17
<u>1.1.1 Publicaciones mundanas</u>	<u>18</u>
<u>1.1.2 Publicaciones deportivas.....</u>	<u>24</u>
<u>1.1.3 Fuentes en imágenes</u>	<u>27</u>
1.2 Presentación de capítulos	29
2. DESDE CARRASCO HASTA CAPURRO:	
MUJERES Y CULTURA FÍSICA.....	30
2.1 Pocitos	31
2.2 Carrasco.....	35
2.3 Playa Ramírez	38
2.4 La Ciudad Vieja	40
2.5 Punta Carretas	42
2.6 Capurro.....	47
3. TENACES Y REFINADAS <i>AMATEURS</i>:	
LA PRÁCTICA DE LAS <i>SPORTSWOMEN</i>.....	54
3.1 Las elegantes peripecias del golf.....	71
3.2 Los baños de mar: ponen los músculos como una corriente eléctrica	75
3.3 Curiosidad del deporte extranjero	99
4. ELEGANCIA Y DISTINCIÓN:	
DICTADOS DE MODA “CHIC” PARA LOS DEPORTES.....	110
4.1 Vestimenta para deportes	115
4.2 Riguroso traje de baño	136
5. CONSIDERACIONES FINALES	147
BIBLIOGRAFÍA	153
FUENTES.....	160

INTRODUCCIÓN

La presente investigación se propone indagar en la relación entre mujeres y cultura física en Montevideo durante las primeras décadas del siglo XX. El estudio abarca el período 1903-1934 y se centra en analizar el vínculo entre la cultura física de la mujer uruguaya y el espacio social en que esta se desarrolló, así como en identificar las prácticas corporales que eran promovidas para las mujeres y en analizar las representaciones de los cuerpos de las mujeres en espacios de cultura física.

La delimitación del periodo está dada por las fuentes utilizadas para la investigación. Por un lado, se toma el año 1903 como una fecha clave definida por la primera presidencia de José Batlle y Ordóñez, defensor de los derechos de las mujeres y los asuntos femeninos, que “apoyó con firmeza la necesidad de ‘liberar’ a la mujer uruguaya de las ideas anticuadas y de la influencia clerical” (Lavrin, 2005, p. 405). Esta liberación de la mujer de la esfera privada del hogar alivió tensiones personales y familiares, permitió que las mujeres reunidas en los clubes intercambien ideas y demostrasen, a ellas mismas y a los demás, que no eran útiles sólo para cuidar su casa, el marido y los hijos (Lavrin, 2005).

Por su parte, Cuadro (2016, 2023) entiende que la presidencia de José Batlle y Ordóñez lideró las reformas sociales, políticas, económicas y culturales que ubicaron al Uruguay como un país avanzado en términos de derechos y libertades, y, a su vez, promulgó la implementación de leyes que promovieron la ampliación de los derechos para las mujeres. En ese contexto, se comenzó a cuestionar la fecundidad como único objetivo posible para la mujer y se realizaron esfuerzos por construir un imaginario respecto a lo que debía ser femenino y masculino, signado por el modelo patriarcal (Barrán, 1995). En este periodo, se afianzó la idea de imaginario nacionalista, el cual era característico de una sociedad “hiperintegradora”, que terminó de ubicar al Uruguay como un “país modelo”, donde tuvo éxito la nacionalidad inclusiva con un perfil cosmopolita eurocéntrico (Caetano, 1998). En este sentido, se hace necesario entender este inicio del siglo XX como un proceso movilizador en el que primaron los cambios y los apogeos en la imagen que representaban las mujeres.

Uno de los ámbitos en que es posible observar los cambios en torno al lugar de las mujeres es la cultura física, entendida, en el sentido de Kirk (1999), como aquel conjunto de prácticas que

se relacionan con el mantenimiento, la representación y la regulación del cuerpo, asociadas a los deportes, la recreación física y el ejercicio. Esta idea nos permite entender la cultura física como aquello codificado y cambiante, y, a su vez, conectado con el presente y el pasado; “estas nociones de pasado y presente de cultura física están conectados a través de la creación de significado centrado en el cuerpo y por las formas de actividad física institucionalizadas” (Kirk, 1999, p. 71).

A partir del trabajo con las fuentes, se puede observar el vínculo entre mujeres y cultura física en un proceso de cierta consolidación ya entrada la década de 1930 en Uruguay. Específicamente, en el año 1934 se identificaron en las fuentes analizadas tres acontecimientos de relevancia en la participación de las mujeres en espacios destinados a la cultura física. Ellos son: la creación del Club Deportivo Femenino Capurro, la inauguración de la piscina municipal Trouville y el primer campeonato sudamericano de tenis desarrollado en Uruguay.

Por un lado, se encuentra la creación del Club Deportivo Femenino Capurro y con ella las actividades desarrolladas en la playa Capurro, las cuales son presentadas en diversas ediciones de la revista *Rush*. Si bien el club fue creado en 1933 según la revista *Rush*, es a partir de 1934 que aparece con gran fervor en las fuentes analizadas, a través de textos e imágenes que representan la participación de las mujeres en diversos espacios destinados a la cultura física.

Por otro lado, aparece la creación de la piscina municipal Trouville en 1934, sobre la cual se publicó en los números 27, 30, 34 y 35 de la revista *Rush*. En este espacio las mujeres podían practicar deportes como voleibol, gimnasia, tenis, básquetbol, hockey, atletismo y natación, estas prácticas aparecen con un objetivo claro en las fuentes consultadas: el de fortalecer su cuerpo.

La mujer ha dado su voto favorable a este nuevo atractivo de nuestras playas. La piscina Municipal será ya, para siempre, un centro de educación física y un lindo lugar de bello esparcimiento. En ella la mujer fortalecerá su cuerpo, como antes fortaleció su espíritu audaz, despierto, libre de prejuicios. Y tal vez lo más joven en este pueblo, tan joven, que casi acaba de nacer. (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 1934, 35, p. 8)

Por último, el corte de estudio en 1934 se entiende apropiado ya que fue cuando se desarrolló en Uruguay el primer campeonato sudamericano de tenis, organizado por la Asociación

Uruguay de Lawn Tennis, en el mes de febrero. El mes anterior a la realización del campeonato se desarrolló en el Circuito de Tennis, en el Prado, la selección de jugadoras y jugadores que representarían a Uruguay.

Este evento se presentó con gran entusiasmo en el número 31 de la revista *Rush*. En él participaron delegaciones de Uruguay, Argentina y Paraguay. Se implementó en cuatro etapas y se compitió en las categorías individual de caballeros, individual de damas, doble de caballeros, doble de damas y dobles mixtos.

La investigación centra el corte temporal en el año 1934, cuando comenzaron a desarrollarse las actividades en el club y la playa Capurro, se inauguró la piscina municipal Trouville y se llevó adelante el primer campeonato sudamericano de tenis, porque en cada uno de estos acontecimientos se observa una participación activa de las mujeres en espacios destinados a la cultura física, indicando una posible consolidación de su presencia en este ámbito específico de la vida pública.

La justificación de este marco temporal es acompañada por los postulados que establecen Cuadro (2016) y Lavrin (2005), quienes identifican cambios sustanciales en lo que refiere al lugar de las mujeres en la sociedad uruguaya en este periodo, cuando se acentuaron las proclamas de los movimientos feministas, cuyas primeras huellas se identifican en el inicio del siglo XX en la región del Río de la Plata. En Uruguay, transcurrida la segunda década del siglo XX se formaron las primeras asociaciones de mujeres con objetivos específicamente vinculados a la emancipación femenina (Cuadro, 2016). En este marco, Lavrin entiende que “la falta de igualdad civil habría de convertirse en obsesión entre feministas, batllistas y socialistas. Ya en 1936 las mujeres uruguayas contaban con una multitud de organizaciones femeninas y un partido feminista independiente” (Lavrin, 2005, p. 279).

En esta misma línea, tomando estudios iniciales de Mallada y Quitzeu (2020, 2022), se identifica que la década del treinta estuvo impregnada por la emergencia de algunos discursos que indicaron el vínculo de las mujeres con ideales de modernidad y con ello una ampliación del universo de la cultura física femenina uruguaya. En esta década las mujeres fueron interpeladas por ciertos parámetros de femineidad, elegancia y belleza, así como por su participación en la cultura física, la adopción de ropas más adecuadas, la ampliación de las

prácticas e, incluso, la creación de clubes deportivos específicos, como el Club Deportivo Femenino Capurro (Mallada y Quitzau, 2022).

Este vínculo entre mujeres y cultura física está siendo estudiado en países vecinos, como Brasil y Argentina. Por un lado, en Brasil, Goellner (1998, 2000, 2007) menciona que la construcción de imágenes de femineidad como posibilidad de vigilancia sobre el cuerpo y el comportamiento femenino aparece en diferentes espacios y tiempos, en diferentes formas, estrategias y discursos. La autora refiere que en ese país la revista *Educação Physica* recomendaba la natación como el deporte más adecuado para las mujeres, porque su técnica no exige demasiado desgaste físico ni una musculatura muy desarrollada. Además de la natación, la danza era ampliamente recomendada para las mujeres y se la consideraba como la actividad corporal que mejor reúne los predicados que celebran la femineidad.

En este sentido, es importante referir a los estudios de Moraes e Silva y Fontoura (2011), así como a los de Martins (2017), quienes, si bien trabajan con otros recortes temporales, toman como objeto de investigación a la relación entre la cultura física y las mujeres en Brasil. Por un lado, Moraes e Silva y Fontoura (2011) analizan los discursos especializados sobre el cuerpo femenino en un importante periódico *Educación Física Brasileña*, de los años cuarenta. Por su parte, Martins (2017), en su tesis doctoral, analiza las pedagogías para el cuerpo femenino propuestas por el discurso de la revista *Alterosa* (1939-1964).

En Argentina, Scharagrodsky (2014, 2016, 2019) refiere cómo las prácticas deportivas y gimnásticas se difundieron entre niñas y mujeres, principalmente el tenis, el voleibol, ciertas actividades atléticas, el golf, la pelota al cesto, la gimnasia estética femenina, la calistenia y la natación. También en Argentina, Bontempo (2016) indica que la mujer moderna de las primeras décadas del siglo XX estuvo inscripta en ideales de belleza asociados a prácticas deportivas como la natación, la gimnasia, la equitación y la esgrima.

Así, los antecedentes rastreados hasta el momento sobre la relación entre mujeres y cultura física en los contextos argentinos y brasileño nos ubican frente a un ideal de mujer-madre, la cual presentaba ciertas prescripciones para desarrollar determinadas prácticas corporales. ¿Y en el caso uruguayo?

Pensar en los antecedentes en nuestro país lleva al análisis realizado por Ruggiano (2016) en su tesis doctoral, que toma como objeto de investigación a los procesos de educación del cuerpo en Uruguay en el periodo 1875-1918. El autor entiende que las reglas de urbanidad resultaban más severas cuando se aplicaban a la mujer, dado que la

... educación de los cuerpos de los niños, de las mujeres, etc., que siempre serán en relación de desigualdad y subordinación respecto al cuerpo hombre, adulto, urbano, de sectores dirigentes; en términos generales, educación de los cuerpos que permita una identificación y clasificación de todas aquellas alteridades que se diferenciaban de lo que se veía a sí mismo como lo uno. (Ruggiano, 2016, p. 113)

También Dogliotti (2013) ayuda a entender ciertas desigualdades que se desarrollaron en el periodo en lo que refiere a las actividades para mujeres y hombres. La autora describe ciertas tensiones en cuanto al lugar que ocupó la mujer en las plazas de deporte, donde se la asociaba directamente con el cuidado de los niños, ya que, si bien los espacios se organizaban por sexo, en el espacio destinado a las mujeres se incluía a niños y niñas menores de 6 años. Aquí se visualiza claramente la diferencia entre la figura masculina y la femenina, mediante la reproducción y la afirmación de la simbiosis que debía existir entre la madre y los hijos, lo que limitó, coartó y restringió el desempeño de las mujeres en los espacios al aire libre, como lo son las plazas de deporte.

A partir de estos antecedentes regionales y los uruguayos, esta tesis se orienta a pensar el vínculo que existió entre mujeres y cultura física en Montevideo en el periodo 1903-1934. El objetivo central es analizar las relaciones entre mujeres y cultura física en Montevideo entre 1903 y 1934 a través de publicaciones en la prensa uruguaya. A su vez, los objetivos específicos son: a) analizar el vínculo entre la cultura física de las mujeres uruguayas y el espacio social en que esta se desarrolló; b) identificar las prácticas corporales que eran promovidas para las mujeres; y c) analizar las representaciones de los cuerpos de las mujeres en los espacios de cultura física. Las principales interrogantes que guían esta tesis son: ¿En qué espacios se desarrollaba la cultura física de las mujeres uruguayas según las publicaciones en la prensa? ¿Qué prácticas corporales eran permitidas o prohibidas para las mujeres en Montevideo entre 1903 y 1934? ¿Qué tipo de cuerpo de mujer se pretendía divulgar en Montevideo entre 1903 y 1934? ¿Cuáles eran las prescripciones con relación a las ropas utilizadas en espacios de cultura física para las mujeres de Montevideo entre 1903 y 1934?

1.1 Fuentes de la investigación

Para la historia, fuente puede ser y, de hecho, es, cualquier tipo de documento existente, cualquier realidad que pueda aportar testimonio, huella o reliquia, cualquiera sea su lenguaje (Aróstegui, 2012, p. 378). O, desde un carácter amplio y heterogéneo, “fuente histórica sería, en principio, todo aquel objeto material, instrumento o herramienta, símbolo o discurso intelectual, que proceda de la creatividad humana, a cuyo través puede inferirse algo acerca de una determinada situación social en el tiempo” (Aróstegui, 2012, p. 380). Las fuentes nos revelan testimonios¹ que presentan una diversidad casi infinita. Así, testimonio “es todo lo que el hombre dice o escribe, todo cuanto fabrica, cuanto toca puede y debe informarnos acerca de él” (Bloch, 1982[1949], p. 55).

Entre la multiplicidad de fuentes, fueron seleccionadas publicaciones periódicas que circularon durante el periodo analizado. Al decir de Martins (2003), desde el siglo XIX los periódicos ya eran utilizados como documentos pertinentes para la recopilación de información. Con el transcurso del tiempo, según la autora, se fue permitiendo y potenciando el género de las revistas como fuente de investigaciones, debido a la inmensa posibilidad de análisis que presentan estos recursos, evidenciados como soporte rico y diversificado de documentos que permiten un análisis privilegiado de los procesos históricos. En este sentido, la autora alerta acerca del riesgo que una lectura apresurada y liviana de estos materiales puede representar, demandando que quienes las tomen como fuentes las observen con la misma postura interrogativa que la exigida por cualquier otro tipo de fuente textual (Martins, 2003).

Por su parte, Zicman (1985) menciona tres ventajas al utilizar la prensa como fuente documental de historia. En primera instancia menciona la “periodicidad”, ya que a partir de los periódicos se puede realizar un rastreo día por día de la cronología de los hechos históricos. Luego habla de la “disposición espacial de la información”, que se relaciona con la disposición de los determinados actos históricos en un contexto más amplio; y, por último, refiere al “tipo de censura”, que abarca las diferentes censuras que puede haber tenido un documento. Estas

¹ Según Bloch, los testimonios son lo que expresan los documentos, lo que el investigador lee y analiza y cuya autenticidad y veracidad se esfuerza en pensar. Los textos o los documentos, aun los más claros en apariencia y los más complacientes, no hablan sino cuando se sabe interrogarlos (Bloch, 1982, p. 53).

ventajas para el análisis documental deben ser consideradas teniendo en cuenta que el investigador ya seleccionó y “*adaptou as técnicas existentes e os indicadores de análise em função do tipo específico de documento utilizado e das necessidades também específicas de cada pesquisador*” (Zicman, 1985, p. 7).

Las revistas seleccionadas para esta investigación en su gran mayoría se encuentran disponibles en el archivo de la Biblioteca Nacional y en el Portal Anáforas, sitio web que reúne distintos periódicos publicados en Uruguay desde el siglo XIX. Este portal es resultado de una acción de la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República (FIC-Udelar), cuyo objetivo es facilitar el acceso de los investigadores a este gran universo de publicaciones del país.²

Las revistas analizadas se organizan en dos grupos: publicaciones mundanas (*Anales Revista Nacional y Mundo Uruguayo*) y deportivas (*Deportes, Rush, Casos y Cosas y Sportsman*).

1.1.1 Publicaciones mundanas

En el grupo de publicaciones mundanas se encuentra *Anales Revista Nacional*, que se presentó como álbum artístico, social, literario y de actualidad de la sociedad uruguaya, centrado en notas sociales, deportivas y teatrales. Fue fundada en 1915, su director en jefe fue César Álvarez Aguilar y su director artístico, Louis Hell. Se publicó con frecuencia mensual, con una suscripción anual de \$ 10, semestral de \$ 5,50 y semanal de \$ 1. Contaba con “numerosos suscriptores, tanto de la capital como de campaña” (A nuestros suscriptores, 1915, p. 7), lo que indica que tenía una circulación nacional.

Desde su primera edición, en marzo de 1915, hasta el número 17, en 1917, la revista se llamó *Anales Mundanos*. En el número 18, su nombre pasó a ser *Anales Revista Nacional*. Este cambio de nombre se fundamenta en el número 18 con una publicación titulada “Nuevos rumbos” y centra su atención a una “consagración verdadera”, donde se superan los obstáculos y torturas a que fue sometida en la lucha inicial por parte de un pesimismo colectivo que calificó de quiméricas a las publicaciones de *Anales Mundanos*.

² Disponible en <http://anaforas.fic.edu.uy/jspui/>

La Revista Anales no se debate en el limitado círculo en que rotaba al surgir a la vida. Hoy, orgullosa de su éxito, remonta sus características hasta planos superiores y al llamarse Revista Nacional escribe una verdad que todos reconocen [...]. He aquí la razón y motivos de su cambio de título. Escapada del medio mundano para vivir en un ambiente sin limitaciones, dejó de titularse Anales Mundanos para solo llamarse ANALES [...]. Desde hoy la Revista, que en tierra uruguaya es flor exótica cuyo cultivo hasta ahora, fue secreto indescifrable, se llamará Anales y como único y honroso título, se dirá “Revista Nacional”. La Dirección. (Nuevos rumbos, *Anales Revista Nacional*, 1917, 18, p. 7)

Se considera que *Anales Revista Nacional* buscó consagrarse como una revista prestigiosa en la sociedad uruguaya, buscando a partir de su edición número 18 ampliar su misión y darle prosperidad a su empresa:

... ampliamos la misión de Anales, infundimos en su existencia nueva savia, enriquecemos su patrimonio literario y artístico y nos presentamos, con la seguridad de haber estado felices, a recoger nuevos lauros.

En una de las situaciones más críticas para el negocio periodístico, lograr darle prosperidad a una empresa, significa, sin duda, un esfuerzo, una contracción laboriosa y un apoyo colectivo, que bien hablan a favor nuestro y del público en general. Para explicar este adelanto, menester es mencionar la aceptación unánime con que el público y el comercio han recibido, en todo momento, la aparición de Anales. A ello, se debe buena parte del triunfo consagrador de la generosidad de ellos, y de las aptitudes de nosotros. [...] mayor suntuosidad en su formato, mayor selección en su material literario y artístico, ilimitación en el tema y dedicación especial a la información gráfica local. (La nota, *Anales Revista Nacional*, 1917, 20, p. 7)

Si bien no han sido encontrados estudios que tomen a esta revista como objeto de investigación, se puede inferir que esta tenía como público lector a la clase social media y alta: “Al presentar la Revista ‘Anales Mundanos’ a la culta e inteligente sociedad uruguaya [...] la vida de esta publicación será el exponente de la cultura de nuestra sociedad más selecta y dueña de los prestigios” (Aux lecteurs des Anales Mundanos, *Anales Mundanos*, 1915, 1, p. 7). Esta presentación de la revista aparece en su primer número, a cargo del director, César Álvarez Aguilar, y es acompañada en el extremo izquierdo de la página por las palabras del director artístico, Louis Hell, quien, en francés, agradeció la hospitalidad y la atención benevolente que recibió de la prensa montevideana y destacó que las publicaciones de *Anales Mundanos* estarían

centradas en destacar los eventos de una sociedad selecta como Montevideo. A su vez, de las diversas revistas analizadas *Anales Revista Nacional* es la que presenta el mayor costo de suscripción.

Por su parte, se entiende que la revista apuntaba a hombres y a mujeres. A estas últimas les dedicaba en cada número su “Página femenina”, donde se prescribían consejos de moda, de educación para la mujer, de belleza, correspondencias, poemas, cuidados del hogar y de los hijos.

Esta revista surge ante vuestros ojos como un ángulo de jardín en flor a cultivar el espíritu y la mentalidad de los que saben apreciar la virtud, la inteligencia, la distinción y la belleza de las damas uruguayas, cuyas semblanzas físicas y morales embellecerán las páginas de “Anales Mundanos”. (Aux lecteurs des Anales Mundanos, *Anales Mundanos*, 1915, 1, p. 7)

La revista toma a la mujer como aquella que “embellecerá” las páginas, desde un lugar elegante y femenino, y da cuenta de que hay dos tipos de mujeres: por un lado, las que se alejan de los ideales femeninos y, por otro, las que “guardan celosamente esa gracia que encanta y que le es peculiar a la mujer”.

Mientras algunas traducen sus ideas por medio de gestos violentos y con palabras duras tratando de imponer su voluntad por fuerza, otras, en cambio, las presentan como en un canastillo de flores encantadoras y ricamente perfumadas. La primera es la manera fuerte, dura; la segunda, la suave, dulce, cariñosa y la que debemos preferir si deseamos conseguir que se nos oiga y sobre todo que se nos haga caso. (Conversando con mis lectoras, *Anales Revista Nacional*, 1915, 1, p. 19)

En este sentido, es posible entender cómo la revista buscó reproducir ideales de elegancia femenina, belleza y suavidad a través de la imagen de las mujeres, las cuales deben “adquirir gracia y ser muy femeninas en sus gustos para llegar a ser encantadoras” (Conversando con mis lectoras, *Anales Revista Nacional*, 1915, 1, p. 19).

Dentro del grupo de las publicaciones mundanas figura *Mundo Uruguayo*, revista ilustrada semanal fundada en 1919. Aparece los miércoles, con una suscripción de \$ 0,50 por ejemplar y \$ 2,50 anual, y en el extranjero con una suscripción anual de \$ 3. Ya en la edición de 1926 se modifica su valor, con un precio por ejemplar de \$ 0,07 y una suscripción anual de \$ 3 oro, y en el extranjero con una suscripción anual de \$ 5,50 oro. En 1933 su valor pasa a ser \$ 4 por 52

números, un semestre (16 números) por \$ 2,25, el número suelto \$ 0,10, el número atrasado \$ 0,20 en América, \$ 4, 50 en España y en los demás países \$ 6,50.

La revista *Mundo Uruguayo*, editada por la agencia de publicidad Capurro y Co., lanzada con fines artísticos, en su primer número se presentaba de la siguiente manera:

Con mucho entusiasmo, plenos de esperanzas, pero serenos, venimos a ocupar nuestro puesto en las lides del periodismo; el puesto que vamos a ocupar está vacío, es el que tantas veces se ocupó por breves horas, sin que ninguno consiguiera permanecer de pie más que un momento. [...] Sólo aspiramos a que MUNDO URUGUAYO sea una publicación dedicada especialmente a los asuntos nuestros; que viva nuestra vida, que se alimente de las cosas de esta tierra, que sea hecha aquí y para aquí, eso queremos. [...] MUNDO URUGUAYO cuidara de todo lo que concierne directamente al público: dará la mejor y más amplia información gráfica. (Notas semanales. Nuestro programa, *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 3; los destacados en mayúsculas corresponden al documento original)

Respecto a su tiraje, la revista contaba con distribución tanto en la capital como en el interior del país por medio del correo central. En el número 7 de 1919 se presentó, mediante una publicación que abarca cuatro fotografías y un breve texto, el gran éxito que tuvo la revista. Una de las fotografías es acompañada por el siguiente texto: “Los 20.000 ejemplares de ‘Mundo Uruguayo’ depositados, frente a la Administración. Listos para la venta los 15.000 destinados a la Capital y para la expedición los 5.000 que van al Interior” (Las ediciones de “Mundo Uruguayo”. Su enorme tiraje, *Mundo Uruguayo*, 1919, 7, p. 2). Las restantes fotografías de la publicación indican el comienzo de la venta con la descarga de los carros a las 10:30 horas y al terminar la venta, a las 10:55, cuando ya se habían agotado “los 20.000 ejemplares quedan centenares de canillitas pidiendo más” (Las ediciones de “Mundo Uruguayo”. Su enorme tiraje, *Mundo Uruguayo*, 1919, 7, p. 2).



Figura 1. “Las ediciones de mundo uruguayo, su enorme tiraje”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 7, p. 2. Acervo: Biblioteca Nacional.

Este triunfo, desconocido en los anales del periodismo uruguayo, se debe pura y exclusivamente a la decidida protección con que nos ha alentado el público y casas avisadoras, agotando semanalmente los 20 mil ejemplares, que debidamente controlados editamos en cada número y reconociendo de esta manera los sacrificios sin cuento que implica ofrecer en estos tiempos, tirajes de tal magnitud, a pesar de la enorme suba en los papeles, tintas, clichés, y demás gastos de impresión. (Las ediciones de “Mundo Uruguayo”. Su enorme tiraje, *Mundo Uruguayo*, 1919, 7, p. 2)

El éxito de *Mundo Uruguayo* fue creciendo en el transcurso de cada número y ya en 1930 se superaron los 45.000 ejemplares. “Es este el tiraje mayor que se hace actualmente en el Uruguay. Pocos diarios y ninguna revista han llegado como Mundo Uruguayo a esta cifra que habla mucho del prestigio que ha sabido labrarse en el país” (Nuestro tiraje, *Mundo Uruguayo*, 1930, 603, p. 3).

El crecimiento de la revista no sólo se visualiza en sus tirajes, sino también en el número de páginas de cada número. Un ejemplo de esto son el número 1, con 23 páginas, y el número 798, del 26 de abril de 1934, con 80 páginas.

Las renovaciones que iba realizando la revista eran indicadas en el número correspondiente, como es el caso del 729, de 1932, donde se advierte que la revista aparecerá desde el siguiente número totalmente renovada:

... aumentadas considerablemente sus páginas todas impresas en huecograbado ampliadas sus secciones, y con material de verdadero interés nacional. Alentada por la fuerte demanda, quiere nuestra revista corresponder a las simpatías que el público le presta, haciendo reflejar en ella todas las actividades nacionales, para lo cual tiene que aumentar sus páginas y dedicar varias de ellas a la vida de los Departamentos. Ampliará las informaciones de Deportes, Modas, Biógrafos, Sección Infantil, Poesías, Historia, Sociales, etc., y hará ver, a más de los progresos que va conquistando el país, los acontecimientos que se producen en la semana. Por eso desde el próximo número tendrá MUNDO URUGUAYO mayor formato. La redacción literaria, artística y de noticias generales, ha sido aumentada en su personal. Y por eso también, desde el próximo número MUNDO URUGUAYO costará diez centésimos. [...] La Dirección. ("Mundo Uruguayo" aparecerá, desde el 5 de enero, aumentado y reformado, y todo impreso en huecograbado, *Mundo Uruguayo*, 1932, 729, p. 3; los destacados en mayúsculas corresponden al documento original)

En lo que refiere a su público lector, se identifica que estaba dirigida tanto al público masculino como al femenino. A este último destinaba una sección para abordar los consejos de belleza, los cuidados de la casa y los dictados de la moda. La moda fue un aspecto muy promovido por la revista; en su número 1 se suscribe un artículo titulado "Cómo se hace la moda", el cual advierte que en dicho espacio se realizarán prescripciones de moda de manera semanal, centradas en promover una vestimenta "chic", "tanto en la descripción de las toilettes cuyas fotografías se publiquen, como en la de todos los detalles que deben acompañarlas sombrero, cartera, guantes, calzado, etc." (Cómo se hace la moda, *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 8).

Respecto a la cultura física, la revista *Mundo Uruguayo* contaba con una sección deportiva, referida al deporte llevado adelante por hombres. Recién en el número 608, de 1930, se observa en esta sección una mención a un partido internacional femenino de hockey. En el transcurso de los 54 números analizados de esta revista las mujeres aparecen mayormente en otras

secciones, vinculadas a la cultura física conforme a conceptos de moda, belleza y elegancia, pero no en la sección deportiva.

1.1.2 Publicaciones deportivas

En el bloque de publicaciones especializadas en deporte se encuentran las revistas *Rush*, *Sportsman* y *Deportes*.

Rush se presentó como “la revista del deporte uruguayo”. Tenía una amplia cobertura de fútbol, tenis, básquetbol, remo y turf. Se destacan las entrevistas centrales a figuras deportivas del momento, acompañadas de un gran caudal de fotografías. Sus responsables eran Roberto Gómez y el periodista y dirigente Luis Franzini. Se publicaba los sábados de manera quincenal, con un precio de 10 centésimos en Uruguay y en el interior de \$ 4 anuales y \$ 2,25 semestrales.

En su edición de febrero de 1934, *Rush* indicaba que había empezado su venta en la Argentina, donde el valor era de \$ 5 anuales y \$ 3 semestrales. En Argentina el representante era Jacinto Berenguer (hijo), quien “ha sido un importante factor de innegable eficacia para nuestro éxito” (“Rush” empezó su venta en la argentina. El público y la prensa del país hermano han recibido cordialmente a nuestra revista, 1934, 31, p. 2). Este anuncio se publicó en el número 38 e incluía tres imágenes: una de ellas refleja a los canillitas porteños, que “vocean con entusiasmo nuestras revistas por las calles de Buenos Aires”; la segunda presenta a Mario Evaristo como el “wing del primer campeonato mundial del futbol”, leyendo un ejemplar de *Rush*; y, por último, aparecen dos hombres adquiriendo la publicación uruguayana. A su vez, aparece acompañado por noticias de otras publicaciones que indican el acontecimiento, como *La Razón*, *Crítica*, *República Ilustrada* y *El Mundo*.

Es justo que el deporte uruguayo tenga esa propaganda fuera de fronteras que antes no tuvo. Por sus merecimientos —pues no en balde nuestros muchachos han sido campeones olímpicos y conquistaron el Campeonato Mundial en nuestro Estadium— el deporte uruguayo necesitaba hace tiempo que se hiciera el esfuerzo que nosotros acabamos de iniciar. Creemos que tenemos el deber de hacerlo así y venciendo todos los obstáculos materiales que se oponen a ello, ahí está nuestra revista pregonando por las calles de Buenos Aires los valores uruguayos de más destaque. (“Rush” empezó su venta en la argentina. El público y la prensa del país hermano han recibido cordialmente a nuestra revista, 1934, 31, p. 2)

Se identifican dos aspectos relevantes en *Rush*: por un lado, su alcance nacional y regional, principalmente en Argentina, y, por otro, el interés constante de la revista de valorar el deporte uruguayo, realizado tanto por mujeres como por hombres.

Por su parte, la revista *Sportsman* surge en el año 1908 como publicación semanal ilustrada. Contaba con una suscripción en la capital de \$ 0,05 y en el interior de \$ 0,08. En su primer número menciona que aparecerá los jueves, pero en el número 2 señala que aparecerá los domingos. Su administrador era Carlos M. Ferrando Cricket y el redactor C. Cibils Juárez.

Nuestra Revista se dedicará, con preferencia, al football, sport que se ha arraigado en esta República en una forma que lo señala, hoy en día, como eminentemente nacional. El turf será también debidamente atendido, pues daremos programas, datos, pronósticos, etc., tanto de los hipódromos uruguayos como argentinos. Todos los sports que entre nosotros tienen cultivadores, el remo, tennis, cricket, polo, pelota, esgrima, gimnasia, tendrán más información todo lo más completa y detallada posible. Y daremos también una sección extranjera, con los detalles e informaciones que sean de interés para nuestro ambiente. (Al lector, *Sportsman*, 1908, 1 p. 6)

A partir del número 27 cambió su nombre, al fusionarse con la revista *Casos y Cosas*, y pasó a llamarse *Casos y Cosas y Sportsman*, semanario ilustrado de actualidades y deportes que se publicaba los sábados por la tarde. Su director y redactor fue Alfredo Varazi, el secretario de redacción H. Garalá Moyano y el administrador C. Cibils Juárez. Las suscripciones pasaron a valer: por mes \$ 0,20, por semestre \$ 1,20, por año \$ 2,40, por número del día \$ 0,06 y por número atrasado \$ 0,10. Esta “fusión de ahíncos”, como advierte la revista, le permitió aumentar su extensión, pasando de publicar 14 páginas en el número 26 a 32 en el número 27. Además, amplió su abordaje, incluyendo temas referidos a moda y hogar, sugerencias de belleza, consejos útiles sobre cocina, curiosidades y versos prosaicos.

Sportsman, ya robusta en sus primeros avances hacia la meta de los éxitos periodísticos, y *Casos y Cosas*, magnífica idea de casi inminente realización, se dan un fraternal abrazo y resuelven continuar juntos una campana, cuyo vasto plan — usando la zarandeada frase de muchas iniciaciones— llena vacíos notables. *Casos y Cosas Sportsman* —así se llamará el nuevo semanario— perderá su exclusividad deportiva, dedicando buena parte de sus páginas a actualidades del país y del extranjero, literaria y gráficamente expuestas. En pocas palabras, será una publicación eminentemente informativa, una miniatura de las ya veteranas revistas argentinas que

semanalmente invaden, avasalladoras, el campo de nuestra atención. (Fusión de ahíncos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 26, p. 2)

Tanto *Sportsman* como *Casos y Cosas y Sportsman*, en cada uno de sus números presentan con relevancia el desempeño deportivo de la figura masculina. En tanto, lo que refiere a las mujeres y la cultura física, en alguna de sus ediciones aparecen relacionadas con los conceptos de belleza: “Las mejores y más efectivas reglas de la cultivación de la belleza, están fundadas sobre la base científica. Todas empiezan de la idea sencilla del aire puro, del buen ejercicio y de la limpieza más absoluta” (El hogar y las modas, sugerencias de belleza, *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 28, p. 19).

Por último, la revista *Deporte* publicó su primer número el 23 de mayo de 1930, catalogada como “revista nacional ilustrada”. Su dirección en Montevideo era Misiones 1480.

Deportes se autodenominaba como “la única revista uruguaya de su género”. Era publicada con frecuencia quincenal, pero en su número 3 advierte que puede aparecer semanalmente:

... en el caso muy probable de que con motivo de los grandes acontecimientos deportivos que se aproximan “DEPORTES” apareciese en lo sucesivo semanalmente, registrá para la tarifa de abono el número de ejemplares, con la exclusión del plazo en meses o años. (Tarifa de abonos, *Deportes*, 1930, 3, p. 18)

Esos acontecimientos deportivos que se aproximaban eran el Campeonato Mundial de Fútbol, a realizarse en Montevideo, y el vasto campo que brindan la Asociación Nacional y Peñarol, Atenas y los Clubes de Regatas. Con relación a esto, la revista dio gran protagonismo a las contiendas desarrolladas en el Estadio Centenario por el Campeonato Mundial de Fútbol en varios de sus números.

Deportes fue una revista que buscó consagrarse en el contexto uruguayo. Su intención fue marcada de manera explícita en el número 1 con un artículo titulado “Necesidad de una revista deportiva Nacional”, donde se publicó una serie de entrevistas que denotan la magnífica idea de contar con una revista especializada en deportes:

Debe ser prolija, selecta, estudiosa, como cuadrada a lo que se construye con propósito de perdurabilidad, a lo que se realiza para quedar como espejo de una hora, para servir a los que amen internarse por el pretérito, sea por siempre deseo de solaz recordativo,

sea con finalidad de historiador o de exégeta. (Necesidad de una revista deportiva Nacional, *Deportes*, 1930, 1, p. 7)

Esta revista centra su atención en grabados, crónicas, récords y enseñanzas deportivas, y es “gestadora de viriles energías para más permanente y fundamentales consagraciones”. (Necesidad de una revista deportiva Nacional, *Deportes*, 1930, 1, p. 7). Es interesante resaltar el concepto de virilidad que menciona la publicación, que permite aproximarse a pensar que el lugar de las consagraciones del deporte, según esta publicación, estaría guardado para la figura masculina. De todos modos, la revista divulgó el deporte practicado por mujeres, principalmente extranjeras, así como ideas provenientes de Europa y Estados Unidos.

Son verdaderas joyas bibliográficas por su riqueza, nitidez y amplitud, las que nos llegan de Europa y Estados Unidos y ante las cuales nos extasiamos, admirando al través de sus páginas artísticas y elocuentes el espectáculo prodigioso de las grandes justas atléticas. (Necesidad de una revista deportiva Nacional, *Deportes*, 1930, 1, p. 7)

En definitiva, *Deportes* fue una revista cuyas publicaciones son de gran relevancia —aunque cuenta con escasos números en la Biblioteca Nacional—, tanto por el lugar que le dio a la mujer extranjera como por el valor que entendía debía tener la cultura física en la sociedad uruguaya.

Es de destacar que *Anales Mundanos*, *Mundo Uruguayo*, *Rush*, *Sportsman* y *Deportes* fueron revistas de circulación nacional e internacional y representaban a la sociedad uruguaya con relación a los ideales que se buscaba reproducir en el periodo estudiado.

1.1.3 Fuentes en imágenes

La delimitación en cuanto a los testimonios procedentes de las fuentes no sólo está centrada en los textos incluidos en las revistas, sino que también cobran gran valor las imágenes que en ellas aparecen.

Así, la presente investigación toma como eje central el análisis de las imágenes publicadas en las fuentes seleccionadas, ya que uno de los indicadores de búsqueda en las fuentes desde la perspectiva de género son las imágenes (Billorou y Caldo, 2019). Estas han sido “utilizadas como objetos de devoción o medios de persuasión, y para proporcionar al espectador información o placer, hace que puedan dar testimonio de las formas de religión, de los conocimientos, las creencias, los placeres, etc., del pasado” (Burke, 2005, p. 17). Según Burke

(2005), las imágenes han transitado cierta variabilidad: impresas, fotográficas, en blanco y negro y posteriormente a color. Para esta investigación se toman imágenes principalmente en blanco y negro, ya que son las que se incluyen en las fuentes analizadas.

Las imágenes fotográficas, según Sontag, suelen considerarse como un instrumento para conocer las cosas y se ponen a disposición del mundo entero como objeto de valoración:

Si las fotografías son mensajes, el mensaje es diáfano y misterioso a la vez [...]. Este congelamiento del tiempo ha producido cánones de belleza nuevos y más influyentes [...]. La capacidad de la cámara para transformar la realidad en algo bello deriva de su relativa debilidad como medio para comunicar la verdad. (2005, p. 160)

Las imágenes nos dan testimonios de los estereotipos³ respecto a un individuo o grupo determinado. No sólo reflejan la realidad social en la que están inmersas, o aquellos signos carentes de esta realidad social, sino que ocupan además diversas posiciones intermedias entre ambos extremos (Burke, 2005, p. 234).

Tomar a las imágenes como documento histórico es entender que a menudo son ambiguas y polisémicas. En palabras de Burke, es posible encontrar cuatro ideas que guían su análisis (2005, p. 239). En primer lugar, es necesario tener presente que las imágenes dan acceso a las visiones de un determinado mundo en una época dada; en segundo lugar, el testimonio que brindan las imágenes debe ser situado en una serie de contextos; en tercer lugar, una serie de imágenes puede ser más fiable que una imagen individual; y, por último, es imprescindible leer los detalles significativos que ofrece la imagen, lo cual puede brindar ciertas pistas de las fuentes que están siendo analizadas.

Por su parte, Caldo y Pellegrini (2017) conceptualizan el gran desafío del historiador al leer las imágenes como fuentes de investigación, que deben ser puestas en diálogo con textos y en contextos:

³ “El estereotipo puede no ser completamente falso, pero a menudo exagera determinados elementos de la realidad y omite otro. El estereotipo puede ser más o menos cruel, más o menos violento, pero, en cualquier caso, carece necesariamente de matices, pues el mismo modelo se aplica a situaciones culturales que difieren considerablemente unas de otras” (Burke, 2005, p. 158).

... para lo cual hay que educar el ojo lector de imágenes. Esto es, establecer series, situar en contexto, buscar autorías, analizar el soporte material de la foto (tipo de papel, color, iluminación, bordes), buscar marcas de uso, etcétera. En los últimos tiempos, una línea historiográfica que ha reconocido profusamente el valor de la imagen como fuente ha sido la que aborda a las mujeres, ya sea en clave de género o como especificidad femenina. (Caldo y Pellegrini, 2017, p. 197)

Es en este sentido que la presente investigación toma a las imágenes en clave de género. Es decir, se intenta analizar a las mujeres que en ellas aparecen, sus posturas, vestimentas, maneras de actuar, contextos y formas de relacionarse con la figura masculina, códigos que se ponen en juego a la hora de leer el gran número de imágenes que se presentan en esta tesis.

1.2 Presentación de capítulos

El trabajo se organiza en tres capítulos, el *primero* propone pensar el vínculo entre la cultura física de las mujeres uruguayas y los diversos espacios sociales en que esta cultura se desarrolló. Se centra principalmente en los barrios Carrasco, Pocitos, Punta Carretas, Playa Ramírez y Capurro, los cuales transitaron una transformación a raíz del proceso de modernización y urbanización.

En el *segundo capítulo* se desarrolla una mirada a las prácticas corporales que eran promovidas para las mujeres en el periodo estudiado y se intenta entender cuáles eran las dinámicas, características, posibilidades y limitaciones de estas prácticas desarrolladas por las mujeres.

Por su parte, en el *tercer capítulo* se presenta el análisis en torno a las representaciones de los cuerpos de las mujeres en espacios de cultura física, a través de las prescripciones con relación a las formas de vestir y de actuar de las mujeres uruguayas en estos escenarios. Se busca identificar el modelo de cuerpo que se promovía en el periodo, principalmente mediante el análisis de imágenes tomadas como fuentes para la investigación.

Por último, se presentan las consideraciones finales.

2. DESDE CARRASCO HASTA CAPURRO: MUJERES Y CULTURA FÍSICA

Este capítulo aborda el vínculo entre la cultura física de las mujeres y los diversos espacios sociales en que esta cultura se desarrolló. Se propone centrar la discusión a partir de las siguientes preguntas de investigación: ¿En qué espacios se desarrollaba la cultura física de las mujeres uruguayas según las publicaciones en la prensa? ¿Qué tipo de mujer frecuentaba estos espacios?

En tal sentido, conviene aventurarnos a definir el concepto de espacio social, el cual es entendido como el espacio práctico de la existencia cotidiana. Los agentes tienen sobre este espacio unos puntos de vista que dependen de la posición que en él ocupan y mediante los cuales a menudo se expresa su voluntad de transformarlo o conservarlo (Bourdieu, 1979). Según Bourdieu, el espacio social está determinado por el volumen y la estructura del capital, y organiza el espacio de preferencias, como las alimenticias, la vestimenta, los deportes y la cosmética (1979, p. 205).

En Montevideo del periodo estudiado se identifica a la mujer desarrollando prácticas deportivas en diferentes espacios de la ciudad, ya sean playas, clubes o jardines, ubicados principalmente en los barrios Carrasco, Pocitos, Punta Carretas, Playa Ramírez, Ciudad Vieja y Capurro. Estos espacios transitaban una transformación a raíz del proceso de modernización y urbanización de la capital, ya que a comienzos del siglo XX Uruguay era atravesado por cierto desarrollo económico, liderado por una política que apuntaba a la modernización de la ciudad (Bonicatto, 2015).

Uno de los espacios que tuvo gran relevancia en el Uruguay del periodo fue el conformado por los clubes privados. Este es el caso de los “clubes de damas”, ya que es en el comienzo del siglo XX que “el espíritu asociacionista va extendiéndose cada día más entre el bello sexo” (La señora en el club, *Anales Revista Nacional*, 1916, 12, p. 34). *Anales Revista Nacional*, en una publicación de 1916 en la sección “Página femenina”, incluía un artículo titulado “La señora en el club”, donde presentaba: “El primer club de señoras, el Liceum, se inauguró en París, y sobre su organización tenemos ya noticias aquí” (La señora en el club, *Anales Revista Nacional*, 1916, 12, p. 34).

En este club no se jugará al baccarat, ni a otra especie de juego. Pero las señoras de diferentes nacionalidades que se interesan por la literatura, las artes, la enseñanza y las obras sociales, encontrarán en él un centro de reunión, un medio de entrar en relaciones. Son clubes aristocráticos, burgueses, literarios, deportivos. [...]. En el primer piso están dispuestos dos salones que servirán para conferencias y audiencias musicales. En el segundo y tercer piso están la sala de lectura y elegantes dormitorios, destinados a las damas extranjeras, de paso en París, que deseen habitarlo. La dificultad más grave fué la del local, pues muchos propietarios se negaron a tratar con estas damas. (La señora en el club, *Anales Revista Nacional*, 1916, 12, p. 34)

Lo interesante aquí son las actividades variadas que se desarrollaban en estos espacios. Aparecen las actividades deportivas, las cuales eran destinadas a la elite, la burguesía parisina y sus visitantes. Al parecer, las mujeres que accedían a estos espacios debían cumplir con las características de las personas de la alta sociedad, idea marcada en varias de las publicaciones al referirse a estos clubes.

Pero no todas las mujeres pueden colocar sobre su cabeza la diadema de duquesa. El caso está previsto. Si una mujer es doctora en medicina o derecho, podrá inscribirse en el University Club. Si es mujer, hermana o hija de oficial, en el Ejército y la Marina. Si es escritora, en el Writeris Club o en el Lyceum Club. Este último, que posee dos mil miembros tiene asociadas en todo el imperio británico, australianas, canadienses, neozelandesas de paso en Londres y hasta indias de tez ambarina, vestidas con el traje nacional de telas multicolores y pintorescas. (La señora en el club, *Anales Revista Nacional*, 1916, 12, p. 34)

Estos ideales de espacios y mujeres, instalados en la Europa del periodo, eran reproducidos en Uruguay, donde ya en 1917 aparecían publicaciones referidas a los asociacionismos femeninos, es decir, clubes donde las mujeres desarrollaban actividades vinculadas a la cultura física.

2.1 Pocitos

Lo anterior aparece con claridad en la figura 2, donde *Anales Revista Nacional* titula su publicación “Un grupo de socias en el club de tennis Pocitos”. Allí se presenta al elegante deporte del tenis, que tiende a intensificar sus prestigios, “ya es raro hallar una residencia de los alrededores, que no cuente en su jardín con comfortable cancha de tennis” (Sports, *Anales Revista Nacional*, 1917, p. 39).



Figura 2. “Tennis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 20, p. 39. Acervo: Portal Anáforas.

En la figura 2 se muestran 17 mujeres en un club, mujeres que forman parte de un grupo selecto de señoras y señoritas, y da cuenta de cierta homogeneidad en las prendas de vestir, con vestidos blancos, que cubren gran parte de sus cuerpos. Al parecer, el uniforme del tenis, como se analizará en el capítulo 4, es imprescindible para habitar estos espacios. Esta idea concuerda con los planteos de Bourdieu (1979, p. 209), quien advierte que en el tenis se es más estricto respecto al vestuario y lo que este representa en la población burguesa, ya sean sus *shorts* o vestidos, principalmente de color blanco —que representa ideas de pureza—, canotier y calzados especiales. Este análisis de la vestimenta en estos espacios destinados a la cultura física de la mujer ayuda a entender cómo los estereotipos con relación a las maneras de vestir son más rígidos en un cierto tipo de clase social, la clase media-alta.

Este club continúa apareciendo en los números siguientes de la misma revista, por ejemplo, en el número 21, de 1917: “El club de tenis de Pocitos realizó en este mes uno de sus acostumbrados torneos” (Tennis, *Anales Revista Nacional*, 1917, 21, p. 36).



Figura 3. “Tennis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 21, p. 36. Acervo: Portal Anáforas.

Este espacio transitó por una creciente prosperidad y es “exponente de la difusión plausible de este elegante sport en nuestro medio, tuvo en este último torneo nueva comprobación. El entusiasmo que despertó este torneo sobrepasó al de los anteriores siendo las distintas pruebas seguidas con visible interés” (Sports, *Anales Revista Nacional*, 1917, 22, p. 33). Sin dudas, este deporte desarrollado en Pocitos contó con una notable organización. Así lo presentan las fuentes, como la figura 3, en la cual detrás de la jugadora se ubica una persona que cumple la función de recoger pelotas, vestida con una indumentaria acorde con los parámetros establecidos para este deporte, con sus prendas de color blanco. Esta idea ayuda a interpretar cómo las jugadoras de tenis de estos clubes privados contaban con diversos recursos para dicha práctica, idea que permite comenzar a inferir que las mujeres vinculadas a esta práctica del tenis en Pocitos pertenecían a sectores asociados a la elite de Montevideo.

En tal sentido, es posible reconocer cómo el esplendor del tenis en el barrio de Pocitos sigue presentándose en *Anales Revista Nacional* con gran protagonismo.

... entre las fervientes adeptas a los deportes, en nuestra alta sociedad, la señora María Carlota de Pena su fina y aristocrática silueta se destaca en el parterre de la Cancha de Tennis de Pocitos, donde su presencia provoca siempre el beneplácito de la prestigiosa falange que tarde a tarde allí se congrega. (Los deportes en el mundo femenino, *Anales Revista Nacional*, 1920, 56, p. 11)



Figura 4. “Los deportes en el mundo femenino”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1920, 56, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

Elegancia, aristocrática y distinción, tres conceptos que aparecen con la práctica del tenis en Pocitos. Este barrio de Montevideo ha sido considerado uno de los espacios “chic” de la ciudad, tanto en el periodo estudiado como en la actualidad.

Según Barrios Pintos, en el siglo XIX Pocitos fue un lugar donde las lavanderas, atraídas por las aguas limpias, “excavaron cachimbas o pocitos junto a la ribera y comenzaron a lavar las ropas de sus amos” (1971b, p. 4). Este barrio se vio afectado por los procesos de urbanización,

pasando de ser un espacio de arenales, donde “los juncos crecen libremente y la arena volaba impulsada por el viento, formando dunas de hasta diez metros”, a un espacio con florecimiento edilicio y una consagración social (Barrios Pintos, 1971b, p. 4).

El florecimiento de Pocitos obedeció a causas diversas que se conjugaron felizmente para determinar el brillante porvenir. Una fundamental, fue la implementación del tranvía de caballos; otra, la decisión de muchas familias del centro para constituir un balneario casi privado, ya que Ramírez era demasiado frecuentado; la tercera fue la creación de numerosos barrios constelados en su derredor que se unieron naturalmente a él y contribuyeron a facilitar el acceso a la playa. (Barrios Pintos, 1971b, p. 4)

En definitiva, a finales del siglo XIX y comienzos del XX, Pocitos constituía el punto de reunión por las mañanas y las tardes de la “*high life*” de la ciudad (Barrios Pintos, 1971b, p. 6), el cual era habitado principalmente por la alta sociedad montevideana, compuesta por familias pudientes que residían en hermosísimos chalets. En este sentido, es posible entender cómo los espacios destinados a la cultura física de las mujeres en Pocitos, tanto la playa como los diferentes clubes, apuntaban a un sector exclusivo de la sociedad.

2.2 Carrasco

Algo similar sucedía con el barrio residencial Carrasco, que fue centro de diversos torneos de tenis, tanto el campeonato sudamericano de Lawn Tennis como los diversos encuentros realizados entre exponentes uruguayos y argentinos, como se visualiza en la figura 5.



Figura 5. “En el Montevideo Lawn Tennis”

Fuente: *Rush*, 1934, 47 p. 14. Acervo: Biblioteca Nacional.

La figura 5 representa a la señora Román, quien participó de los partidos de tenis. Aquí continúan apareciendo imágenes con cierta homogeneidad en las prendas de vestir, así como en los gestos retratados al momento de la fotografía.

En la misma línea, es importante destacar que la selecta concurrencia de las aficionadas a los diferentes deportes en Carrasco se veía tanto en la cancha como entre las espectadoras.



Figura 6. “Los argentinos siguen siendo mejores en tennis”

Fuente: *Rush*, 1934, 31 p. 8. Acervo: Biblioteca Nacional.

En la figura 6 se aprecia a las aficionadas a este deporte cubiertas por vestidos, gorros, guantes y collares de perlas, y a algunos pocos aficionados con sus trajes immaculados, dominados principalmente por el color blanco. Estas características concuerdan con los planteos de Goldaracena, quien señala que Carrasco fue un barrio inspirado por los elegantes y sofisticados balnearios europeos, “donde abundaban las suntuosas residencias, los parques y jardines arbolados, y los hoteles de lujo” (1998, p. 56).

En las primeras décadas del siglo XX, las tareas organizadas por la Sociedad Anónima Balneario de Carrasco, liderada por Alfredo Arocena, Esteban Elena y José Ordeig, ponían en marcha un proceso de urbanizar de este espacio, así como la creación de un hotel de gran lujo (Fischer, 2021). Se desecaron los bañados allí ubicados, tarea llevada adelante por el ingeniero Federico Capurro, y se desarrolló un plan paisajístico organizado por el arquitecto francés Carlos Thays, el cual contó con diseño de calles y avenidas, y siembra de pinos y eucaliptus en los terrenos (Fischer, 2021, p. 151).

Este barrio en poco tiempo se convirtió en el centro de veraneo más elegante y sofisticado, a imagen y semejanza de los balnearios de Francia, Bélgica e Italia: “es que Carrasco tiene el abolengo ingenieril y arquitectónico más rancio que se pueda encontrar en el siglo XX, no solo en la región, sino en América Latina” (Fischer, 2021, p. 9). En tal sentido se puede apreciar cómo las mujeres uruguayas pertenecientes a sectores distinguidos de nuestra sociedad circularon por este espacio, tanto en las contiendas deportivas como en los eventos sociales.

2.3 Playa Ramírez

Algo muy diferente sucede en Playa Ramírez, lugar donde también se identificó la circulación de las mujeres en vínculo con la cultura física. Aquí, a diferencia de Pocitos y Carrasco, la playa era considerada uno de los espacios más populares y modestos de los balnearios montevideanos:

Los barrios más próximos a ti, son los que corresponden a las grandes aglomeraciones de gente que trabaja la mayor parte del día y no tiene tiempo para ir a buscar en las playas más alejadas la caricia del sol y del mar. (En Ramírez está la piscina popular del futuro, *Rush*, 1934, 31, p. 10)



Figura 7. “En Ramírez está la piscina popular del futuro”

Fuente: *Rush*, 1934, 31, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

Este espacio de la Playa Ramírez aparece de manera clara en las fuentes analizadas con características populares, idea que se aprecia en la figura 7, donde se visualiza un conglomerado de personas dispuestas principalmente en la arena. Esta presentación de Playa Ramírez *Rush* la titula “En Ramírez está la piscina popular del futuro. La playa que está en el corazón de la ciudad será el sanatorio de los humildes”.

Eres pequeña y tranquila, como una piscina. En tus aguas los niños no corren peligro. Estas destinada a ser piscina popular de la ciudad, cercana pequeña, tranquila y dócil [...]. Playa Ramírez; tienes un bello futuro. Ya es en realidad Ramírez la playa popular de Montevideo. (En Ramírez está la piscina popular del futuro, *Rush*, 1934, 31, p. 10)

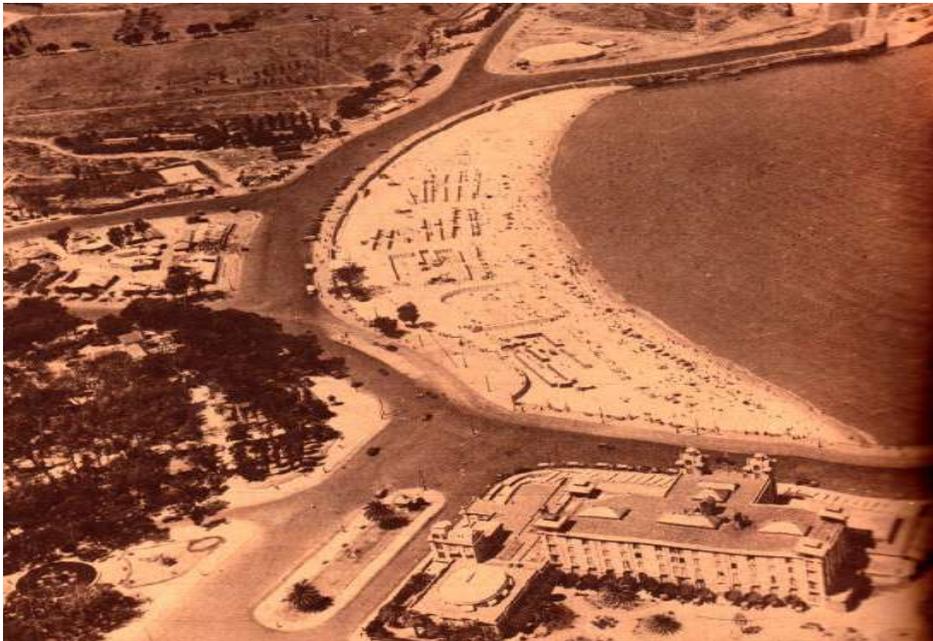


Figura 8. “En Ramírez está la piscina popular del futuro”

Fuente: *Rush*, 1934, 31, p. 10. Acervo: Biblioteca Nacional.

Tanto las referencias teóricas como las fuentes presentadas señalan que por este espacio circulaban las mujeres provenientes de grupos populares, a diferencia de lo que sucedía en “el Club de Tennis de Pocitos”, el “Montevideo Lawn Tennis” de Carrasco y el balneario Carrasco. Por estos últimos transitaban las mujeres de clase media-alta, las cuales frecuentaban lo que Bourdieu denomina “clubes elegantes, organizados alrededor de una actividad singular y

selectiva, pero que a menudo no es más que un pretexto –golf, polo, caza, caballo, tiro de pichón, vela” (1979, p. 162).

2.4 La Ciudad Vieja

La actividad deportiva no es más que un pretexto, nos plantea Bourdieu, idea que se puede visualizar en los diferentes espacios con la práctica del golf en la Montevideo del periodo. Por un lado, es posible encontrarla en el Palacio Salvo, ubicado en el inicio de la Ciudad Vieja de la capital, donde se congregaba un número de cultoras de este deporte para mantener una “amable actividad social”, en un espacio denominado “el indoor golf del Palacio Salvo”.

... la decoración del Indoor Golf constituye una verdadera atracción y que es una viva sensación de nuestra alma, y que sus acordes plásticos generosamente vertidos y ordenados matizando el grande teatro deportivo dentro del cual hemos de ser, seguramente, por la propia fatalidad del juego, los primeros y más espontáneos estilistas. (El Indoor Golf, *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38)

El Palacio Salvo, ubicado en la intersección de la Avenida 18 de Julio con la Plaza Independencia y la calle Andes, fue inaugurado el 12 de octubre de 1928, con la celebración de la Primera Exposición de la Industria Nacional. En su tipología de rascacielos, se construyó como programa multifuncional, pensado para ser un hotel que tendría restaurantes, oficinas, salones para fiestas, peluquerías, jardines de invierno y diversos locales comerciales. (Bonicatto, 2015, p. 125).

En este espacio, según Bonicatto (2015), circularon varias de las familias uruguayas de renombre, representantes de los poderes públicos. Algo similar se presenta en las fuentes estudiadas, que refieren a la selecta concurrencia que transitó por allí.

En los bajos del Palacio Salvo, dotado de una bellísima amplitud que permite la selecta concurrencia de los tenaces y refinados amateurs del juego que, apenas iniciado, ya conquista un indudable apogeo, con sus diez y ocho hoyos y su paisaje alegre que llena, claramente el aire, de perenne frescura, el campo de golf recientemente inaugurado es uno de los que se han establecido teniendo en cuenta los adelantos con que se han venido mejorando estos elegantes y amables sitios de reunión y actividad social. (El Indoor Golf, *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38)



Figura 9. “El indoor golf”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38. Acervo: Biblioteca Nacional.

El esplendor de los vestidos, las posturas, los peinados, los colores claros y estampados, los tacones altos y accesorios de guarnición, son elementos que aluden a una clara distinción de la población “chic” de la ciudad, que transitaba por estos espacios de cultura física divulgados por la prensa uruguaya.

Tanto el golf como el tenis cobran un lugar protagónico en las publicaciones de *Anales Revista Nacional*, centradas en resaltar la elegancia a la que se asocian, idea que se puede visualizar en el título de cada una de las secciones que abordan el deporte, como se observa en la figura 10. En ella se aprecia una clara alusión a los elementos de distinción, como la vestimenta de las mujeres en la práctica del tenis y el golf.

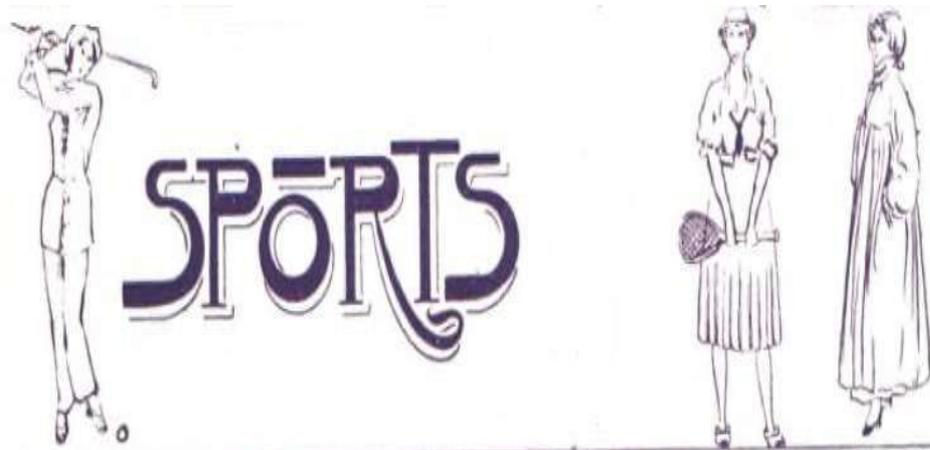


Figura 10. "Tennis"

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 20, p. 39. Acervo: Portal Anáforas.

2.5 Punta Carretas

El golf también se vio desarrollado en otro espacio de la ciudad de Montevideo, como lo es el barrio Punta Carretas, que se ubica al sur de la costa montevideana, contiguo a Pocitos y Parque Rodó. Según Vicario, su principal periodo de ocupación fue entre los años 1921 y 1945; una de las primeras viviendas construidas en la zona es la de Juan Zorrilla de San Martín,⁴ que es punto de referencia del barrio, junto con el Club La Estacada y el Club de Golf (2004, p. 16).

Un aspecto relevante de este lugar es que en el periodo estudiado en él se ubicaban algunos asentamientos irregulares y la Penitenciaría Punta Carretas, fundada en 1915, que luego, en 1991, se transformó en el Shopping Center de Punta Carretas. Esta transformación llevó a que cambiase la perspectiva del espacio. Así, según Vicario, "podemos ver cómo un barrio que en sus comienzos era puramente residencial y asociado a una gran 'tranquilidad' (según lo describen sus pobladores), se convirtió más adelante en una zona con características céntricas" (2004, p. 19).

La imagen barrial en comienzos del siglo XX, siguiendo a Vicario (2004), es radicalmente diferente a lo que hoy es Punta Carretas. Primaba en los inicios del siglo la tranquilidad, el

⁴ Juan Zorrilla de San Martín fue un escritor, periodista, docente y diplomático uruguayo.

contacto con la naturaleza, y era utilizado como balneario y barrio de pescadores, “los que concurrían los domingos a esta zona tan despoblada lo hacían por la fama de buen pesquero que tenía la punta y sus adyacentes” (Barrios Pintos, 1971b, p. 57).

En este contexto surge el distinguido Club de Golf de Punta Carretas, fundado en 1922, el cual aparece en varios números de las fuentes estudiadas. Lo relevante de este recorrido es preguntarnos cómo en un barrio de características humildes, por momentos marginales, circulaba la mujer “certera y fina”, características que aparecen como distintivas en la presentación que hace *Anales Revista Nacional* de las mujeres y su relación con la práctica del golf, esbozada en la figura 11.



Figura 11. “Certera y fina”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1934, 111, p. 35. Acervo: Portal Anáforas.

Con relación a esto, se proponen las siguientes preguntas: ¿Cuáles fueron las condiciones de posibilidad que permitieron la implementación del Club de Golf de Punta Carretas en el contexto humilde del barrio? ¿Que llevó a que se instalase un espacio de ese calibre en las

inmediaciones de una penitenciaría? Al respecto, algo advierte Barrios Pintos (1971) al analizar el barrio Punta Carretas, cuando suscribe que este espacio siempre mantuvo una vinculación con el deporte, por un lado, asociado al comienzo del fútbol uruguayo, en los finales del siglo XIX, con el Club Nacional de Fútbol y el Club Atlético Defensor, y, por otro lado, después vinculado con el golf, al construir los escoceses su cancha en 1885, que posteriormente fue destruida por el huracán de 1899. Luego, como ya se mencionó, se instaló el Club de Golf de Punta Carretas, en 1922, espacio que recibía a la elite uruguaya y extranjera. En este sentido, señala Barrios Pintos que “en agosto de 1925, año en el que se agregaron tres hoyos más en su recorrida, el Club de Golf del Uruguay recibió la visita del Príncipe de Gales, Eduardo de Windsor, quien jugó un encuentro que siempre se recuerda” (1971, p. 59).

En esta misma línea, el Club de Golf es definido en *Anales Revista Nacional* como un espacio con un singular brillo, que nuclea a las más distinguidas jugadoras. Sin lugar a dudas, este club cobró un protagonismo marcado en la cultura física de las mujeres del periodo, sobre todo de las pertenecientes a un sector específico de la sociedad. Esta idea se puede visualizar en las figuras 12 y 13, sobre todo en las formas de vestir de la jugadora, características de la población de clase alta montevideana.



Figura 12. “Los ‘links’ del Club de Golf Uruguay Fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos”

Fuente: *Rush*, 1934, 37, p. 3.

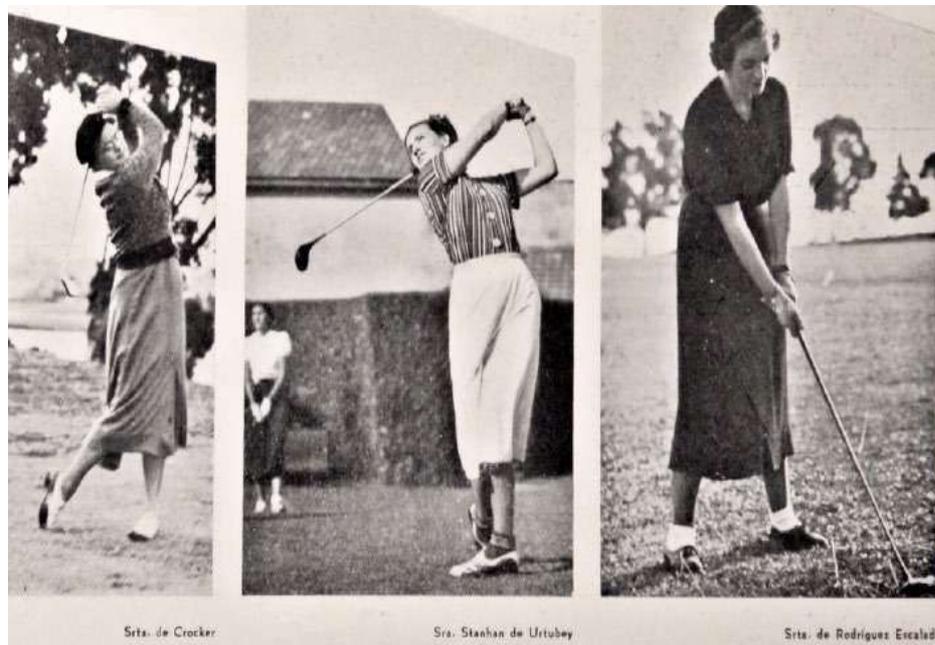


Figura 13. “Por la copa Revista Anales de Golf”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1930, 113, p. 25. Acervo: Biblioteca Nacional.

Hasta el momento hemos visto cómo el tenis y el golf realzan elementos de distinción de las mujeres que los practican en espacios específicos de la ciudad. Estos deportes no fueron “cualquier deporte”, sino que estuvieron asociados a la burguesía. Su práctica permitía a las personas procurar accesos a grupos altamente selectivos, así como a ciertos beneficios de distinción, como el bronceado y la musculatura más o menos aparente (Bourdieu, 1979, p. 17).

Es interesante mencionar que el ingreso a estos grupos selectos que desarrollaron la práctica del tenis y el golf, como menciona Bourdieu (1979, p. 214), no sólo depende de los obstáculos económicos, sino que se trata de derechos de entrada ocultos en las dinámicas de estas prácticas, como la tradición familiar, el aprendizaje precoz, la compostura, la vestimenta y las técnicas de sociabilidad. Ambos deportes, según este autor, reflejan el “gusto dominante”, son realizados en lugares reservados y separados, y su práctica se basa en un intercambio social deportivo.

Practicados en los momentos en que apetecen solo o con compañeros [...]. Al precio de un coste corporal relativamente reducido y en cualquier caso libremente determinado [...]. Estos deportes solo dan lugar a competiciones altamente ritualizadas y rígidas, más allá de los reglamentos, por las leyes escritas del fair-play:

el intercambio deportivo reviste en ellos la apariencia de un intercambio social altamente civilizado, que excluye toda violencia física y verbal y sobre todo cualquier contacto directo entre adversarios (separados con frecuencia por la propia organización del espacio de juego y por los diferentes ritos de apertura y clausura)... (Bourdieu, 1979, p. 214)

En tal sentido, a través de las fuentes analizadas y los abordajes teóricos de Bourdieu (1979), es relevante marcar cómo se distingue la práctica de los deportes según la clase social y señalar que las reglamentaciones que subyacen en el tenis y el golf excluyen a las clases populares. Por esto, se puede inferir que en las fuentes analizadas se presenta y se divulga al tenis y al golf como deportes practicados por las mujeres pertenecientes a la elite montevideana, desarrollados en espacios de clubes privados, principalmente en los barrios Pocitos, Punta Carretas y Carrasco.

2.6 Capurro

Pensar en los diferentes espacios sociales donde transitaban las mujeres en vínculo con la cultura física, nos lleva a analizar las actividades desarrolladas en el barrio Capurro, principalmente las lideradas por el emblemático club deportivo femenino Capurro. Este club en épocas de verano desplazaba las actividades a la playa, tanto las canchas de voleibol como su balsa con trampolines, que eran utilizados al mismo tiempo tanto por hombres como por mujeres.

El barrio Capurro se encuentra a las afueras de Montevideo, podríamos afirmar que al otro extremo de la ciudad en relación con el barrio residencial Carrasco. Capurro transitó un proceso de urbanización a comienzos del siglo XX, precisamente “el proceso de amanzanado y loteo comenzó hacia fines del siglo XIX, entre 1890 y 1900” (Boronat, 2012, p. 35).

Según Boronat (2012), se percibió en Capurro un crecimiento de la actividad industrial a partir de la creación del Instituto de Química Industrial, en 1912. El desarrollo de actividades industriales, comerciales y de servicios en este espacio llevó a que estuviese destinado principalmente a los obreros y empleados, y a que fuese caracterizado como un barrio industrial (Boronat, 2012, p. 47).

Desde la costa del barrio Capurro las visuales abarcan toda la extensión de la bahía, desde su extremo peninsular hasta el Cerro, lo cual lo ha dotado de cierto privilegio, situación que sigue pesando cuando se formulan proyectos para intervenir en el área.

Privilegio que comparte con la costa del barrio de nombre muy elocuente: Bella Vista [...] una playa rematada por una zona rocosa propició desde fines del siglo XIX que Capurro fuera reconocido por sus “Baños”. (Boronat, 2013, p. 19)

Uno de los grandes atractivos de este barrio eran las actividades deportivas y sociales desarrolladas en la playa en épocas de verano, algunas lideradas por mujeres, de las cuales da cuenta la revista especializada *Rush*.



Figura 14. “Una final disputada, el S.O.S. campeón femenino de volley-ball”

Fuente: *Rush*, 1934, 39, p. 12. Acervo: Biblioteca Nacional.

En la figura 14 se presenta un campeonato femenino de voleibol y en el límite externo de la cancha aparecen mujeres y hombres que disfrutaban del encuentro, con una vestimenta utilizada principalmente por la clase trabajadora, sin accesorios ni posturas rígidas típicas de la burguesía montevideana. Esto aparentemente concuerda con los indicios planteados por Boronat (2013) al referir a Capurro como un espacio habitado sobre todo por grupos populares.

Sin embargo, se observa una clara distinción, presentada a continuación, entre los espectadores y las jugadoras que están disputando el partido de voleibol entre Atenas y S.O.S.



Figura 15. “La final de volley-ball femenino en Capurro”

Fuente: *Rush*, 1934, 36, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

Las jugadoras visten uniformes, *shorts* de tiro alto y remeras blancas y oscuras, con sus respectivos pañuelos y gorros. Las jugadoras eran integrantes de diversos clubes privados, espacios en los cuales, como ya fue referido, se observan “las maneras más caras y elegantes de practicar estos deportes” (Bourdieu, 1979, p. 216). En definitiva, ¿solamente la clase obrera transitó por estos espacios destinados a la cultura física? Para profundizar en la discusión conviene referir al número 30 de *Rush*, de 1934.

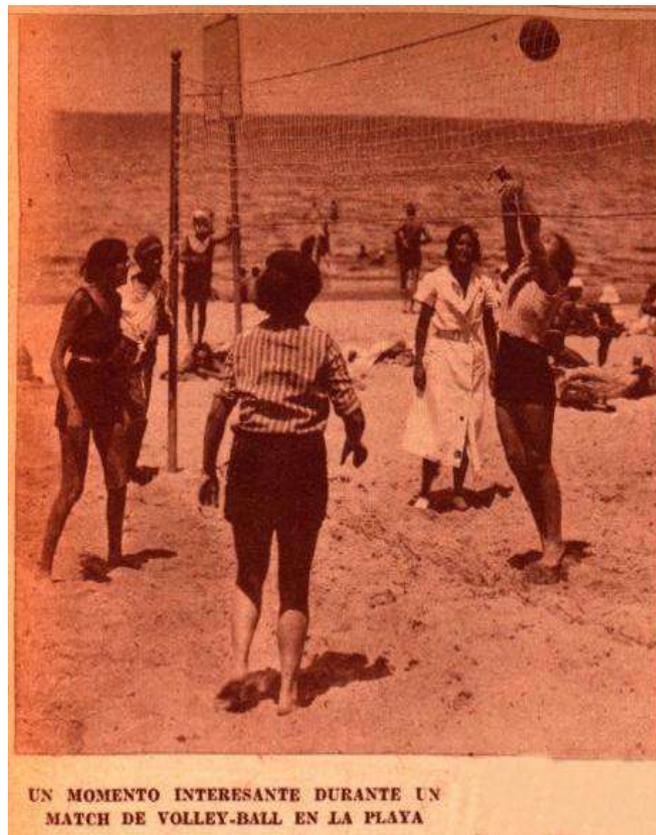


Figura 16. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 12. Acervo: Portal Anáforas.

Aquí, a diferencia de los clubes Atenas y S.O.S., se aprecia a un grupo de mujeres jugando al voleibol, al parecer de manera recreativa, sin los uniformes característicos de esos clubes, sino con maneras distendidas y diversas de vestir y actuar, lo cual lleva a identificar a la mujer perteneciente a clases populares en este tipo de prácticas.

Estas ambivalencias permiten comprender cómo este espacio de Capurro fue habitado por mujeres diversas con relación a la clase social, ya fuera las integrantes de los clubes privados como las de sectores populares. Esto habilita a reflexionar acerca de cómo un mismo espacio, una misma práctica, fue habitado por ambos grupos sociales y con ello surge la siguiente pregunta: ¿Qué sucedió en Capurro para que se produjera esta heterogeneidad de población?

Es posible entender dos niveles de la discusión, por un lado, al ser Capurro una playa pública y gratuita, circulaban personas provenientes de los sectores populares que vivían en la zona, y,

por otro, como el club deportivo femenino Capurro desplazaba sus actividades a la misma playa, trasladaba a sus socias a este espacio. Como ya se ha mencionado, no todas las mujeres estaban habilitadas a ser parte de los clubes privados, sino que podían hacerlo aquellas pertenecientes a la clase distinguida de Montevideo, que ni en la playa debían descuidar la elegancia, como se muestra en la figura 17.



Figura 17. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 13. Acervo: Biblioteca Nacional.

Lo interesante aquí es cómo ambos grupos sociales debían respetar uno de los conceptos que se ha manifestado en el transcurso del análisis de las fuentes al referirse a la cultura física de la mujer: la idea de elegancia. Más allá de la clase social, y con ella el espacio social que se habita, las mujeres siempre debían mantener una rigurosa elegancia en las prácticas destinadas a la cultura física.

De este modo, es posible sostener a partir del análisis de las fuentes que el barrio Capurro es el único espacio en el que se identifica la circulación simultánea de las diversas clases sociales en las prácticas destinadas a la cultura física de las mujeres montevideanas, a diferencia de lo que

sucedía en los ya presentados barrios Carrasco, Pocitos y Punta Carretas, que acentuaron en gran medida la distinción entre sus habitantes y los de otras zonas.

A modo de cierre del capítulo, interesa retomar que la práctica del tenis se desarrolló por la elite montevideana principalmente en los barrios de Carrasco y Pocitos, y que el golf también fue practicado por la misma población en los espacios de Punta Carretas y Palacio Salvo. Con relación a las actividades deportivas y sociales en las temporadas de verano, aparecen las mujeres pertenecientes a las clases populares habitando la Playa Ramírez, a diferencia de la circulación que se presenta en Carrasco y Pocitos, que refiere a la gente “chic” de Montevideo, y, como se refirió recientemente, en Capurro se encuentra a la mujer “libre, espontánea y diversa”, con diferentes grupos sociales de pertenencia.

Por último, en la figura 18 se presenta un mapa de Montevideo de la década de 1930, que intenta esbozar de modo gráfico la ubicación de estos diferentes espacios donde transitaban las mujeres uruguayas en vínculo con la cultura física.

3. TENACES Y REFINADAS *AMATEURS*: LA PRÁCTICA DE LAS *SPORTSWOMEN*

Las mejores y más efectivas reglas de la cultivación de la belleza, están fundadas sobre la base científica. Todas empiezan de la idea sencilla del aire puro, del buen ejercicio y de la limpieza más absoluta. El cuerpo debe de estar en estado sano; la salud y la belleza van juntas; los alimentos demasiado sazonados y todo lo que produce indigestión, se debe evitar.

El hogar y las modas, sugerencias de belleza
(*Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 28, p. 19)

En el presente capítulo se aborda la relación entre mujeres y cultura física en la Montevideo de las primeras décadas del siglo XX, con foco en identificar las prácticas corporales que eran promovidas para las mujeres del periodo estudiado a través de las publicaciones en la prensa. Para ello conviene retomar la pregunta inicial de la investigación: ¿Qué prácticas corporales eran permitidas o prohibidas para las mujeres en Montevideo entre 1903 y 1934?

Como primer elemento a considerar, interesa retomar las ideas planteadas en el capítulo 2, donde se hizo énfasis en que, en el Montevideo de inicios del siglo XX, las mujeres empezaron a transitar por algunos espacios destinados a la cultura física. Así lo señalan algunas publicaciones: “nos llama hoy la vida imperiosa, ¡la vida al aire libre, en fin y los deportes que han de hacer de echar a las montevidéanas la pereza y el hastío que han de convertirse, en alondras y ruiseñores!” (Los deportes en el mundo femenino, *Anales Revista Nacional*, 1920, 56, p. 11). Fue en este contexto donde las diferentes formas de moverse, prácticas de higiene y usos de los cuerpos fueron objeto de cuidados constantes, se “fueron trazando líneas, líneas que marcaron referencias de cómo un cuerpo-niño, como un cuerpo-adulto se debían conducir; cuándo un cuerpo-hombre y un cuerpo-mujer eran considerados bellos” (Ruggiano, 2016, p. 103).

Aquí aparecen, según Barrán, discursos que se encargaron de predicar la libertad de movimiento de niños, adolescentes y mujeres; se eliminaron los antiguos encorsetamientos y “se elogió la fortaleza muscular y el hedonismo que podían emanar de la gimnasia y el deporte” (1995, p. 264).

Se empieza a identificar una promoción más sistemática del ejercicio de las mujeres. Este es el caso de los consejos femeninos divulgados por la revista *Casos y Cosas y Sportsman*: “felizmente está en boga hacer mucho ejercicio [...] fuera de casa diariamente. En el verano se deben considerar muchas cosas, entre ellas, los alimentos, el aire fresco, el cuidado del cutis y el hacer unos buenos ejercicios diariamente” (Algunos consejos, 1908, 30, p. 20).

Esta revista a comienzos del siglo XX indicaba ciertas prescripciones de movimientos promovidos para las mujeres uruguayas y hacía énfasis en el momento de despertar a primera hora de la mañana y la necesidad de ejercicios sencillos en ese momento:

... hágase siempre, primero, algunos ejercicios sencillos, que de esta manera se da vigor a los músculos a la vez que se hacen flexibles; pero de ninguna manera se deben exceder, la moderación en todo es lo beneficioso. Estírense los brazos bien arriba de la cabeza, después a los lados, a la parte de enfrente y de atrás, dóblense los codos y échense los hombros hacia atrás y manteniendo los pies y las rodillas firmes, muévase el cuerpo hacia atrás, desde la cintura. Unos cuantos minutos es suficiente. Un poco de masaje de una misma a la cara es bueno si el método está bien. No se exceda, pues los músculos se pueden volver flácidos; déjese que sólo las puntas de los dedos trabajen hacia arriba. (El hogar y las modas, sugerencias de belleza, *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 28, p. 19)

Casos y Cosas y Sportsman, a su vez, en su número 30, continuaba advirtiendo sobre los movimientos que debían hacer las mujeres para “cautivar su belleza”, en esta oportunidad a través de la atención que se debían garantizar a los brazos, de gran importancia en los parámetros de belleza.

Es un error muy grande de llevarlos altos; los músculos de los hombros necesitan estar libres de manera que no haya ningún asomo de tiesura. Es en los hombros donde depende la gracia de movimiento de brazo. No deberíamos dejar pasar un día sin elevar los brazos sobre la cabeza a fin de ejercitar los músculos del pecho. Si los brazos son demasiado delgados es recomendable frotarlos con aceite de oliva caliente, pues el masaje es muy bueno para la piel y para las carnes. (Importancia de los brazos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 30, p. 20)

Estas prescripciones de ejercicios apuntaban a cultivar la belleza, cuidar la gracia femenina, flexibilizar los músculos y atender la línea de las mujeres uruguayas, con base en conceptos de moderación para evitar generar excesos en el desarrollo muscular.

Este cuidado de la línea sigue apareciendo en el transcurso del siglo XX. Ya en 1919 se encuentran publicaciones en la revista *Mundo Uruguayo* que vinculaban, en la sección “Moda”, la belleza y el cuidado con los deportes.

Es erróneo buscar los remedios para adelgazar fuera del orden lógico y natural de las cosas. Si se siente el deseo de conservar o de adquirir la línea, recúrrase por ejemplo, a la gimnasia, al tenis, al golf, a la bicicleta, e t c -; el sport tiene doble y benéfica acción sobre el físico y el espíritu. Las personas que por su edad o carácter no estén en condiciones de adaptarse a estos pasatiempos, más aceptables para la gente joven, pueden recurrir a las caminatas progresivas, o hacerse de una obligación dentro del manejo de la casa que les proporcione un ejercicio diario para los músculos, el que al contribuirá la disminución del peso, impide o retarda los inconvenientes del artritisismo tan general en las personas de cierta edad. (Cuidando la línea, *Mundo Uruguayo*, 1919, 15, p. 20)

Las caminatas progresivas, la marcha —o el “*footing*”, como es mencionado en el transcurso de la fuente de 1919— es considerada el mejor ejercicio para las mujeres y, de acuerdo con estas sugerencias, debe ser realizada dos horas por día, descansando cada media hora. Además, “la marcha verdaderamente higiénica es la que se hace al aire libre, y por parajes sanos y, a ser posible, por los bosques o a las orillas del mar” (Notas para el hogar, *Mundo Uruguayo*, 1919, 11, p. 20).

Lo curioso de esto es que la marcha era recomendada para las señoras de cierta edad, mientras que para las “señoritas” se prescribían prácticas como la gimnasia, el tenis, la equitación y el croquet, ya que generan elasticidad en los músculos, siempre evitando los excesos y la fatiga.

... la gimnasia, debe ser practicada con grandes cuidados, para que no ocasione un desarrollo muscular excesivo o desproporcionado. La equitación ofrece la ventaja de favorecer los paseos al aire libre. Puede ser peligrosa en ciertas épocas como la bicicleta y el automóvil. El patinaje, el “tenis” y el “croquet” son recomendables si no se hacen de ellos ejercicios diarios con aspiraciones a adquirir habilidades extraordinarias. Estos deportes obligan a hacer esfuerzos poco conformes con nuestra naturaleza delicada, y acaban por hacernos adquirir hábitos y músculos poco adecuados a la gracia femenina. El “football” y el “polo” son deportes esencialmente masculinos. (Notas para el hogar, *Mundo Uruguayo*, 1919, 11, p. 20)

Esta cita presenta un abordaje muy interesante en cuanto a las prescripciones planteadas para las mujeres. En un primer nivel, es posible analizar la clara distinción de los deportes para

mujeres y para hombres. La fuente hace evidente que tanto la bicicleta como el fútbol y el polo no son prácticas sugeridas para las mujeres; sin embargo, la razón de esto no queda explicitada a lo largo de la publicación y es posible pensar que se fundamenta en la idea de que no son propios de su naturaleza. Algo similar sucede en Argentina, donde el fútbol tampoco es promovido para las mujeres, ya que presenta una esencia masculina. En ese país también se descarta la práctica de la esgrima y las carreras de vallas por parte de las mujeres (Armus, 2016, p. 29).

En un segundo nivel, la referencia de 1919 también menciona la prohibición de la bicicleta, al parecer porque no era una práctica adecuada en las mujeres, pues podría generar sensaciones “moralmente” inadecuadas. Estos mismos discursos aparecen referenciados en los trabajos de Simpson (1998), quien estudia los debates públicos que se suscitaron cuando las mujeres comenzaron a andar en bicicleta en Nueva Zelanda de finales del siglo XIX.

La bicicleta fue un producto de ideas, diseños y tecnología modernos, y finalmente llegó a simbolizar la libertad de diversas maneras. La naturaleza de doble propósito de la bicicleta (es decir, como medio de transporte y como herramienta recreativa) permitió a las mujeres volverse más móviles física y geográficamente, así como buscar nuevas direcciones en el ocio. Proporcionó, además, mayores oportunidades para conocer y socializar con una gama más amplia de conocidos masculinos, libre de las restricciones de la etiqueta y los requisitos del acompañamiento. Como símbolo de la “Mujer Nueva”, la bicicleta representa gráficamente una amenaza a las buenas costumbres que regían el comportamiento y los movimientos de las mujeres respetables de clase media en público. (Simpson, 1998, p. 105)

En esta línea, cabe preguntarse si estos debates que se daban en Nueva Zelanda a finales del siglo XIX impactaron de alguna manera en Uruguay a inicios del siglo XX, ya que es posible encontrar indicios en las fuentes analizadas respecto a las restricciones explícitas para el uso de este elemento por las mujeres uruguayas. Lo relevante de esta comparación es que, según la autora, a comienzos del siglo XX estos debates entre ideas conservadoras y progresistas del uso de la bicicleta en Nueva Zelanda presentaron un cambio radical, ya que “para el cambio de siglo tantas mujeres montaban en bicicleta que ahora era la mujer que no montaba en bicicleta la que era motivo de comentario” (Simpson, 1998, p. 142). En definitiva, los indicios llevan a pensar que en el Uruguay de inicios de siglo aún se continuaba con un discurso conservador, al menos

en las fuentes analizadas, respecto a la restricción de la bicicleta para las mujeres uruguayas, principalmente de clase media-alta.

En un tercer nivel, las “Notas para el hogar” de *Mundo Uruguayo*, de 1919, refieren a la práctica del tenis, que se presenta con gran fervor en todas las revistas analizadas. Lo interesante de esta publicación es su recomendación para las mujeres, pero siempre con cautela y moderación, sin necesidad de “desarrollar habilidades extraordinarias”. Aquí se podría pensar que el desarrollo de estas habilidades extraordinarias quedaría prescripto para la figura masculina, ya que la mujer debía respetar los estereotipos de elegancia en sus líneas.

A su vez, este deporte merece una mención especial, según lo indica *Anales Revista Nacional*. En la práctica del tenis se identifica a las mujeres participando en los diferentes torneos desarrollados en Montevideo, con mayor énfasis en la temporada de primavera y verano, así como en los jardines de los alrededores.

Si a ese entusiasmo particular se agrega el que ofrece la actuación meritoria de las instituciones deportivas creadas al efecto, fácil es hallar la explicación del contagio que se ha operado en Montevideo donde solo los ancianos é inválidos no lo practican. Como es de orden el flirt se ha posesionado de las canchas y Cupido parece haber cambiado su arco y su flecha por una raqueta y una ball. (Un grupo de socias en el club de tennis Pocitos, *Anales Revista Nacional*, 1917, 20, p. 39)

Merece especial atención la promoción sistemática de ese deporte que comienza a observarse. Un ejemplo claro es cuando en la cita anterior se indica que “solo los ancianos é inválidos no lo practican”, es decir, se apuntaba a que las mujeres que pertenecían al club de tenis de Pocitos tomasen un lugar protagónico con esta práctica.

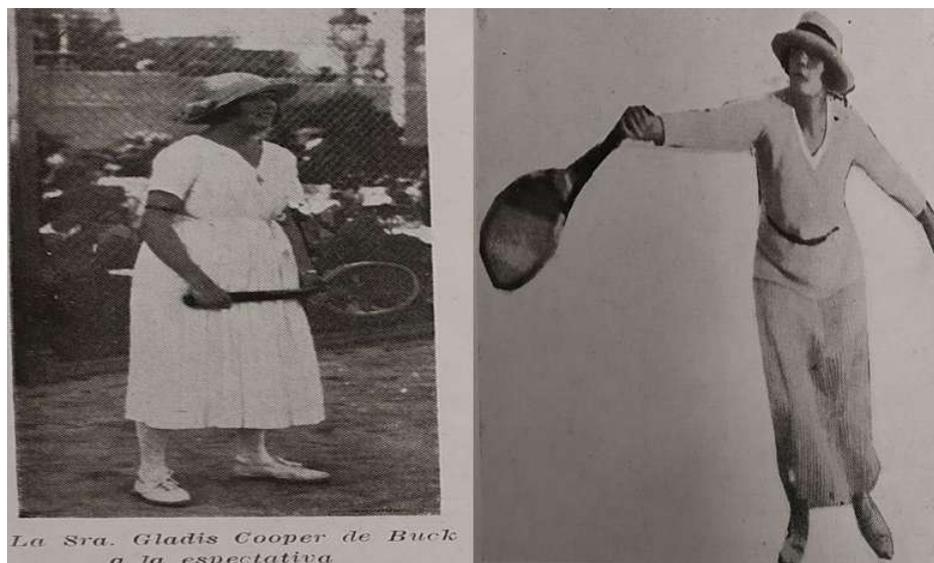


Figura 19. “En los jardines, tenis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1920, 52, p. 10. Acervo: Biblioteca Nacional.

En esta práctica se promovía la participación tanto de “señoras” como de “señoritas”, como se aprecia en la figura 19, en la que aparecen la señora Gladis Cooper de Buck, a la izquierda, y la señorita De Pena, a la derecha, quienes participaban en diversos torneos organizados en Montevideo y en Buenos Aires.

Ante una concurrencia numerosa [...] en la vecina orilla, los torneos que anualmente organizada el” Buenos Aires Lawn Tennis Club [...]. El campeonato de señoras fue ganado por la señorita P. Roadle, quien venció a la campeona de 1907, señora de Anderson, después de una breve lucha [...]. Las impresiones que traen los conocidos sportsmen son, respecto a la organización y los “hándicaps, muy favorables, por lo que merece un aplauso la Comisión del Club de tennis de Buenos Aires. (Lawn tennis. Los torneos en Buenos Aires, *Sportsman*, 1908, 3, p. 9)

En esta instancia se puede observar la destacada organización con la cual contaba el campeonato, muy diferente de lo que sucedió en el torneo que se pretendió llevar a cabo en Montevideo el 25 de mayo de 1908, que no se pudo ejecutar por el escaso número de inscriptos: “notase en estos torneos una falta de organización, quizá por la ausencia del incansable secretario, L. Griffith-Jones quien se hallaba en la vecina orilla en esa fecha” (Los últimos torneos de Montevideo, la falta organización, *Sportsman*, 1908, 3, p. 10). Este último fue

organizado bajo los auspicios del Montevideo Lawn Tennis, Bat Fives y Croquet Club, y buscaba contar con las categorías sencillos para hombres, sin ventaja, y dobles para señoras.

Algo similar sucedió el 28 de mayo del mismo año:

... por la iniciativa de la señorita de Cowell, se organizó el torneo de dobles mixtos que no se llevó a cabo el día 25, por falta de número suficiente de inscriptos, debido esto en gran parte a la falta del organizador. Este torneo fue ganado por la misma señorita de Cowell y H. Brown. Deseamos dejar constancia de que, si bien la señorita ganadora fue también la organizadora, no ganó por ninguna otra causa sino la del buen juego que ella y su compañero supieron desplegar. Hacemos esta aclaración puesto que hay una comandita que toma placer hacer creer lo contrario. Rochet (Los últimos torneos de Montevideo, la falta organización, *Sportsman*, 1908, 3, p. 10)

Ya entrada la década de 1920, no se identifican en las fuentes analizadas las dificultades presentadas por *Sportsman* en la organización de los torneos de tenis, sino que, por el contrario, el tenis tomaba un lugar protagónico, con “éxito marcado”. Este es el caso de las fiestas primaverales realizadas en los jardines del Parque Hotel, organizadas por la prestigiosa institución de Caridad Pro Master, cuya comisión de damas presidía la señora Celia Álvarez de Amézaga.⁵

El clou de esta fiesta lo constituyó el torneo de tenis en el que tomaron parte un selecto grupo de personas de nuestra sociedad. Los jardines del Parque Hotel presentaban un sobrio golpe de vista: infinidad de mesitas habían sido dispuestas para el the y grandes sombrillas de colores instaladas sobre el césped armonizaban el conjunto. (En los jardines Parque Hotel, *Anales Revista Nacional*, 1920, 52, p. 10)

⁵ Celia Álvarez de Amézaga fue la esposa de Juan José de Amézaga Landaraso, político y jurista uruguayo, presidente constitucional de Uruguay desde el 1 de marzo de 1943 al 1 de marzo de 1947.



Figura 20. “En los jardines, tenis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1920, 52, p. 10. Acervo: Biblioteca Nacional.

Tal como se presenta en la figura 20 y en la cita referida a este encuentro en el Parque Hotel, es de destacar el lugar que le ofreció *Anales Revista Nacional* a esta actividad, a la cual destinó una página exclusiva, con cuatro grandes imágenes y texto que las acompaña.

El fervor que fue cobrando la práctica de este deporte en Uruguay llevó a que en 1934 se desarrollase el Primer Campeonato Internacional de Lawn Tennis, donde participaron argentinos, paraguayos y uruguayos. Así, se señalaba: “este torneo seguramente alcanzará caracteres sensacionales, ya que todo parece creer que en él tendrán oportunidad de cotejarse los mejores jugadores amateur realmente en training” (Argentinos, paraguayos y uruguayos participarán en el torneo internacional de tennis, *Rush*, 1934, 29, p. 15). Antes de este evento se llevó adelante en el Círculo de Tenis del Prado un encuentro para seleccionar la representación que defendería a Uruguay en el campeonato internacional, como se aprecia en la figura 21.



Figura 21. “Argentinos, paraguayos y uruguayos participarán en el torneo internacional de tennis”

Fuente: *Rush*, 1934, 29, p. 15. Acervo: Biblioteca Nacional.

Este campeonato se desarrolló del 25 al 28 de enero de 1934 y las condiciones se rigieron por la reglamentación internacional de juego. Se disputaron las categorías individual de damas, individual de caballeros, doble de damas, doble de caballeros y doble mixtos, cada una de estas pruebas al mejor de tres sets. Los premios que se otorgaron fueron medallas a los ganadores de cada categoría y una copa a la asociación del país con mayor número de primeros puestos (Argentinos, paraguayos y uruguayos participarán en el torneo internacional de tennis, *Rush*, 1934, 29, p. 15).

Se acaba de dilucidar en Carrasco el primer Campeonato Sudamericano de tennis organizado por la Asociación Uruguaya de Lawn Tennis, el que contó con la concurrencia de jugadores de las nacionales, rioplatense y Paraguay, ausentes las capacitadas representaciones de Brasil y Chile por razones especiales a último momento surgidas. (Los argentinos siguen siendo mejores en tennis..., *Rush*, 1934, 31, p. 8)

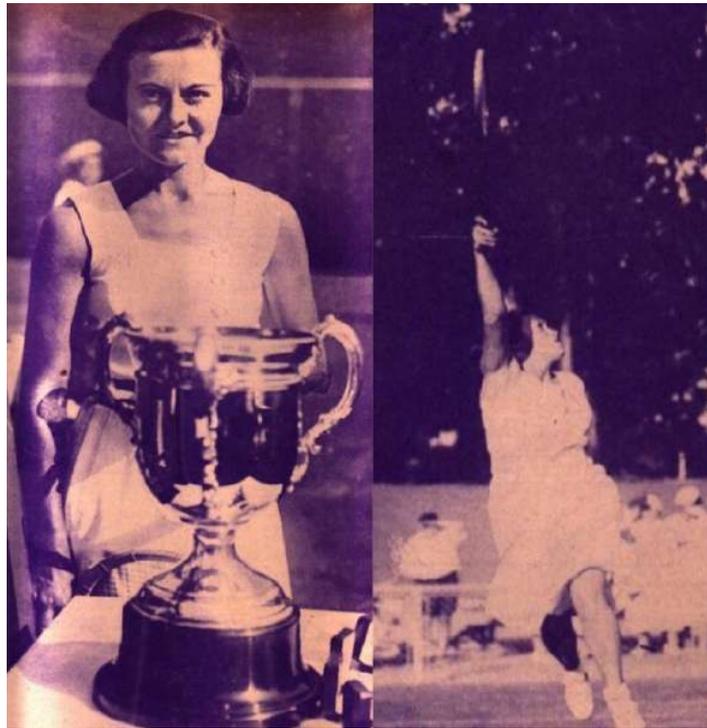


Figura 22. “Los argentinos siguen siendo mejores en tennis...”

Fuente: *Rush*, 1934, 31, p. 8. Acervo: Biblioteca Nacional.

El resultado de este evento estuvo a favor de los argentinos, como se aprecia del lado izquierdo en la figura 22. Allí, tomando la copa, se presenta a “Mónica Rickets la excelente jugadora argentina, que fue una de las figuras de mayor relieve del campeonato”. Los vecinos argentinos “no nos dejaron ganar una sola partida”. De todos modos, es llamativa la apreciación que aparece la publicación respecto a la actuación de los uruguayos y las uruguayas, “en cuanto a la calidad de nuestros amateurs es indudable que va en aumento, y de ello debemos ocuparnos en seguida como la primera grata constatación de los torneos que comentamos...” (Los argentinos siguen siendo mejores en tennis..., *Rush*, 1934, 31, p. 8). Esta idea da cuenta del proceso de consolidación que estaba iniciando la cultura física, en especial en lo que refiere al tenis, en Uruguay.

El campeonato en cuestión se jugó en cuatro etapas y tuvo una gran concurrencia de los aficionados a este deporte, ni las altas temperaturas de la estación veraniega ni la lejanía de la cancha municipal impidieron la ovación del público:

El fuerte calor reinante y la circunstancia de lo alejado del lugar escogido para la realización del campeonato no fueron así óbice para restar brillo al mismo, habiéndose colmado en la última fecha la capacidad de las instalaciones de la cancha municipal, lo cual hace pensar que en otra época del año y en un paraje más céntrico se hubiera podido reunir concurrencias de cuatro cifras. (Los argentinos siguen siendo mejores en tennis..., *Rush*, 1934, 31, p. 8)

Sin lugar a dudas, este deporte cobró un lugar “permitido” para algunas mujeres uruguayas del primer tercio del siglo XX. En cada uno de los encuentros de tenis no faltaban las categorías *single* de damas y dobles mixtos. El tenis “ha entrado, pues, según puede verse, en la afición deportiva de la ciudad, y necesario será que los dirigentes sepan aprovechar este momento de auge de que viene gozando, para imponerlo definitivamente como espectáculo... (Los argentinos siguen siendo mejores en tennis..., *Rush*, 1934, 31, p. 8).

Se aprecia su desarrollo en diversos puntos de la ciudad de Montevideo, como se analizó en el capítulo 2, desde Pocitos, Carrasco y Malvín hasta el Prado. En la figura 23 se puede apreciar un grupo “selecto”, tanto de hombres y como de mujeres, que pertenecía al Club de Tenis de Pocitos.



Figura 23. “Socios del club de tenis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1919, 42, p. 32. Acervo: Biblioteca Nacional.

Interesa destacar la disposición en la fotografía de la figura 23: las mujeres al centro y los hombres rodeándolas, lo que puede interpretarse como un símbolo de protección. A su vez, estas mujeres visten accesorios característicos de estos espacios.

Mientras tanto, en Carrasco continuaron los torneos de dobles de damas, *singles* de caballeros y dobles mixtos: “las canchas del Montevideo Lawn tenis, con motivo de la disputa del campeonato interno de esa entidad, vienen siendo escenarios de interesantes cotejos, cuya disputa es seguida con extraordinario interés por los aficionados a este deporte” (En el Montevideo Lawn Tennis, *Rush*, 1934, 47, p. 14).



Figura 24. “En el Montevideo Lawn Tennis”

Fuente: *Rush*, 1934, 47, p. 14. Acervo: Biblioteca Nacional.

En setiembre de 1930, en honor a los jugadores de tenis argentinos se realizó en el Hotel del Prado un campeonato que obtuvo gran éxito: “Sra. Marjorie W. de Cable y Horacio Sanguinetti, uruguayos y señora Julieta Ezcurra de Dellepiane y Guillermo Robson, argentinos, disputaron un match de dobles mixtos, resultandos vencedores los argentinos” (Los grandes matches

internacionales de tennis en el Prado, *Mundo Uruguayo*, 1930, 611, p. 30). Esta disputa es presentada en la figura 25, donde se ubican, red por medio, las parejas competidoras.



Figura 25. “Los grandes matches internacionales de tennis en el Prado”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1930, 611, p. 30. Acervo: Biblioteca Nacional.

Por su parte, en la playa Malvín se desarrolló un torneo de paleta, llevado adelante por mujeres.

En Malvín se ha celebrado en estos últimos días, un torneo de paletas, también para chicas, que alcanzó lucidas proporciones, por la gran acogida que entre ellas contó, y que sirvió para demostrar que la mujer debe, puede y quiere practicar los deportes, a ellas adaptables, siempre que se les ofrezca la oportunidad de llevarlos a cabo. (Las actividades femeninas en las playas, *Rush*, 1934, 35, p. 6)



Figura 26. "Las actividades femeninas en las playas".

Fuente: *Rush*, 1934, 35, p. 6. Acervo: Biblioteca Nacional.



Figura 27. "Los juegos atléticos de Malvín"

Fuente: *Rush*, 1934, 36, p. 15. Acervo: Biblioteca Nacional.

Este deporte también se presenta como una de las actividades realizadas por el Instituto Crandon⁶ en la década de 1930, lugar donde “el tenis es [...] como en todas partes uno de los deportes preferidos por la mujer” (El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos, *Rush*, 1934, 36, p. 11).



Figura 28. “El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos”

Fuente: *Rush*, 1934, 36, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

En las diversas publicaciones referidas al tenis practicado por mujeres aparecen indicadores que promueven ciertos parámetros de elegancia y belleza.

⁶ El Instituto Crandon surgió en 1879 con el nombre Escuelas Evangélicas y correspondía inicialmente a escuelas de primaria. “... las Escuelas Evangélicas se preocuparon por educar personas con participación activa en la sociedad. Con una mirada profesional desde un proceso integrador, científico y humanístico promovieron: la disciplina del pensamiento autónomo, el desenvolvimiento de la voluntad y la necesidad de una vida participativa con conciencia cívica”. En 1889 pasó a llamarse Liceo Evangélico para Niñas y este cambio se debió a que se incorporaron programas de Secundaria y se agregaron los departamentos de Inglés y de Español. Fue en 1906 cuando el Liceo Evangélico pasó a llamarse Instituto Crandon, que brinda clases especiales de idiomas inglés y francés. Con base en una concepción educativa innovadora al incluir la interculturalidad, prestaba particular atención al arte, educación musical, deportiva, canto y dibujo (<https://www.crandon.edu.uy/historia/>).

Decididamente el tennis ha consagrado en forma definitiva sus prestigios en nuestro medio. Jamás la historia sportiva ha podido anotar un caso semejante al que nos ha brindado el tennis. En un término limitado el número de cultores es tan crecido que casi puede decirse que, hoy en día, del elemento joven aquellos que no lo practican son excepciones. [...] Estos éxitos del tennis tienen su debida explicación: Por sus cualidades como ejercicio, por sus complicaciones y dificultades que acrecientan el interés, por la elegancia de que hace gala ese juego; el tennis se clasifica como el sport más perfecto y más en consonancia con nuestros caracteres. (Sports, *Anales Revista Nacional*, 1917, 22, p. 33)

Como menciona la fuente, elegancia y belleza son representaciones que acompañan al tenis. Así, se puede identificar “la belleza extraordinaria de “Rochelle”,⁷ que se aprecia con la práctica del tenis, deporte del que “la joven actriz de la Fox es entusiasta cultora. Con los simples elementos de una raqueta y una red, y el delicado marco de su extraordinaria belleza, consiguió brindarnos en estas fotos una nota singular de juventud y simpatía” (*Mundo Uruguayo*, 1934, 798, p. 21).

⁷ Rochelle Houdson fue una reconocida actriz cinematográfica estadounidense que trabajó entre las décadas de 1930 y 1960.



Figura 29. “Mundo Uruguayo”.

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1934, 798, p. 21. Acervo: Biblioteca Nacional.

Esta idea de elegancia y belleza de las mujeres, tan promovida en el Uruguay de comienzos del siglo XX, se hace visible en la “Página femenina” del número 18 de *Anales Revista Nacional*, donde se utiliza en términos metafóricos el concepto de “academias de elegancia” y se expresa que “la belleza es la suma de perfección a que puede aspirar para llegar a la educación del sentimiento, base de toda bondad y felicidad. Una educación estética se complace en el culto de la forma humana” (Academias de elegancia, *Anales Revista Nacional*, 1917, 18, p. 38). En definitiva, la elegancia y la belleza eran características que promovía el tenis.

En esta misma línea, para el Brasil de los comienzos del siglo XX, Goellner (2000) analiza la *Revista Educação Physica* y el vínculo entre la imagen del cuerpo de la mujer y las prácticas corporales y deportivas, e identifica cómo se promovía un ideal de mujer con relación a los temas de belleza, maternidad y femineidad. De acuerdo con los análisis de la autora, la *Revista Educação Physica* entiende a la belleza como el fruto de la conquista que se visibiliza mediante un esfuerzo individual y para el cual es necesario trabajo arduo y constante. En este sentido, la revista ofrece recomendaciones y consejos para el embellecimiento de las mujeres. En cuanto al concepto de la maternidad, la *Revista Educação Physica* la identifica como una función social, como un destino y un acontecimiento natural. El cuerpo femenino debería ser fuerte y sano porque es útil para la sociedad, por lo que se atribuyen diversas privaciones que tienen por

objeto proteger las características de la femineidad y preservar la fertilidad de las mujeres. En dicha revista, el “ser madre y esposa” se superpone al “ser mujer”.

Todos estos aspectos, según Goellner (2000), construyen una idea de mujer adulta joven, blanca, sana, heterosexual y de clase media, para la cual las actividades físicas y deportivas, además de estar relacionadas con la construcción de un estado satisfactorio de salud, representan ejercicios de sociabilidad que la afirman en espacios considerados como de dominio masculino.

En el caso uruguayo, la práctica del tenis revalorizó los parámetros de elegancia, gracia, distinción y belleza, “los que sólo hojeen indolentemente Anales y habrán de detenerse a contemplar rostros que, siendo tan juveniles, inspiran mayor interés que por su belleza, por la intensa expresión que parece irradiar esos ojos tan claros, o tan oscuros” (Los deportes en el mundo femenino, *Anales Revista Nacional*, 1920, 56, p. 11). Estos parámetros establecidos con la práctica del tenis fueron reproducidos por buena parte de la población de Montevideo, ya que el tenis, según las fuentes analizadas, fue un deporte practicado con gran entusiasmo por las mujeres montevidéas, principalmente las pertenecientes a los sectores distinguidos, y cobró un protagonismo singular en el Uruguay del periodo.

3.1 Las elegantes peripecias del golf

Hasta el momento, se ha abordado el tenis asignándole un lugar protagónico y se ha hecho referencia a cómo la mujer se fue abriendo camino en su práctica. Algo similar sucedió con el golf.

El golf es un deporte que se desarrolló con gran énfasis en la década de 1930, tanto al aire libre como el “*indoor*”. Este es el caso de los torneos desarrollados en el campo de Punta Carretas, donde se destaca la participación de la mujer, tal como lo muestran los textos y las imágenes que los acompañan al referirse a este deporte.

El club de Golf de Punta Carretas sigue desarrollando con gran interés de parte de los aficionados, su programa de campeonatos tan nutrido como pródigo en competencias que dan oportunidad para intervenir a jugadores de las más variadas categorías. Así, en los días pasados se efectuaron dos nuevos torneos que contaron con la concurrencia de gran número de “golfers” de ambos sexos, quienes realizaron una interesante demostración de sus capacidades actuales. Es de desear que ratifiquen su inscripción

en los mismos el Sr. Federico Croker y la Srta. Fay Croker, únicos jugadores “scratch” de la institución cuyos últimos scorers registrados en los torneos fueron promisorios. (Los “links” del Club de Golf Uruguay fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos, *Rush*, 1934, 37, p. 3)

Así como fue resaltado el tenis en *Anales Revista Nacional*, el golf practicado por mujeres lo es en la revista *Rush*, que, por ejemplo, indicaba de manera explícita el interés por conocer la *performance* de la señora de Cable (figura 30), personaje destacado del tenis uruguayo y también del golf. En el mismo número dedica una página exclusivamente a Fay Crocker (figura 31). Con esto en vista se puede apreciar como ya en la década de 1930 las mujeres vinculadas con algunas prácticas corporales no sólo aparecían en los bordes inferiores de las páginas de las revistas, sino también en lugares de gran protagonismo.



Figura 30. “Los ‘links’ del Club de Golf Uruguay fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos”

Fuente: *Rush*, 1934, 37, p. 3. Acervo: Biblioteca Nacional.



Figura 31. “Contratapa”

Fuente: *Rush*, 1934, 37, p. 16. Acervo: Biblioteca Nacional.

En la misma línea, aparece un protagonismo marcado de mujeres que participaban en los “*indoor*”. Se identifican campeonatos desarrollados en el *indoor* golf del Palacio Salvo, donde “hoy contamos, dentro de la misma base de más grande de los rascacielos de América que enorgullece a Montevideo, a un paso del centro más vivo y más sonoro de toda la urbe, un campo de golf” (El *indoor* golf, *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38) Este campo habitualmente contaba con la selecta concurrencia de los tenaces y refinados *amateurs*.

Todo se ha confiado allí a la belleza del estilo nuevo, tan armonizado con nuestro mismo gusto espiritual que hoy elimina todo aquello que no sea capaz de aligerar nuestras pupilas, que hoy rechaza todo aquello que no está dentro de nosotros mismos, tanto en el color como en la forma. [...] la presencia habitual de nuestra sociedad y contribuye, indudablemente, a que el juego se difunda aún más de lo que está entre nosotros hasta que todo lo que se haga en nuestros días, se vaya pareciendo a las elegantes peripecias del golf. ¡Es lo menos y acaso lo mejor que nos puede suceder! (El *indoor* golf, *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38)



Figura 32. “El indoor golf”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 38. Acervo: Biblioteca Nacional.

Aquí subyace claramente la intención de *Anales Revista Nacional* de promover este deporte, que no se presenta como exclusivamente de mujeres ni de hombres, sino que se muestran partidas mixtas, en espacios sociales donde las practicantes aparecen con gestos distendidos, posturas relajadas y grandes sonrisas en los rostros.

Esta publicación no sólo divulgaba los torneos de golf desarrollados por otras instituciones, sino que también la propia revista organizó el campeonato Anales de Golf, llevado adelante en el campo de Punta Carretas con un “singular brillo”.

... reunió a las más distinguidas jugadoras de nuestro medio en una lucha cuyo interés no decreció en ningún instante y que llegó a ofrecer momentos de gran emoción. El interés estuvo aumentado por otra parte, con la intervención de la campeona señorita Fay Crocker, la que no obstante conceder un handicap considerable a las demás competidoras, acompañó constantemente a las ocupantes de los primeros puestos. El triunfo correspondió a Miss Traummar, que se adjudicó por tanto la artística copa que llevaba el nombre de nuestra revista, y que dio oportunidad a la realización de la interesante reunión golfística que comentamos. (Por la copa Revista Anales de Golf, *Anales Revista Nacional*, 1930, 113, p. 25)



Figura 33. “Por la copa Revista Anales de Golf”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1930, 113, p. 25. Acervo: Biblioteca Nacional.

Tanto en la cita anterior como en la figura 33, como se analizó en el capítulo 2, se observa la distinción de la población que transitaba por los espacios en los que se practicaba este deporte. Se identifica la presencia de mujeres principalmente de la elite montevideana, pero en todas las imágenes halladas se encuentran transitando junto a hombres, en espacios sociales como el Palacio Salvo o el campo de Punta Carretas.

En la década de 1930 se identifican con mayor énfasis publicaciones referidas a la práctica del golf vinculado a conceptos como la silueta femenina, la gracia que este deporte genera en las mujeres y la sonrisa de las practicantes. Nuevamente, surgen elementos que llevan a reflexionar sobre “la bondad” de algunos deportes con elementos que favorecen la femineidad de la mujer uruguaya. En el golf es posible apreciar que, al igual que en el caso del tenis, participaban mujeres tanto jóvenes como adultas.

3.2 Los baños de mar: ponen los músculos como una corriente eléctrica

Los espacios destinados a la cultura física de las mujeres en el Montevideo del primer tercio del siglo XX no sólo eran espacios de tierra firme, sino que también se encuentran indicios de actividades promovidas para las mujeres en las playas y en las piscinas municipales. Por

ejemplo, se hallaron publicaciones uruguayas sobre regatas. Este es el caso de la revista *Casos y Cosas y Sportsman*, que se encargó de publicar, como curiosidad del deporte extranjero, la regata de señoritas en Colombia.



Figura 34. “Regatas de señoritas en Cartagena”

Fuente: *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 27, p. 6. Acervo: Portal Anáforas.

Por su parte, *Mundo Uruguayo*, en 1919, presentó un torneo de remo del Club Nacional de Regatas, en Buenos Aires, donde se aprecia a dos mujeres que participaron de ese encuentro con un hombre, quienes, cumpliendo la función de timonel, corrieron la regata a remo largo.



Figura 35. “Torneo de remo de club nacional de regatas”

Fuente: *Mundo Uruguay*, 1919, 15, p. 12. Acervo: Biblioteca Nacional.

Tanto las publicaciones de *Casos y Cosas* y *Sportsman* (figura 34) como las de *Mundo Uruguay* (figura 35) muestran curiosidades del deporte extranjero, con las actividades desarrolladas en Cartagena (Colombia) y en Buenos Aires (Argentina). Un aspecto relevante es la representación de las mujeres presentes en estas actividades, con sus sombreros y vestidos blancos, característicos del comienzo del siglo.

En lo que refiere a las regatas desarrolladas en Uruguay, se encontró una publicación de *Rush* que divulgaba una competencia de yates en Montevideo.

El sábado la bahía fue escenario de una nueva competencia de yachts interviniendo en esta oportunidad las damas como timoneles de los finkeels, lo cual hizo que la carrera despertara singular interés. Cinco fueron los yates que en ella intervinieron. [...] El triunfo correspondió a la embarcación que timoneaba la señora Blanca R. de Castillo, no antes haber tenido que bregar intensamente para conseguirlo. (El yate timoneado por la Dra. Blanca R. de Castillo fue el ganador, *Rush*, 1934, 27, p. 15)



Figura 36. “El yate timoneado por la Dra. Blanca R. de Castillo fue el ganador”.

Fuente: *Rush*, 1934, 27, p. 15. Acervo: Biblioteca Nacional.

Un aspecto para destacar de estas regatas tiene que ver con la función del timonel. Por un lado, las regatas bonaerenses de 1919 fueron realizadas por embarcaciones movidas por mujeres, pero dirigidas por un hombre; por otro, en las regatas desarrolladas en Montevideo en 1934, la tripulación está compuesta por mujeres y hombres, pero quienes llevan el timón del barco son las mujeres. Se presentan diferencias entre las regatas en cuanto al tipo de embarcación, la de Buenos Aires era de remo largo y la de Montevideo de yate a vela. De igual manera, es interesante resaltar el rol que cumple el timonel, quien es clave para contener la estabilidad de la embarcación, guiarla, motivar al resto de la tripulación y corregir aspectos técnicos si es necesario. En este sentido, se percibe que en las regatas de 1934 el rol protagónico era ocupado también por mujeres, pero, a su vez, esto tiene un doble sentido, ya que es en la función de timonel, en la que las personas no aplican fuerza en el transcurso de la competencia. Con ello ese visualiza que, por un lado, la revista destaca el rol protagónico de la mujer con su expresión “la carrera despertó singular interés” por la intervención de las damas como timoneles, pero, por otro lado, en estos casos las mujeres no son las que hacen el esfuerzo vinculado con el físico.

Más allá de las regatas de mujeres, se identifica en el Uruguay del periodo la presencia de mujeres en contextos como la playa Pocitos, Ramírez, Carrasco y Capurro, identificados como lugares donde se promovía la circulación de la mujer uruguaya.

... el baño, con su salobre pronunciado y excitante, con su frescura estremecedora, con su azul cristalino y limpio, impresiona cual inyección de vida. Es un latigazo de energía que hiere la carne y pone los músculos como una corriente eléctrica. (Punta del Este, *Anales Revista Nacional*, 1919, 38, p. 5)



Figura 37. “Las tertulias de doña Rosita”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1918, 29, p. 18. Acervo: Biblioteca Nacional.

Un punto importante a destacar de estos contextos veraniegos es la “separación por sexo en los baños de mar”. En este sentido, es posible hallar indicios que denotan cómo en el novecientos estaba instaurada la idea de la separación por sexo en los baños de mar, lo cual subyace en la publicación de *Anales Revista Nacional*, que advierte que en la época los baños mixtos seguramente inspiraran el horror de un círculo dantesco.

Podríamos asegurar que, en aquel tiempo en el que para bañarse habría que ocultar a la mirada de los otros lo que ya estaba completamente oculto, nadie se bañaría o no

pasaría el baño, de un remojin perfectamente inédito. [...] El baño de mar en Pocitos en 1900 se hacía lejos de las miradas indiscretas de los hombres. (El Pocitos del 1900, *Anales Revista Nacional*, 1930, 109, p. 20)

Algo similar indica la misma revista en 1919 respecto a la opinión de un redactor al hablar de los “famosos baños mixtos”.

Alguien me preguntó qué impresión me causaban los baños mixtos. -Si yo fuera mujer, le dije, sería decididamente contrario a estos baños. No vaya usted a creer que porque temería ruborizarme o porque claramente a indecencia o inmoralidad. Si esas toilettes son de una decencia, desesperante. Otra cosa sería si para bañarse, se quisiera usar trajes de baile. Pero es que tanto como son decentes, son feas, son prosaicas, son inestéticas; nada más desgraciados que esos trajes bajo los cuales desaparecen todo el seductor misterio de la línea; el encanto femenino se esfuma en la vulgaridad irritante de la hueca vestimenta y no creo que haya nada más a propósito para hacer perder la devoción a la mujer. La distinción muere; la gracia parece que se ha dejado olvidada, y casi le diré que hay momentos en que mis ojos todos se confunden y que no sabrían distinguir si se trata de una fragante rosa en plena primavera o de una venerable ciudadana con aspiraciones a boya. (Punta del Este, *Anales Revista Nacional*, 1919, 38, p. 5)

En contraposición a las ideas del redactor, entendidas por momentos como cosificadoras de la mujer, se encuentran publicaciones del mismo año donde son retratados por *Anales* los baños mixtos en las playas.



Figura 38. “Los primeros calores”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1919, 46, p. 16. Acervo: Biblioteca Nacional.

Algo similar sucede con la figura 39, donde se aprecia en los contextos de playa la circulación simultánea de dos mujeres con vestidos por debajo de sus rodillas, canotier y zapatos de plataforma alta; con el mismo estilo, estas mujeres se encuentran en una ronda de diálogo con un hombre, que viste un traje.



Figura 39. “En Pocitos”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1919, 38, p. 10. Acervo: Biblioteca Nacional.

A través de estas ideas es posible entender cómo surgen ambivalencias respecto a la separación por sexo. Barrán (2008) advierte que, luego de transcurrida la “cultura bárbara”, la civilidad apostó a separar los sexos a finales del siglo XIX y comienzos del XX. Por su parte, las fuentes del periodo analizadas denotan diversas posturas con relación a este tema, por momentos aparecen de manera separada y por otros se identifican mujeres y hombres participando de manera conjunta y hasta circulando en los mismos espacios destinados a los deportes.

Con respecto a esto último, ya transcurrida la década de 1920 se reconoce en las diversas playas la presencia en simultáneo de mujeres y hombres, en contextos de prácticas deportivas, como es el caso de las actividades presentadas en la figura 40, que esbozan una escena deportiva desarrollada en la playa Capurro.



Figura 40. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 13. Acervo: Biblioteca Nacional.

La revista *Rush*, en su número 30, de 1934, se refiere a este club como un lugar donde “el elemento femenino se ha revelado contra la inacción, y así ha llevado a las playas —por medio del Club Capurro— los medios para hacer deporte” (El deportivo femenino Capurro es un club de verdad, *Rush*, 1934, 30, p. 12). Las actividades llevadas adelante en la playa Capurro representan un modelo que se debía reproducir en otras playas de Montevideo.

Sin largos preámbulos nos referiremos hoy a una institución que merece ser conocida por lo que ella ha realizado en el poco tiempo que tiene de vida, y por la significación de sus iniciativas que vienen a llenar sensibles vacíos en nuestra cultura física. Esa entidad es el Club Capurro, formado por un grupo de jóvenes deportistas, y que es la primera entidad femenina de ese carácter que se organiza en el ambiente con miras de futuro, luego de la Asociación Cristiana Femenina. (El deportivo femenino Capurro es un club de verdad, *Rush*, 1934, 30, p. 13)

En este sentido, es de destacar el lugar protagónico que les dio *Rush* a las actividades desarrolladas por este club, “el Club Capurro demuestra así que comprende perfectamente lo que debe ser una playa, la tarea que se ha impuesto el Club Capurro es una cosa seria, y nos

complacemos en destacar como ejemplo” (El deportivo femenino Capurro es un club de verdad, *Rush*, 1934, 30, p. 12). En las diversas publicaciones de esta revista, en los textos y en las imágenes, aparece con gran protagonismo la mujer en vínculo con la cultura física, como en la contratapa del número 30 (figura 41).

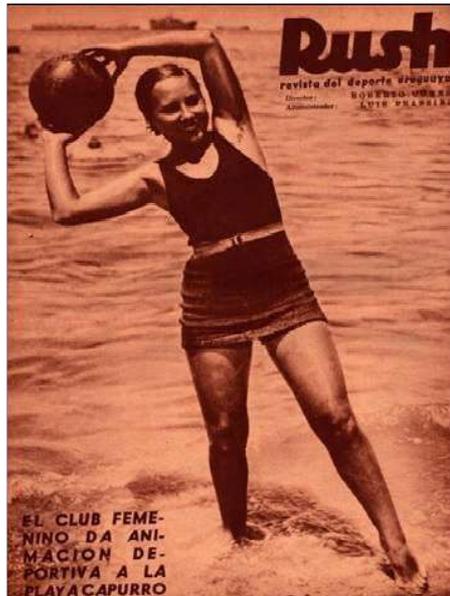


Figura 41. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 16. Acervo: Portal Anáforas.

El club Capurro, en 1934, a un año de su inauguración, se encontraba en pleno proceso de expansión; “consiguió el antiguo hotel del mismo nombre sito frente a la simpática playa de nuestra bahía, y en él se efectúan ya las reparaciones y reformas necesarias para adaptarlo a su nuevo uso” (El deportivo femenino Capurro es un club de verdad, *Rush*, 1934, 30, p. 12). Las actividades más frecuentes desarrolladas en el club y trasladadas a la playa eran voleibol, natación, tenis, básquetbol, hockey, atletismo y clases de gimnasias dictadas por la señorita Luziardo, presentadas en la figura 42.

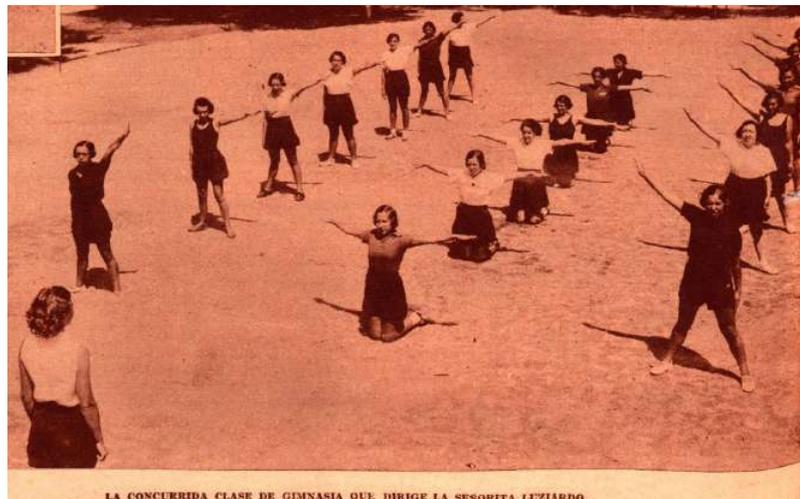


Figura 42. “El deportivo femenino Capurro es un club de verdad”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 13. Acervo: Portal Anáforas.

Otra de las instituciones presentes en las fuentes analizadas, con una clara alusión al despliegue de las mujeres en la cultura física, es la Asociación Cristiana Femenina.

... dentro de sus múltiples actividades para proporcionar bienestar general a todas las jóvenes, presta especial interés a la Cultura Física, convencida, de que, cultivando científicamente el desarrollo físico, consigue una base sobre la cual se puede regir la más alta moralidad e intelectualidad. (Cultura Física en la Asociación Cristiana Femenina, *Anales Mundanos*, p. 9, 57, 1920)

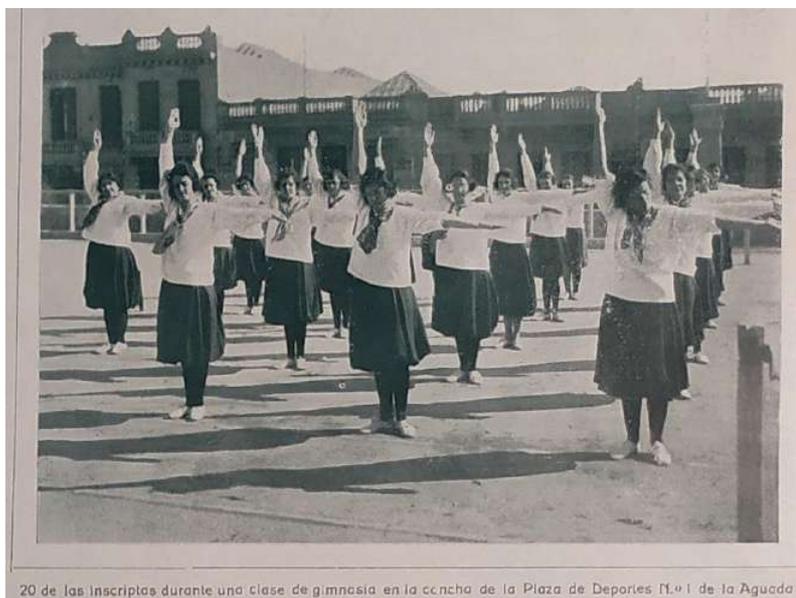


Figura 43. “Cultura Física en la Asociación Cristiana Femenina”

Fuente: *Anales Mundanos*, 1920n.57, p. 9. Acervo: Portal Anáforas.

En el mismo sentido, aparecen instituciones como el Instituto Crandon, el cual, como Capurro y la Asociación Cristiana Femenina, ofrecía amplia variedad de prácticas a un grupo de mujeres en el periodo.

No es la primera vez —ni será la última— que RUSH presta su atención a esta institución, única en su género en nuestro ambiente, que viene realizando en pro de la cultura física de la mujer una labor inigualada y por todos conceptos meritoria. [...] El Instituto Crandon acaba de iniciar sus tareas deportivas. Innecesario decir la importancia que tiene para la salud física de la raza la práctica de los deportes por parte de la mujer. En nuestro país poco se ha hecho hasta ahora oficialmente en este sentido y es, por ello, más necesario recalcar la obra de instituciones particulares que, como el Instituto Crandon, tanto y tan bien laboran por el mejoramiento de las nuevas generaciones. (El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos, *Rush*, 1934, 36, p. 11)

Estas prácticas eran dirigidas “sabiamente y con dedicación que encanta” por la señorita Queenie Coates, quien estaba al frente del Departamento Físico. Las prácticas que allí se muestran, más allá del tenis, refieren al básquetbol, ejercicios rítmicos, voleibol, gimnasia en general y acrobática, saltos y *medicine ball*.



Figura 44. “El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos”

Fuente: *Rush*, 1934, 36, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

Las actividades desarrolladas por el Crandon, la Asociación Cristiana Femenina y el club Capurro congregaron numerosas deportistas. Este es el caso del “interesantísimo campeonato de voleibol femenino” desarrollado en la playa Capurro, que tuvo un gran éxito, con más de cincuenta participantes, “el entusiasmo de las muchachas ha dado al espectáculo un brillo extraordinario y ha servido para demostrar cómo el volleyball es hoy uno de los deportes preferidos por la mujer” (La final de volley femenino en Capurro, *Rush*, 1934, 36, p. 11).



Figura 45. “La final de volley femenino en Capurro”

Fuente: *Rush*, 1934, 36, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.



Grupo de chicas que participa en los encuentros de volleyball que se realizan en Capurro

Figura 46. “Las actividades femeninas en las playas”

Fuente: *Rush*, 1934, 35, p. 6. Acervo: Biblioteca Nacional.

Por su parte, *Rush* cerraba esta serie de publicaciones referidas al club y la playa Capurro en el número 38 con las actividades vinculadas al torneo femenino de natación: “el domingo de mañana tuvo lugar en la playa Capurro el desarrollo de esta prueba un número fuerte del interesante programa de actividades atléticas, que han venido, desarrollándose con el simpático y decidido apoyo del elemento femenino” (El torneo femenino de natación en la playa Capurro,

Rush, 1934, 38, p. 13). En esta publicación aparece un texto breve indicando que se disputaron cuatro carreras: 25, 50, 100 y 400 metros estilo libre con un gran número de participantes y se incluyen tres imágenes de las ganadoras del encuentro.



Figura 47. “El torneo femenino de natación en la playa Capurro”

Fuente: *Rush*, 1934, 38, p. 13. Acervo: Biblioteca Nacional.

A través de las actividades desarrolladas tanto en la playa como en el club Capurro, es posible identificar cómo, ya transcurrida la segunda década del siglo XX, la mujer aparece ocupando ciertos lugares que hasta el momento eran del dominio masculino, idea que *Rush* se encargó de divulgar con gran fervor.

La revista RUSH, siempre ha bregado con tesón a fin de que la mujer tenga una actuación más activa en los deportes, pues en verdad no tiene razón de ser, que así no suceda. También lo ha hecho, para que las playas cuenten con una animación mayor, y se practiquen en ellas distintas clases de deportes, que saquen de su apatía a los numerosos bañistas que van ahí a recrearse, y que no tienen otra clase de diversión o pasatiempo que echarse sobre la arena, aburriéndose por lo general. (Las actividades femeninas en las playas, *Rush*, 1934, 35, p. 6)

Esta idea queda clara en la playa y el club Capurro, donde se aprecia a las mujeres “bellas y alegres”, con ciertas posturas de reivindicación, a través del despliegue deportivo que les permitió un marcado desarrollo tanto corporal como social.

La lógica reivindicativa de la mujer en vínculo con las actividades acuáticas también estuvo presente en 1923 con el protagonismo de Lilian Harrison en el cruce del Río de la Plata desde Colonia (Uruguay) hasta Punta Lara (Argentina). Este fenómeno fue estudiado por Scharagrodsky (2019) en Argentina y por Medeiros *et al.* (2023) en Uruguay, quienes analizan el lugar que le dio la prensa en estos países a esta “hazaña”. Por un lado y con gran protagonismo, surgen discursos conservadores respecto a este cruce: “Si los famosos, fornidos, intrépidos y vigorosos nadadores varones argentinos y/o uruguayos no pudieron cruzar el estuario rioplatense, entonces ninguna mujer podía lograrlo, ni siquiera la excepcional y muy bien entrenada” (*La Prensa*, 1923, p. 20, citado en Scharagrodsky, 2019, p. 222). Estos discursos deslegitimadores del lugar de las mujeres en este tipo de pruebas eran liderados por la prensa hegemónica del periodo, que incorporaba viejas tradiciones que acercaban a la mujer a conceptos de debilidad.

Por otro lado, Harrison contó en menor medida con el apoyo de la prensa no hegemónica, que utilizó la hazaña de Lilian como forma de interpelación al orden patriarcal.

En algún sentido, gracias y a pesar de la prensa, el triunfo de Lilian comenzó a cuestionar las historias de las hazañas deportivas como experiencias eminentemente masculinas; rechazó que los varones sean los únicos capacitados en afrontar peligros o situaciones extremas, puso en cuestión parte del imaginario acerca de la supuesta inferioridad física, emocional e intelectual femenina, objetó a aquellos que asociaron femineidad y desafíos físicos con imposibilidad de logros y, también, impugnó aquellas representaciones que aún sostenían, en determinados deportes, el estereotipo grácil de la femineidad tradicional. (*La Prensa*, 1923, p. 20, citado en Scharagrodsky, 2019, p. 229)

Este abordaje crítico de discursos más progresistas se acerca a lo identificado en las publicaciones de la revista especializada *Rush* referidas a la playa Capurro, donde aparece una postura reivindicativa del lugar de la mujer en los espacios destinados a la cultura física.

En la misma línea, se encuentran las divulgaciones en el Uruguay del periodo respecto a la piscina municipal Trouville. En este espacio se aprecia a la mujer con cierto protagonismo,

vinculada con actividades en el medio acuático, “bellas muchachas, de cuerpos ágil y esbeltos, de espíritu abierto y juvenil compiten con el hombre en audacia y destreza, disputándose una conquista más: la del deporte que siempre creímos reservada a sus músculos recios” (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 1934, 35, p. 8).

La revista *Rush* tomó a la piscina municipal Trouville como un espacio memorable para el vínculo de la mujer con la cultura física, donde se puede apreciar el despliegue del elemento femenino. Esta piscina fue inaugurada el 17 de febrero de 1934 y se hallaron en las fuentes analizadas dos indicios claves que denotan la necesidad de construirla. Por un lado, en una publicación de *Rush* anterior a la inauguración, se incluye un artículo que refiere a una competencia de natación desarrollada en la escollera Sarandí, en Montevideo, en la cual se aprecia la participación tanto de hombres como de mujeres.



Figura 48. “Escollera Sarandí”

Fuente: *Rush*, 1934, 27, p. 11. Acervo: Biblioteca Nacional.

Lo llamativo de esta publicación es la referencia a los inconvenientes que se producen en la bahía por la dinámica cambiante de la marea, lo cual generaba dificultades a las personas que allí participaban en las pruebas de natación: “una vez más se puso en relieve la necesidad de trasladar el concurso de natación al escenario de la pileta de Trouville” (Escollera Sarandí, *Rush*, 1934, 27, p. 11). Según esta publicación, la piscina podría ser inaugurada luego de que

se finalizase la construcción de la bomba y las diversas instalaciones. En esta misma línea, cuando se realizó la inauguración de la piscina, *Rush* dejó explícito que la pileta ofrecía facilidades “para las instalaciones del público y organización seria del espectáculo, facilidades que sin ser muchas son desde luego infinitamente superiores a las incomodidades de las Escolleras” (La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación, *Rush*, 1934, 34, p. 8).

Por otro lado, la fundamentación de la creación de la pileta Trouville que aparece en las fuentes se vincula con la sobrepoblación de las playas de Montevideo, desde Pocitos hasta Carrasco.

Cualquiera que vea en estos días la playa de Pocitos comprenderá de inmediato que la más grande e importante de nuestras playas urbanas ha llegado ya a un extremo de saturación insuperable. Ni en lo higiénico ni en lo deportivo cabe ya mayor intensidad de asistencia y el enorme cúmulo de gente que allí se congrega apenas tiene espacio para pasear ligeramente y tomar el sol. Es para algo más que las playas existen. Hay que hacer en ellas la vida integral del deporte a la orilla del mar. Hay que organizar en ellas juegos atléticos. La construcción de la gran piscina de Trouville, magnífico inicial de una atinada campaña de adaptación de nuestras playas a las necesidades de la época abre el camino a las posibilidades de Pocitos. (Será necesario realizar obras balnearias permanentes, *Rush*, 1934, 30, p. 2)

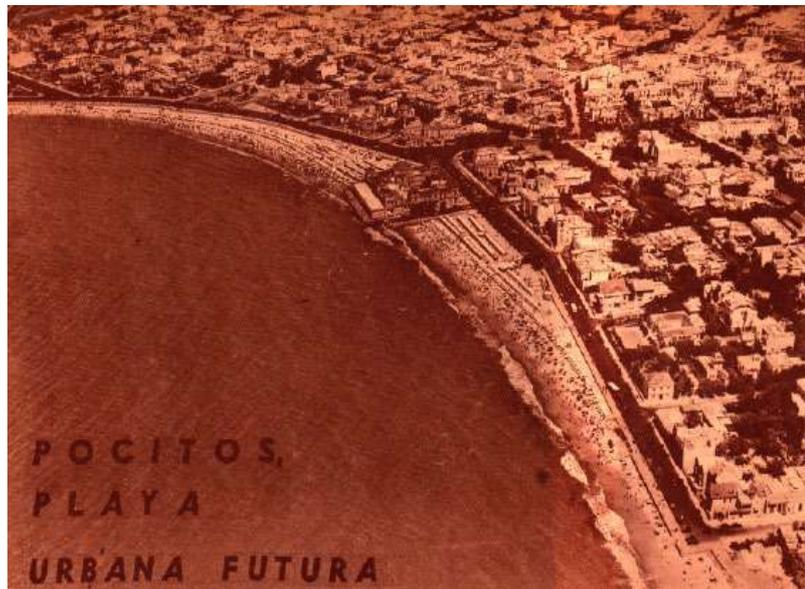


Figura 49. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 4. Acervo: Biblioteca Nacional.

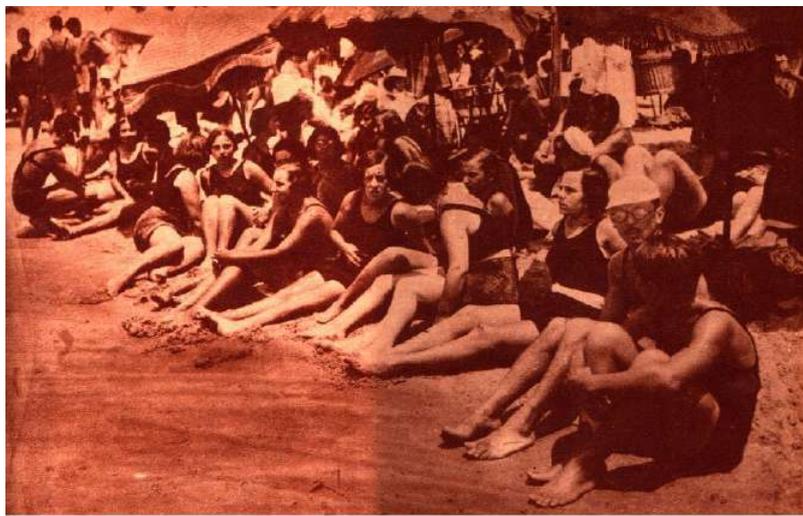


Figura 50. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 4. Acervo: Biblioteca Nacional.

En este sentido, tanto las dificultades que producía la marea en las escolleras para llevar adelante las pruebas de natación como la sobrepoblación de las playas, demostrada en las

figuras 49 y 50, se presentaban como fundamentos de la creación de la piscina municipal Trouville.

De manera similar, en Brasil, más precisamente en San Pablo, es posible encontrar indicios que sugieren cómo entre las décadas de 1910 y 1930 se empezó a pensar que el cauce del río no era el espacio más adecuado para la práctica de los deportes acuáticos, donde las fracciones de segundo son decisivas. Estas ideas son planteadas por Medeiros (2021), quien señala que las diferentes asociaciones deportivas brasileras fueron las encargadas de llevar paulatinamente estos entretenimientos a sus sedes, mediante la construcción de piscinas.

A su vez, estas afirmaciones están en consonancia con los planteos de Medeiros *et al.* (2020), que, al estudiar las transformaciones realizadas en la Travessia de São Paulo a Nado, en el río Tietê, en el periodo 1924-1944, expresan que la construcción de piscinas en los clubes fue un factor relevante para la disminución de las competencias realizadas en el río. Los cambios que terminaron por alejar las prácticas deportivas de ese espacio se debieron a la dificultad que presentaba la naturaleza de los ríos para las prácticas acuáticas y el crecimiento de las ciudades, y, con ello, la transformación de las orillas del río y la contaminación. Así, podemos señalar que los cambios que estaba transitando el Uruguay de la década del treinta, con la construcción de la piscina municipal Trouville, por ejemplo, no estaba tan alejado de lo que refieren Medeiros (2021) y Medeiros *et al.* (2020) respecto a Brasil.

En tanto, la piscina municipal Trouville cobró una gran relevancia en la época en Montevideo. La fiesta inaugural contó con 5.000 espectadores y estuvo a cargo del Club Biguá. Se realizaron exhibiciones de saltos ornamentales, carreras, demostración de waterpolo y, al cierre de la jornada, se “les dio puerta franca a los bañistas” para que disfruten de las instalaciones. Si bien esta inauguración fue muy elogiada, *Rush* se encargó de marcar sugerencias urgentes tanto en el orden higiénico como respecto a las comodidades con las que debería contar: “es imprescindible, por ejemplo, un cerco alrededor de la pileta que haga ésta exclusivamente reservada a bañistas, impidiendo el pasaje por los bordes de vendedores y particulares que llevan en sus botines todo género de suciedad” (La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación, *Rush*, 1934, 34, p. 8).



Figura 51. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”

Fuente: *Rush*, 1934, 34, p. 9. Acervo: Biblioteca Nacional.

También *Rush* sugería “colocar la muy necesaria canaleta para salivar que no falta en ninguna pileta de ningún lado, y el pequeño foso lleno de agua en el cual los bañistas puedan limpiar sus pies antes de entrar a la pileta” (La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación, *Rush*, 1934, 34, p. 8).



Figura 52. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”

Fuente: *Rush*, 1934, 34, p. 9. Acervo: Biblioteca Nacional.

En este contexto, se aprecia a la mujer en la práctica de la natación con ciertas libertades, con vestimentas acortadas, mallas en dos piezas, en la parte superior una prenda ajustada al cuerpo, sin mangas, y la parte inferior también ajustada al cuerpo, cubriendo parcialmente las piernas.

Quien iba a decir a nuestros padres - y a nosotros mismos - que un día el horizonte de la ciudad iba a verse recortado por la belleza desnuda y pujante de sus bellas mujeres. Belleza y salud - ¿Y cómo no?, si el agua y el sol tonifican sus cuerpos y el ejercicio endurece los músculos y perfecciona y moldea las líneas. (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 1934, 35, p. 8)

En contraposición a esto, se encuentran en el relato sobre la inauguración de la piscina Trouville discursos que ubican a las mujeres en la misma línea que los niños: “las carreras realizadas luego se limitaron a ser exhibición de estilos, con la excepción de aquellas en que intervinieron damas o menores, seguramente para evitar esfuerzos mayores de los consagrados, en pleno

periodo de campeonatos” (La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación, *Rush*, 1934, 34, p. 8). Es decir, la intervención de las mujeres en este espacio, ¿estuvo sujeta a la participación de los consagrados campeones?

En este sentido, renglones más abajo en la misma publicación la revista indica que “seguramente la carrera que más atención mereció del público fue la de 25 metros para damas, de la que participaron las señoritas Fay y Edith Crocker, E. Coates y Raeci” (La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación, *Rush*, 1934, 34, p. 8). Aquí se presenta una disputa con relación al lugar que se le puede haber brindado a la mujer: por un lado, se la ubica en cierto lugar de inferioridad respecto al cuerpo hombre y, por otro, se destaca y se espera su participación en la competencia de natación. Respecto a esta última idea, en 1930 encontramos textos que revalorizan el deporte practicado por las mujeres.

El deporte está llevado por la mujer, hasta el tennis en el cual la mujer aparece ya con el ideal supremo de desplazar al hombre de su récord, en todas las manifestaciones de la heroica gracia femenina, se está tentado a pensar que el deporte practicado por el hombre es de una gran facilidad vulgar y que el deporte practicado por la mujer es de una dificultad espiritual tan intensa que el hombre no es un espectáculo sino cuando se levanta la muchedumbre y asimismo es un espectáculo confuso, mientras que la mujer es más que un espectáculo, una idea del ritmo eterno, un perfil de la belleza absoluta. (El deporte, *Anales Revista Nacional*, 1930, 111, p. 35)

Con relación a estas diferentes miradas que surgen tras el análisis de la fuente, se incluye en las siguientes publicaciones de la revista la referencia a la participación en simultáneo de hombres y mujeres, por ejemplo: “Fémina pronta a disputar todas sus conquistas al hombre; aun estas que siempre creíamos reservadas a sus músculos recios” (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, n. 35, p. 8)

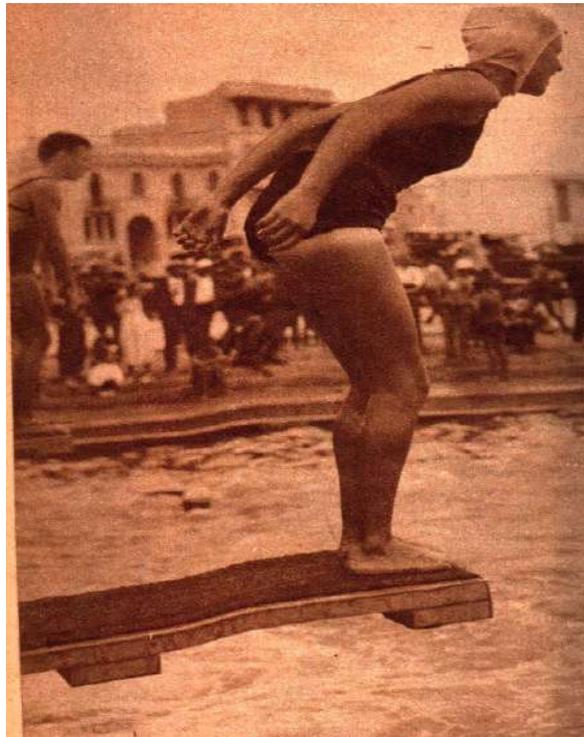


Figura 53. “La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público”.

Fuente: Rush, 1934, n. 35, p. 8. Acervo: Biblioteca Nacional.

En definitiva, encontramos que el lugar de la mujer estuvo marcado con cierto protagonismo en este espacio, el cual presentó “un éxito rotundo, inobjetable, que ha alcanzado la piscina instalada por el Municipio en la punta de Trouville, ha venido a poner de manifiesto la necesidad que nuestra ciudad sentía de una instalación de esta índole”. (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 1934, 35, p. 8).

Felizmente, las cosas van a cambiar y en tal suceso tendrán muy principal papel esta piscina de Trouville. La juventud, gran impulsora de todo avance la ha honrado bajo su tutela. Y por si ello era poco la mujer, esta mujer nuestra de espíritu siempre joven, inquieta y emprendedora, delicada y fuerte a un tiempo, ha recibido y agradecido con júbilo el espléndido regalo de nuestra Piscina Municipal. (La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 1934, 35, p. 8)

Aquí se puede percibir como *Rush*, al igual que con respecto a la playa y el Club Capurro, destacó con gran entusiasmo a la mujer en vínculo con la cultura física en el espacio de

Trouville. Un ejemplo de ello es la contratapa del número 34, que muestra a Edith Crocker, con una jovial postura, ligera de ropa y con su característica sonrisa (figura 54).

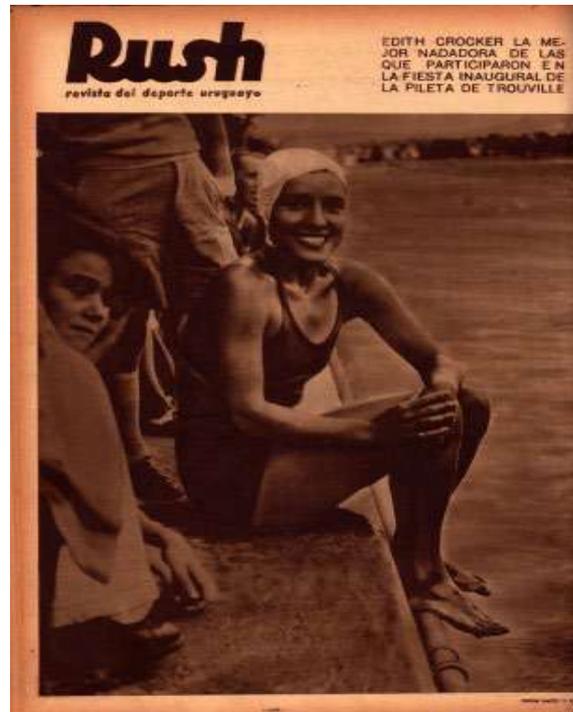


Figura 54. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportará a la natación”

Fuente: *Rush*, 1934, 34, p. 9. Acervo: Biblioteca Nacional.

En definitiva, es posible identificar cómo las fuentes analizadas se interesaron por promover la práctica de la natación en las mujeres montevideanas. Estas ideas concuerdan con los planteos de los estudios de Medeiros (2021) sobre Brasil. Si bien la autora en su tesis doctoral no procura instalar discusiones respecto al género, expresa que las actividades vinculadas con el medio acuático, como el cruce de San Pablo a nado, establecido en 1924, fueron promovidas para mujeres.

Un factor importante para la presencia femenina puede ser el aspecto positivo atribuido a la natación en relación al entrenamiento femenino, tal y como analiza Parker (2010). Para el autor, desde el siglo XIX los ejercicios acuáticos habían tenido buena aceptación en el desarrollo de la salud y la seguridad, a diferencia de otros

deportes y prácticas atléticas que recibieron diversas prohibiciones. (Medeiros, 2021, p. 133)

En este sentido, es importante afirmar que las prácticas acuáticas dirigidas a las mujeres cobraron un lugar protagónico en la sociedad montevideana, ya que, según las fuentes analizadas, la natación era considerada un deporte excelente, que genera elasticidad en los músculos de las mujeres, tonifica sus cuerpos, endurece los músculos y perfecciona y moldea las líneas.

3.3 Curiosidad del deporte extranjero

La cultura física de la mujer debe contribuir una de las mayores preocupaciones sociales. En este sentido los países europeos, nos dan ejemplos elocuentes y continuos, entretanto la generalidad de nuestras chicas, permanecen aun admitiendo prejuicios que fueron desterrados para siempre, allí donde entró el convencimiento de que la educación física de la mujer es una necesidad social.

Deportes, 1930, p. 21

Las curiosidades de los deportes practicados en el extranjero fueron parte de una sección promovida por *Sportsman, Anales Revista Nacional, Rush, Deportes y Mundo Uruguayo*. Estas revistas divulgaban en Uruguay las diferentes prácticas desarrolladas en otros países. Al parecer, la intención era promover lo que sucedía en el exterior respecto al vínculo entre las mujeres y la cultura física, con el afán de reproducir los modelos de cuerpos y de prácticas en el Uruguay del periodo. Estas publicaciones estaban conformadas por breves textos y grandes imágenes fotográficas, lo cual remite a lo expresado por Sontag cuando afirma que las fotografías causan impacto en tanto muestran algo novedoso, son como nubes de fantasía y cápsulas de información (2006, p. 103).

Por su parte, *Rush* valorizaba en textos e imágenes el deporte extranjero:

RUSH, que ve con marcada simpatía cuanto se refiere a la educación física de la mujer, se dispone a prestar este año, como el anterior, la más especial atención a toda manifestación del deporte femenino bien orientada. Hay mucho que hacer todavía a este respecto en nuestro ambiente hasta conseguir situarlo a la altura del extranjero.

Para conseguirlo nuestra revista no regala esfuerzos. Los hechos hablarán. (Las chicas de Capurro obtuvieron un hermoso triunfo en Hockey, *Rush*, 1934, 51, p. 11)

Esta revista presenta un interesantísimo partido de “fútbol coreográfico femenino”, presentado en la figura 55, donde disputan el “campeonato de piernas ágiles y bonitas” mujeres representantes de los teatros Eslava y Cervantes, de Madrid.

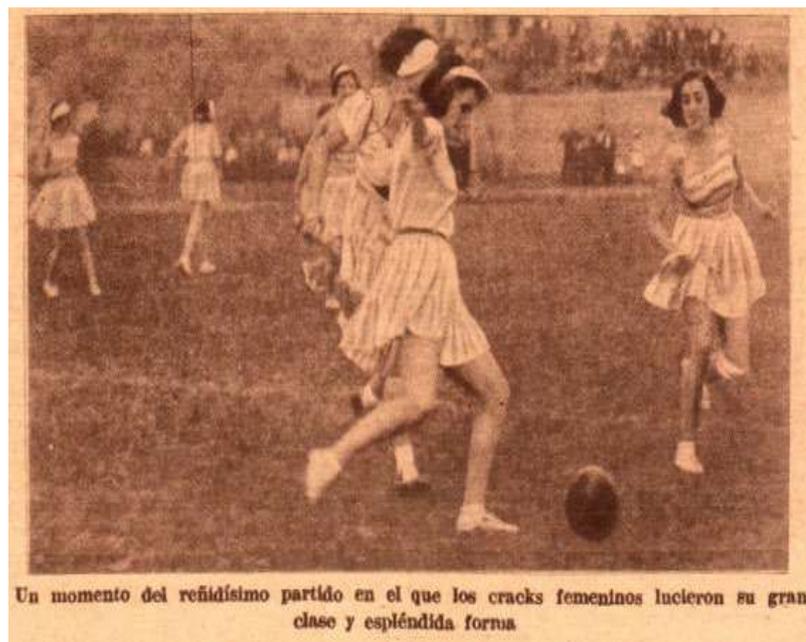


Figura 55. “El fútbol coreográfico femenino”

Fuente: *Rush*, 1934, 41, p. 2. Acervo: Portal Anáforas.

Esto lo dicen solamente, las fotos que a nosotros llegan y que ilustran esta página. Pero a la vista de esas piernas ocupa cuya supremacía parece estar en disputa, desde ahora anunciamos que el resultado final se ofrece muy dudoso, por la “buena forma y clase” que lucen las contendientes. De atenerse a lo que nos cuentan, habrá que convenir en que el partido fue disputadísimo y reñido en todo momento, cosa que tratándose de bataclanas, no nos toma de sorpresa. “Una técnica de juego completamente revolucionaria —nos advierten— se inauguró en el encuentro. Por lo visto para las bellas chicas de Eslava y Cervantes, metidas a futbolistas, vale todo... y para el público también, que en muchos momentos sintió veleidades de antropofagia”. (El fútbol coreográfico femenino, *Rush*, 1934, 41, p. 2)

Lo relevante de esta publicación es el lugar que ocupan las mujeres en la práctica de este deporte. Por un lado, se las identifica como “bataclanas”, término utilizado de manera despectiva al referir a las mujeres que en el siglo XX participaban del teatro con escasa ropa y se relacionaban con “la vida liviana”; por otro lado, surge el concepto de “antropofagia” por parte del público hacia las jugadoras, como sinónimo de canibalismo. Tanto el concepto de bataclanas como el de antropofagia llevan a pensar en la cosificación y la misoginia que padecían las mujeres en estos espacios del “fútbol coreográfico”.



Figura 56. “El fútbol coreográfico femenino”

Fuente: *Rush*, 1934, 41, p. 2. Acervo: Portal Anáforas.

A su vez, la práctica de la natación aparece como la actividad primordial para las mujeres en las ediciones de revista *Deportes* y de *Rush*. Así, *Deportes* incluye publicaciones que trazan la magnífica trayectoria de la nadadora estadounidense Georgia Coleman.

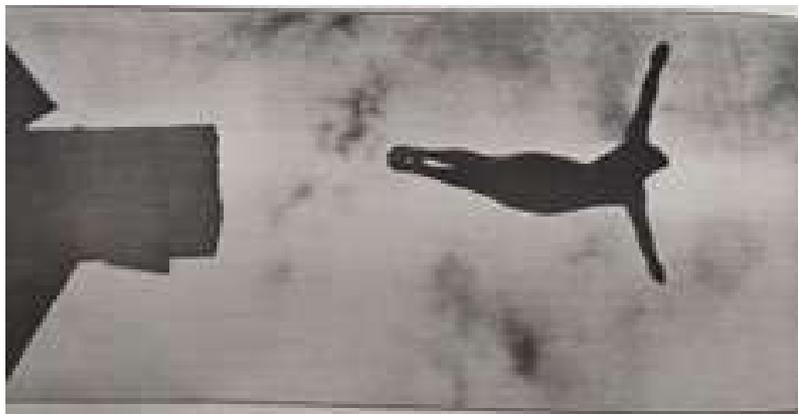


Figura 57. “Magnífica trayectoria de la nadadora yankee Georgja Coleman”

Fuente: *Deportes*, 1930, 2, p. 26. Acervo: Biblioteca Nacional.

Por su parte, en el número 46 de *Rush* se muestran imágenes de deportistas entrenando para los Juegos Olímpicos de Alemania de 1936. A modo de ejemplo, se presenta en una imagen a la nadadora californiana Doroty Poynton, campeona olímpica de saltos ornamentales.

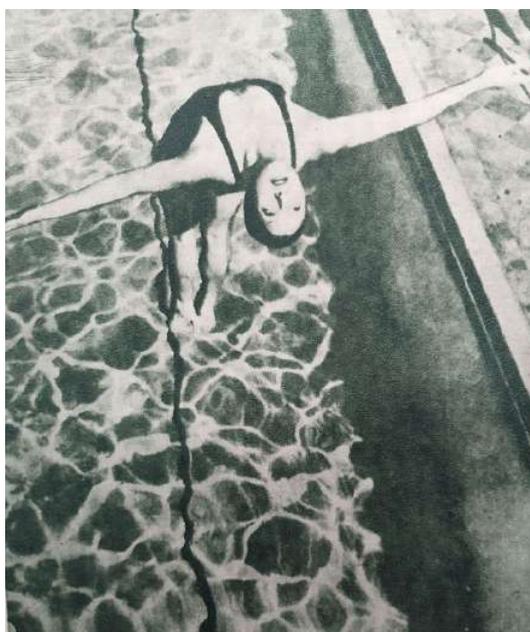


Figura 58. “Antes los próximos Juegos Olímpicos los recordsman se preparan”

Fuente: *Rush*, 1934, 46, p. 2. Acervo: Biblioteca Nacional.

La revista *Rush* menciona que los deportistas se preparan para estas competencias con dos años de antelación, ya que los Juegos Olímpicos en Alemania se disputarían en 1936: “ya en el mundo deportivo los atletas se entrenan para la gran prueba. Mejor dicho, nunca dejaron de entrenarse. ¿Qué se hace en nuestro país en ese sentido? La pregunta quedará por mucho tiempo sin contestar” (Antes los próximos Juegos Olímpicos los recordsman se preparan, *Rush*, 1934, 46, p. 2).

En esta publicación la revista advierte lo que podrán ver los lectores del artículo:

... como en el extranjero cuidan sus campeones, con un constante y metódico entrenamiento su forma atlética. Este “pequeño detalle” que en otros países se cuida hasta la exageración, si puede haber exageración en no escatimar esfuerzos para el triunfo, es en nuestro país virtualmente desterrado en el ambiente deportivo. Nuestros campeones - no solo nos referimos al fútbol - raramente realizan un entrenamiento adecuado, perseverante, bien dirigido y aún mejor practicado. La improvisación atlética en nuestro ambiente, y aunque no vamos a ser nosotros quienes neguemos los felices resultados que en muchas ocasiones nos ha reportado, si nos atreveríamos a aventurar que aquellos resultados hubieran sido aún mejores de haberse tenido en cuenta como factor principal de triunfo ese “pequeño detalle” del entrenamiento. (Antes los próximos Juegos Olímpicos los recordsman se preparan, *Rush*, 1934, 46, p. 2)

En este sentido, es posible entender cómo la revista marca una diferencia clara en cuanto a las posibilidades de entrenamiento de los atletas uruguayos en relación con los del resto del mundo. A su vez, esta publicación presenta junto al texto tres imágenes: una es la fotografía de la ya presentada nadadora californiana Doroty Poynton (figura 58) y las dos restantes presentan a las figuras masculinas, los deportistas japoneses Yasuji Miyazaki y Chuchei Nambú. El título de la publicación es “Ante los próximos juegos olímpicos los recordsman se preparan”. La palabra “recordsman” nos ubica en el universo de lo masculino, lo cual lleva a pensar en cierta masculinización e invisibilización del lugar de las mujeres en estas pruebas, ya que estas sólo aparecen en la imagen presentada.

En contraposición a esta idea, se encuentran publicaciones de la misma revista que le brindan un gran protagonismo en los textos e imágenes a “la mujer española ante los campeonatos interuniversitarios de atletismo”. *Rush* indica que “la mujer en España se ha puesto a tono con

las nuevas corrientes mundiales. Ya no es el voto su única conquista, ni tan siquiera la mejor” (A la mujer española, *Rush*, 1934, 44, p. 2).

... No serán de ahora en adelante, solamente los fuertes brazos y las rudas piernas varoniles los que entrarán a disputar supremacías en estas bravas contiendas del músculo; ágiles y bien torneadas piernas femeninas; esbeltos brazos, torsos firmes y vibrátiles, lucharan junto a los otros por la conquista del triunfo. Las viejas barreras que se oponían a esta vida en común de los sexos y que en un tiempo nos parecieron infranqueables, yacen hoy arrumbadas en el desván de los trastos inútiles. (A la mujer española, *Rush*, 1934, 44, p. 2)

Se incluyen en la publicación cuatro imágenes de mujeres españolas, “tres de ellas en diversas fases del entrenamiento de las escolares madrileñas frente a los próximos campeonatos interuniversitarios de atletismo” (A la mujer española, *Rush*, 1934, 44, p. 2).



Figura 59. “A la mujer española”

Fuente: *Rush*, 1934, 44, p. 2. Acervo: Biblioteca Nacional.

Por otro lado, la misma publicación presenta a “dos bellas nadadoras catalanas, las hermanas Soriano, [...] que han batido recientemente los records de España de 800 metros libres y 200 brazos en la piscina del Club de Natación Barcelona” (A la mujer española, *Rush*, 1934, 44, p. 2).



Figura 60. “A la mujer española”

Fuente: *Rush*, 1934, 44, p. 2. Acervo: Biblioteca Nacional.

Respecto a la procedencia española, se encontraron varias divulgaciones del deporte alpino, muy valorado por la revista *Rush*: “el deporte alpino va ganando cada día adeptos en el mundo español [...] la nieve de las montañas como el agua del mar, no sólo curte la piel y tonifica el cuerpo, sino que alegra el espíritu” (El gran deporte en la montaña, *Rush*, 1934, 42, p. 12)



Figura 61. “El gran deporte en la montaña”.

Fuente: *Rush*, 1934, n. 42, p. 12. Acervo: Biblioteca Nacional.

Sin dudas que las actividades europeas y americanas eran las divulgadas con mayor fervor en el Uruguay del periodo y, entre ellas, se encuentra a la natación difundida con mayor énfasis por la comunidad americana. Este es el caso, nuevamente, de la revista *Rush* en su número 52, donde presenta al “equipo femenino de natación campeón del mundo en carreras de relevos. Aquí le tienen ustedes. Ha establecido el nuevo record de los 400 metros relevos, en 4 minutos y 33 segundos” (Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 1934, 52, p. 2).



Figura 62. “Curiosidad del deporte extranjero”

Fuente: *Rush*, 1934, 52, p. 2. Acervo: Biblioteca Nacional.

También aparecen publicaciones en la revista *Deportes* de 1930 sobre la mujer alemana en vínculo con la cultura física, una mujer caracterizada por una excelente constitución física y gracia incomparable: “era habitual en la mujer alemana; indudablemente las poses han sido adoptadas de exprofeso, pero, aun así, bastaría mirar detenidamente los rostros para suponer que debe corresponder a ellos un cuerpo perfectamente constituido y una flexibilidad incomparable” (*Deportes, Deportes*, 1930, 2, p. 21).



Figura 63. “Deportes”

Fuente: *Deportes*, 1930, 2, p. 21. Acervo: Biblioteca Nacional.

Son amplias las publicaciones sobre el deporte extranjero que continuaron apareciendo en las fuentes analizadas, especialmente sobre tenis, básquetbol, arco y flecha, aviación, *sky*, fútbol en patines, deporte en la montaña, ciclismo y atletismo. En este sentido, estas divulgaciones se encargaron de promover la participación de las mujeres en espacios destinados a la cultura física, lo cual llevó a entender que “el ejercicio físico no conspira contra la belleza de la mujer, como algunos creen, sino que, por lo contrario, pule y estiliza la línea femenina” (Una final disputada, el S.O.S. campeón femenino de volley-ball, *Rush*, 1934, 39, p. 12).

No cabe dudarlo; el deporte femenino se va abriendo camino, y a ello contribuye en primer término esa fe que la mujer pone en todas las empresas que acomete. Gracias a ella, lo que antes no existía o vivía oculto entre las paredes de las escasas entidades que lo practicaban, ha traspasado los límites privados para entregarse de lleno a la gran publicidad. Y ha sido en esto, como en todo, el esfuerzo individual, aislado, el que va realizando la obra, olvidado, desamparado, por el elemento oficial. Pero la obra está en marcha y el impulso creador en bellas manos de mujer, lo que supone firme garantía de éxito. Y quienes están obligados a ayudar deben apresurarse a prestar su cooperación, definitivamente convencidos de que la cultura física de la mujer es una necesidad nacional acreedora al apoyo de toda persona bien inspirada. (Una final disputada, el S.O.S. campeón femenino de volley-ball, *Rush*, 1934, 39, p. 12)

Lo interesante aquí es el valor asignado a la cultura física de las mujeres, idea que en los países extranjeros ya estaba más instalada en el periodo estudiado, pero, de todos modos, “nosotros, dueños de una sensibilidad más romántica, más vieja, que vivimos en una época de la que, sin quererlo, empezamos a sentirnos un poco espectadores” (A la mujer española, *Rush*, 1934, 44, p. 2). Es decir, ya la sociedad uruguaya estaba siendo espectadora con intención de reproducir estos modelos.

Por último y a modo de cierre del presente capítulo, conviene entender cómo, a partir de estos ideales de origen extranjero divulgados por la prensa nacional, el Uruguay del periodo fue construyendo su propia identidad respecto a la cultura física femenina, identidad que estuvo marcada por prácticas específicas, principalmente desarrolladas en clubes deportivos, como el tenis, el golf, la natación y la gimnasia. A su vez, se aprecia también en los textos, pero con mayor protagonismo en las imágenes publicadas, la práctica del voleibol, la gimnasia femenina, las regatas, la pesca y los juegos de paleta.

Estas prácticas en Uruguay se perciben con mayor énfasis al transcurrir la década de 1920, de manera similar a lo que sucedía en Argentina, donde en los años veinte y treinta “los deportes ya se habían hecho un lugar en la vida de algunas mujeres, se alentaba a practicar con moderación tenis, golf, equitación, ciclismo, patines, natación, básquetbol, danza y ejercicios con aparatos” (Armus, 2016, p. 29). En el país vecino, Bontempo (2016, p. 338) indica que estos deportes “ideales” para las mujeres les permitían mantener la femineidad, la gracia, el ritmo y la elegancia. En publicaciones más recientes, Scharagrodsky (2019, p. 217) advierte que en Argentina se promovía el consumo y la práctica de la gimnasia, el tenis, el vóley, ciertas actividades atléticas, el golf, la pelota al cesto, la gimnasia estética femenina, la calistenia y la natación.

Con relación a esto surge una diferencia interesante entre lo promovido en Argentina y en Uruguay. Por un lado, en Argentina la práctica de los deportes se vinculaba de manera directa con las funciones reproductivas de la mujer (Scharagrodsky, 2019):

Con la emergencia de la nueva mujer moderna: activa, segura de sí, saludable, grácil, elegante, decidida y, al mismo tiempo, deseable ante la mirada heteronormativa masculina, cumplidora del ideal estético androcéntrico, dependiente frente a los saberes científicos producidos a partir de cánones patriarcales, y relativamente fuerte

y sana para cumplir con su indiscutible mandato “natural”: la maternidad. (Scharagrodsky, 2019, p. 216)

En tanto, en Uruguay en las fuentes estudiadas no aparece de manera explícita la cultura física en vínculo con la maternidad, sino principalmente asociada al desarrollo de los parámetros de elegancia, gracia, distinción y belleza, conceptos que son presentados de manera explícita con respecto a la grupalidad conformada en la Asociación Cristiana Femenina:

... el ejercicio practicado científicamente y a la vez en forma recreativa, no resulta para ellas una carga pesada sino por el contrario, un rato de franca alegría de agradable compañerismo, que las hace más joviales y alegres. En alguno de esos grupos se destaca la lozana belleza de Yolanda Turenne Puig y Sofía Suarez Blixen, la radiante hermosura de Olga Vilaró Braga, la silueta distinguida de Marieta Mórquio, la fina belleza marfilinia de Sofía de Salterain y Sara Turenne Puis, rodeada de otras muchas [...]. Ellas saben que no hay belleza sin salud, y por eso hacen sus ejercicios con fe y con entusiasmo, seguras de que, así conservaran por más tiempo su fresca hermosura y la sana jovialidad de su espíritu. (Cultura física en la Asociación Cristiana Femenina, *Anales Mundanos*, 1920, 57, p. 9)

En este sentido, se puede apreciar cómo la cultura física femenina en Uruguay apuntaba a desarrollar cuerpos femeninos jóvenes, alegres, bellos, radiantes y hermosos, sobre todo por medio de las prácticas acuáticas, el tenis y el golf.

4. ELEGANCIA Y DISTINCIÓN: DICTADOS DE MODA “CHIC” PARA LOS DEPORTES

No solamente la moda decidió que la mujer elegante debía poseer líneas puras y finas, sino que también la ciencia sentenció que el músculo firme evidencia una perfecta organización física.

Gustos y colores, 1915, p. 31

En el presente capítulo se analizan las representaciones de los cuerpos de las mujeres en espacios de cultura física por medio de las prescripciones con respecto a las formas de vestir y de actuar de las mujeres uruguayas en estos escenarios, así como identificar el modelo de cuerpo que se promovía en el periodo.

Pensar esta relación nos aproxima a analizar las diferentes líneas que se trazaron sobre la construcción del cuerpo de la mujer, femenino —maternal—, bello y elegante. Ruggiano, en estudios iniciales sobre urbanidades del Uruguay de finales del siglo XIX y comienzos de siglo XX, entiende a la vestimenta como aquel espacio de intervención sobre los cuerpos, relacionado con procesos de educación, determinado por el lugar y la situación en la que se encontrara ese cuerpo (2016, p. 127). La forma de vestir no sólo cumple la función de cubrir el cuerpo, sino que “responde mucho más a una (re)construcción social y cultural de la que cada sujeto participa activamente, encarnando en sí mismo todo el juego de disputas que en ese terreno se desarrollan” (Ruggiano, 2016, p. 133).

El vestir implica acciones particulares dirigidas por el cuerpo sobre el cuerpo, que dan como resultado formas de ser y de vestir, por ejemplo, formas de caminar para acostumbrarse a los tacones altos, formas de respirar para acostumbrarse al corsé, formas de agacharse con una falda corta, etc. De este modo, el análisis del vestir como práctica contextualizada y corpórea nos permite ver la acción del poder en los espacios sociales (y especialmente cómo se genera este poder) y cómo influye sobre la experiencia del cuerpo y da como fruto diversas estrategias por parte de las personas. (Entwistle, 2002, p. 49)

Con relación a esto, Soares (2011) expresa que, en el transcurso de la historia, la ropa ha tenido cierto lugar privilegiado en términos étnicos, religiosos, políticos y hasta cotidianos:

Cubrir o adornar el cuerpo desnudo es un rastro de distinción, y cada cultura y sociedad tratará de marcar su singularidad también este gesto, ya que la ropa se presenta explícitamente como marcador social y sexual, permitiendo juzgar, aceptar o excluir a individuos y grupos. (Soares, 2011, p. 82)

Este acto de vestirse permite contemplar la forma en que la prenda encarna una actividad e integra las relaciones sociales, es decir, sugiere un acto que enfatiza el proceso de cubrirse; “el acto individual y muy personal de vestirse es un acto de preparar el cuerpo para el mundo social, hacerlo apropiado, aceptable, de hecho, hasta respetable y posiblemente incluso deseable” (Entwistle, 2002, p. 12).

Aquí se entiende, como afirma Soares (2011, p. 83), que hablar de las ropas es una característica fundamental de las personas y que el acto de vestirse obedece a determinaciones sociales, tiene intimidad y se vincula con lo que sucede en cada sociedad, permite pensar las relaciones entre individuo y objeto, en la historia del cuerpo y la belleza, y también en la historia de la educación, la salud, la higiene, el mercado y el consumo. En esta misma línea, Burke (2005) señala el valor que presenta pensar en la historia del vestido a través de las imágenes, teniendo en cuenta cómo se llevaron adelante las diferentes prescripciones del vestir, de la prenda aislada al conjunto, y la relación que debe haber con cada prenda. En este sentido, estas formas de cubrir el cuerpo se relacionan con “un sistema particular de vestir que se encuentra bajo determinadas circunstancias sociales”, denominado moda, que impone diferentes formas de vestir (Entwistle, 2002, p. 56).

Según Entwistle (2011), existe una estrecha relación entre las mujeres y la moda, ya que se las ha relacionado con la confección de ropa, con los tejidos y con el consumo, y, a su vez, se ha presentado una metáfora asociada con la femineidad y la propia moda.

Mirando las fuentes del periodo analizado, la moda fue promovida por la revista *Casos y Cosas y Sportsman*:

Todas aquellas que quieran estar armadas en cualquier parte, para la conquista por medio de la belleza, deben de adoptar las manías de la moda con cierta diferencia, muy especialmente ahora, en lo tocante a los alimentos. La moda manda que debemos ser airoas y delgadas, pero si en nuestros deseos de ser así, nos privamos demasiado de los alimentos, es muy seguro que tarde o temprano nos pesará. Los médicos dicen que para conseguir la salud es preciso pesar un peso dado. Las que miden 1,70 á 1,80

metro de altura deberían pesar de 65 á 70 kilos; pero Madama La Moda dice que eso es demasiado y sus devotas hacen muchas privaciones para ser más ligeras. Jamás hemos tenido una revolución tan grande en el vestir; nuestros vestidos se ciñen a nuestro cuerpo casi tanto como un traje de baño mojado. (Algunos consejos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 1908, 30, p. 20)

La moda prescripta según la referencia de 1908 indica que las mujeres deben ser airosas y delgadas, idea que al parecer comenzaba a cobrar un lugar protagónico en las fuentes analizadas a inicios del siglo. En esta misma línea, aparecen en la revista *Anales Mundanos* prescripciones respecto a las maneras de vestir:

Las modas son, pues, verdaderas emperatrices en el alto mundo femenino, y también en el masculino: es decir, ejercen un dominio absoluto; pero no quiere esto decir que no haya personas de gustos propios, personas, que no se sujeten al patrón de las modas y que, en el refinamiento de su sentido artístico, creen para ellas una elegancia exclusiva que las hace sobresalir del grupo general. (Crónicas de moda, *Anales Mundanos*, 1917, 23, p. 34)

Anales Mundanos destinó una sección dirigida al mundo femenino, denominada “Página femenina”, en la cual se relacionaba el tema de la moda con la guerra, los gustos y los colores, se ofrecían consejos para afrontar las estaciones del año, el manejo de los guantes, así como las crónicas de la moda para los deportes. En el número 2 se publican prescripciones con respecto al “vestido de calle”, el “vestido de soirée” y la falda amplia, que había encontrado éxito en la moda primaveral.



Figura 64. “Almas femeninas”

Fuente: *Anales Mundanos*, 1915, 2, p. 25. Acervo: Portal Anáforas.

Esta publicación refiere al vestido de calle y presenta a una joven mujer con una falda que le cubre gran parte del cuerpo, los brazos también cubiertos y lleva zapatos de tacón bajo. Es relevante mencionar que esta publicación lleva el título “Almas femeninas” y ocupa la mitad de la página y en la otra mitad se presentan las prescripciones de “la moda para los niños”.

Por su parte, la revista *Mundo Uruguayo* desde su primer número puso a disposición consejos de moda. Esta revista entendía y promovía la moda femenina como una ciencia, “exigente del vestir femenino, tan compleja como sutil, subordinada exclusivamente a la imaginación más o menos caprichosa del modisto en boga, sólo depende del último figurín llegado” (Cómo se hace la moda, *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 8).

Los “dictados de la moda” presentados por *Anales Mundanos* y *Mundo Uruguayo* contaban con indicaciones sobre las diferentes telas que corresponden según el diseño del vestido, como la

muselina de seda para una blusa o para la falda de un vestido de soirée, el tul para la falda interior, la sarga y la gabardina para los trajes sastre, “los tejidos más nuevos y los más flexibles, el cachemire brillante como liberty, la taffeta que se pliega, las finas sargas y la confortable gabardina” (Gustos y colores, *Anales Mundanos*, 1915, 5, p. 31).

Esta moda buscó “armonizar la femineidad” de las mujeres, promovida a través del uso de ciertas telas y modelos de prendas como aquellas “verdaderas emperatrices en el alto mundo femenino” (Crónicas de moda, *Anales Revista Nacional*, 1917, 23, p. 34). Es el caso de la gasa, presentada de manera metafórica en el número 3 de *Anales Mundanos* como la “fantasía”:

¡Oh gasa divina que conmueves mi alma! Entre tus pliegues perfumados adivinase un poema de amor, de ese amor impregnado de ternura que solo inspira un alma que haya visto la luz en el suave momento en que estos tintes rosados de la aurora, dan paso al sol que radiante viene a iluminar al mundo. ¡Oh! gasa de amor que has envuelto el mismo amor entre coquetísimos pliegues y poéticas ondulaciones; gasa exquisita y embriagadora no te apartes de mi lado! Tú, que eres la gracia y la poesía, envuelve mi cabeza enferma en tu transparencia divina. Con tu tenue color de amor, teje en mi imaginación un bienestar que endulce mi vida triste, y dame ¡oh!, gasa poética, el sueño que ansío, color de rosa, con la finísima gracia de tus encantos y movimientos. (Fantasía, *Anales Mundanos*, 1915, 3, p. 36)

La tela, el modelo, el talle, el color, eran indicaciones que presentaban las revistas mundanas al hablar de las tendencias de moda: “es de notar también la tendencia que se acentúa, cada día más, hacia los talles bien dibujados, con el pecho en su debido lugar, más bien un poco alto, y que ya no se trata de disimular” (Gustos y colores, *Anales Mundanos*, 1915, 5, p. 31). También es el caso del número 1 de *Anales Mundanos*, donde se presentaba un artículo firmado por Elena de Esparta, en la “Página femenina”, que incluía la siguiente descripción:

El grabado representa un encantador vestido de etiqueta, cuyas suaves líneas forman delicado conjunto. El cuerpo es muy lujoso, y el paño de la espalda es de última moda en estos días. Una persona de talla mediana, necesita para este vestido: 3 mts. de tul 1 mts. para los costados del cuerpo, manga y túnica; 3,55 mts. de raso brocado de 1 mt. para el ceñido, canesú y falda de sostén; 1,05 mts. de terciopelo de 0,70 ctms. para el paño de la espalda; 0,45 ctms. de tela de 0,88 ctms. para el cuerpo inferior; 0,70 ctms. de muselina color de carne, de 1,15 mts., parte alta del cuerpo y fotto de las mangas; y 4,60 mts. de pasamanería de perlas para guarnición. (La guerra y la moda, *Anales Mundanos*, 1915, 1, p. 19)

Aquí se observa una clara alusión a ciertas prescripciones de moda que indican conductas asociadas a cómo vestir en función de un cuerpo de talla media. Lo relevante es cómo se asocia cierto estereotipo de cuerpo y en función de ello se prescriben detalle a detalle las medidas para adornarlo. Esta función protectora del cuerpo, según Soares (2011), puede implicar varias características. Este es el caso del vestido de etiqueta mencionado en la fuente de 1915; un vestido de estas características, sin dudas, apunta a un tipo de clase social, principalmente a la clase media-alta. En esta misma línea, es posible identificar cómo esta perspectiva concuerda con los planteos de Entwistle (2002) al mirar el contexto de Londres de inicios del siglo XX, donde una clase era visible gracias al uniforme y estilo de vestir, ya que era necesario distinguir a la clase trabajadora de la clase alta.

En tal sentido, se comprende cómo las modas estimulan un movimiento constante de individuos y grupos hacia procesos imitativos y, al mismo tiempo, a procesos y deseos de distinción, lo que promueve en los individuos diversos sentimientos de apoyo colectivo y de pertenencia (Soares, 2011, p. 85). En definitiva, se entiende la moda como producto sociocultural, cargado de sentidos y portador de una serie de construcciones discursivas que indican posiciones sociales (Formoso, 2017).

4.1 Vestimenta para deportes

Tanto *Anales Mundanos* como *Mundo Uruguayo* presentaron en cada una de sus ediciones “Dictados de la moda”, que hacían referencia a los vestidos de fiesta, vestidos para los días de lluvia, las blusas, faldas, trajes de niños, de sastre, tapados elegantes, trajes de interior, chaquetas rusas, ropa interior, vestidos de novia, así como los trajes para los deportes.

Con relación a estos últimos, *Mundo Uruguayo* abordó la moda y las caminatas al aire libre. En su número 13, de 1919, indicaba tres modelos de trajes “*trotteur*”, sencillos, prácticos y apropiados para las caminatas higiénicas de la mañana:

... tan juvenil como sentador, con su gran cuello de lana tejida blanca, que cae graciosamente sobre la bata, que, como el resto del traje, está confeccionado en gabardina azul. La túnica de la pollera cae sobre estrecho “fourreau” de satén negro, siendo la parte delantera de ésta, algo más corta, lo que dá gran “altura” a la silueta. Nótese que los bordes de la túnica que cae desde la espalda, van dados vuelta sobre sí mismos, respunteados en seda del mismo color, lo que resulta una gran novedad. Un cinturón de la misma tela, se cierra sobre el costado, llevando por conclusión una

angosta caída que termina un hermoso gland de cordones de seda. (Modas: Trajes “trotteur”, *Mundo Uruguayo*, 13, p. 19, 1919)



Figura 65. Modas: Trajes “trotteur”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 13, p. 19. Acervo: Portal Anáforas.

En la fuente presentada en la figura 65 es importante destacar la vestimenta con faldas largas que utiliza esta mujer joven, prendas que, según la revista, son acordes para realizar las caminatas higiénicas. En contraposición a ello, el mismo año *Anales Revista Nacional* indicaba para las caminatas higiénicas la falda corta, ya que resultaba más práctica y más “chic” que la falda larga que se usaba antes: “para el traje sastre de mañana, destinados a los paseos higiénicos, hay que emplear géneros gruesos como ser: sarga, gabardina, tricotine, géneros ingleses, donde el polvo de la calle no pueda internarse” (Crónicas de moda, *Anales Revista Nacional*, 1919, 38, p. 52). En este sentido, se comienzan a identificar algunas contradicciones entre ambas revistas y las sugerencias de las faldas para los deportes.

En su sección sobre la moda, *Mundo Uruguayo* indicaba “para los deportes, en todas partes, el bolero, la falda y la chaqueta, forrada o no, según la época en que ha de llevarse; hay algunas que tienen un aire especialmente ‘négligé’ de una absoluta elegancia” (Trapos y chismes, *Mundo Uruguayo*, 1929, 527, p. 45). A partir de estas primeras aproximaciones, se visualiza

cómo la moda respecto a la cultura física en general y a los deportes en particular presenta sus propios modelos en cuanto a conceptos de elegancia y distinción.

La revista *Anales Mundanos*, en sus abordajes sobre los deportes y la moda, centró varias de sus publicaciones en el tenis, que, como se mencionó en los capítulos 2 y 3, fue una de las prácticas que tuvo mayor circulación de mujeres uruguayas, principalmente de las pertenecientes a la clase distinguida. En el caso del tenis, “Margaret” menciona sus consejos de moda para la estación veraniega a partir de enseñanzas provenientes de París, que apuntaban a armonizar su femineidad. Presenta al “blusón para tenis” como una prenda muy popular, con posibilidades de variar su longitud. Una imagen se dispone en el centro de la página, con textos alrededor que incluyen indicaciones de medidas para un tamaño mediano, “el blusón en el estilo raglán y se puede hacer corto, y con cinturón y bolsillos como una guste. La falda se puede cortar en dos, tres o cuatro piezas, con paramento” (Blusón para “tennis”, *Anales Mundanos*, 1915, 6, p. 36).



Figura 66. “Blusón para “tennis”

Fuente: *Anales Mundanos*, 1915, 6, p. 36. Acervo: Portal Anáforas.

El blusón de tenis promovido por *Anales Mundanos* cubre gran parte del cuerpo de la mujer, tanto las extremidades inferiores como las superiores y conduce a preguntarse si es posible practicar el dinámico deporte del tenis con este tipo de prendas. No sólo el blusón aparece como prescripción para esta práctica, también se encuentran publicidades que fomentan la venta del corsé, como la de Tienda Inglesa (figura 67). Un aspecto de suma relevancia en esta publicación es cómo la mujer a la izquierda de la imagen luce un corsé de marca La Diva y una raqueta de tenis.

TIENDA INGLESA

LA DIVA

El corsé ideal por su forma perfecta, calidad superior y módico precio. Exclusividad de la casa. * * * *

\$ 2.80

\$ 3.60

AMY & HENDERSON

CALLE JUAN C. GOMEZ, BARTOLOME MITRE Y BUENOS AIRES
MONTEVIDEO

Continúa la Liquidación de la **Mueblería Felipe L. Monteverde y Cia.**

En el local de en frente **25 de Mayo, 410**

Hay que realizar en un mes y medio todo el gran stock que se está retirando de la Aduana. Todo lo mejor y más moderno es lo que se venderá por total liquidación.

Figura 67. "Tienda Inglesa"

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1915, 6, p. 5. Acervo: Portal Anáforas.

Por su parte, La Casa Corralejo promociona en *Anales Revista Nacional* el corsé La Vida, una prenda de moda catalogada como un elemento que brinda solidez, comodidad y elegancia:

Cada modelo de corsé LA VIDA es un dechado de exquisita perfección, una obra maestra en el arte de la corsetería. No hay nada superior; ninguno más perfecto. Basta decir que las autoridades en modas han adoptado los corsés LA VIDA, lo cual pone de manifiesto la prominencia singular de estos magníficos corsés. (Corsé La Vida, *Anales Revista Nacional*, 1917, 22, p. 40)

El corsé La Vida presentaba diversidad en sus precios, se podía encontrar de \$ 1,70, \$ 2,30, \$ 2,60, \$ 2,90, \$ 3, 60 o \$ 5,70.



Figura 68. “Tienda Inglesa”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 22, p. 40. Acervo: Portal Anáforas.

Uno de los aspectos relevantes de estas publicidades es el lugar que se les brindó en las revistas: al igual que en Argentina, este tipo de publicidad ocupaba más de un tercio de página en las primeras décadas del siglo XX (Armus, 2016, p. 37), cuestión visible en las figuras 67 y 69.

Importación y Fábrica de Muebles

En condiciones ventajosas
puede Vd. amueblar su casa

Felipe L. Monteverde

Mobiliarios completos
a precios excepcionales

Calle 25 de Mayo, 410

D. & E. SANTINI

Avenida 18 de Julio, 918

Corsé KABO

Cómodo Elegante
Fuerte

Sombreros Adornados
Abrigos de piel

Hipólito Garcia IMPORTADOR DE LOS MEJORES
MAS SELECTOS y AROMATICOS

VINOS Y LICORES FINISIMOS

COMESTIBLES ESPECIALES

UNICO AGENTE DEL FAMOSO Y SIN RIVAL

WHISKY BUCHANAN WHITE & BLACK RED SEAL

Cerrito, núm. 419 Montevideo

Figura 69. “Corsé Kabo”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1915, 8, p. 43. Acervo: Portal Anáforas.

A partir de lo visto, es posible pensar el lugar protagónico en el que se pretendía ubicar a esta prenda de vestir en la sociedad uruguaya, prenda que fue presentada con diversas variedades, tanto en calidad, colores y modelos como en precios, para diversas actividades, ya fuera para el deporte, para la intimidad o para el baile. A su vez, los cuerpos que posaron para las publicidades del corsé son cuerpos que presentan ciertas posturas erotizantes:

Algunas veces las posturas de esos cuerpos eran definitivamente provocativas e insinuantes —manos entre cruzadas detrás de la nuca, mirada directa al lector—, otras situaban a la mujer vistiendo un corsé frente a un espejo, sugiriendo historias sobre un mundo más íntimo en las que podrían cruzarse el narcisismo y ciertas ideas sobre la elegancia y la femineidad. (Armus, 2016, p. 36)

Los postulados de Armus (2016) respecto a la Argentina resultan aplicables también para Uruguay, lo cual lleva a pensar las semejanzas entre ambos países con relación al modo de vestir en general y en particular para los deportes.

En la misma línea, es relevante destacar el corsé Gossard, presentado en *Anales Revista Nacional* de Uruguay, pero refiriendo a la tienda The H. W. Gossard Co., ubicada en la calle Florida, en Buenos Aires. Este modelo fue definido como la prenda infaltable en el cuerpo de la mujer, si es que se quería obtener la perfección del cuerpo femenino.

En la confección de los corsés GOSSARD se utilizan siempre los mejores materiales en relación a su precio. Poseen ballenas de acero flexible como una cuerda de reloj, para que presionen sin rigidez y modelen así suavemente la figura hasta conseguir las líneas deseadas. Ajustando firmemente las caderas y alzando el pecho, adquiere el cuerpo un equilibrio natural que lo hace más liviano. Por eso un corsé GOSSARD bien acomodado a la figura, conserva toda mujer su porte juvenil y le hace adquirir gracia y salud. (The H. W. Gossard Co., *Anales Revista Nacional*, 1918, 31, p. 34)

Por su parte, en el número 8 de la misma revista aparecen discursos que plantean postulados médicos sobre el uso del corsé:

Desde hace algún tiempo, los higienistas vienen transigiendo con el corse, si bien con muchas reservas, tales como el que sostenga y no oprima; pero ahora que las elegantes empiezan a renunciar a él, los doctores lo preconizan como saludable. Dos médicos de Berlin, los señores H. Hirschfeld y Adolfo Leorry, lo consideran como un agente terapéutico y lo recomiendan para tratar las enfermedades del pecho, no todas, indudablemente, sino algunas, como la parálisis del torax, que se caracteriza por la escasez de aire que penetra en los pulmones. En ese caso el oprimir el talle obliga al pulmón a una gimnasia saludable, y por un doble efecto, el corse, que impide reír, toser y amagarse, favorece a la respiración. (Mundo femenino, *Anales Revista Nacional*, 1915, 56, p. 40)

En contraposición a estas publicidades, en su número 24 *Anales Revista Nacional* presentaba al “corsé” como “una tortura impuesta por la moda”, en una publicación que aborda la historia de esta prenda y comienza con la siguiente pregunta: “¿pero es preciso aceptar el sufrimiento para desmejorarse y se debe para obtener tal resultado, no solamente resignarse a la tortura y a la contracción sino todavía exponerse a perder salud?”. En esta publicación se entiende a esta prenda como parte de una moda fértil pero nefasta y refiere a cómo la mujer “en su constante persuasión de la belleza y de la gracia se equivoque hasta el punto de desmejorarse” (Una tortura impuesta por la moda, *Anales Revista Nacional*, 1917, 24, p. 21).

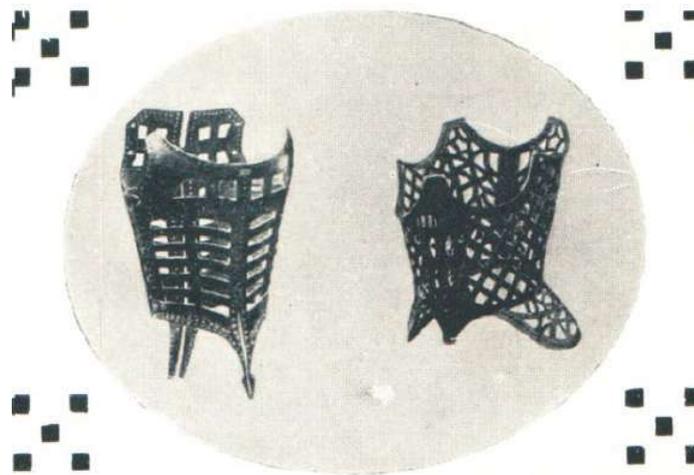


Figura 70. “Una tortura impuesta por la moda”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 24, p. 21. Acervo: Portal Anáforas.

Aquí vemos ciertas disputas discursivas en la misma revista en cuanto al lugar del corsé en el cuerpo de la mujer: tanto los médicos de Berlín como las publicidades presentadas promocionaban postulados a favor de esta prenda y, en contraposición a ellos, en el número 24 se expresa su rechazo.

En esta misma línea, Armus advierte que en Argentina se presentaron del mismo modo discursos ambivalentes respecto al uso del corsé: por un lado, el corsé, entrado el siglo XX, fue promovido como un tópico médico asociado a lo saludable y perdurable en la vestimenta de las mujeres y, por otro lado, al analizar las ediciones de la revista *El Gráfico* surgen discursos que rechazan su uso y lo califican como “un aparato de tortura que marchita la belleza” (2016, p. 25).

En definitiva, en Uruguay, en las fuentes analizadas para esta investigación, se identifica que las publicaciones encontradas incluyen diez imágenes de mujeres utilizando corsé, una de ellas, como se observa en la figura 67, sosteniendo una raqueta de tenis. Esto lleva a preguntarse acerca de si el corsé era promovido para la práctica del tenis en las mujeres.

Al respecto, es posible referir a las ediciones de *Mundo Uruguayo*, que no muestran referencias al corsé, pero sí a las fajas para deporte, como es el caso de la publicidad de la “única y antigua casa Porto”.

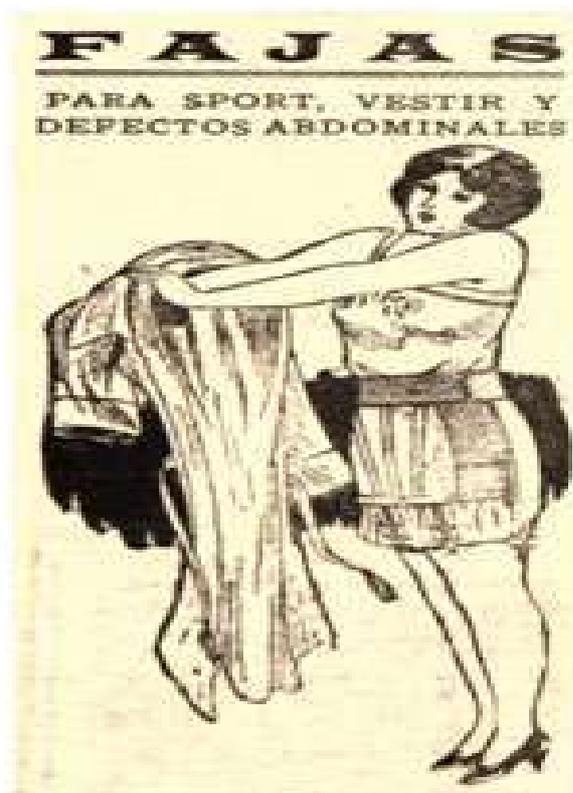


Figura 71. "Fajas"

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1930, 600, p. 16. Acervo: Portal Anáforas.

Esta misma publicidad apareció durante 1930 en nueve números de *Mundo Uruguayo*. Ya en 1932, la casa Porto incluyó un cambio, pasando a denominarlas "fajas modeladoras" e indicando nuevamente que son útiles para los deportes.



Figura 72. “Fajas modeladoras”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1930, 600, p. 16. Acervo: Portal Anáforas.

A partir de las publicidades presentadas, es posible ver que tanto las fajas como los corsés apuntan a corregir el cuerpo de las mujeres, específicamente en la zona del abdomen. Por el momento, los indicios encontrados no permiten identificar el lugar que ocuparon estas prendas en el cuerpo de las mujeres uruguayas, ya sea para la práctica del tenis o para otro deporte. De todos modos, es valioso entender la publicidad y cómo intenta crear la imagen mental de determinado producto por medio de las imágenes visuales: “durante el siglo XX cuando los publicistas recurrieron a la psicología ‘profunda’ para apelar al inconsciente de los consumidores, empleando las llamas técnicas ‘subliminales’ de persuasión por medio de la asociación” (Burke, 2005, p. 118).

Las relaciones de la moda con la práctica del tenis no sólo fueron indicadas a través de las publicidades, sino también en los espacios destinados a esta práctica, como los clubes de tenis. En estos espacios, como ya se presentó en el capítulo 2, participaban las altas esferas de la sociedad, las cuales debían respetar ciertos estereotipos relacionados con las formas de vestir y

de actuar, con un lenguaje “chic”: “el tenis “permite a ciertas jóvenes flexibles lucir la finura de un talle juncal aprisionado por un cinturón leve sobre un pantalón niveo y sencillo” (Tennisismo, *Anales Revista Nacional*, 1917, 18, p. 20).

Para ser integrante del club del tenis se debían seguir las prescripciones con relación a las ropas utilizadas y, en cierta medida, esto promovía las posiciones en las estructuras sociales, su afirmación y la distinción en estos lugares. Como afirma Soares (2011, p. 85), se observa una clara alusión a una educación del cuerpo, asociada a la forma de vestir, y cómo el pertenecer a un grupo social implica producir y reproducir lo que en él se prescribe, incluyendo las formas elegantes de vestir, idea que siempre ha estado asociada a la moda en general e incluso la moda deportiva (Soares, 2011, p. 88).

Entender las prescripciones en estos espacios permitidos para las mujeres es entender cómo se asoció la ropa con determinadas prácticas deportivas. Para la práctica del tenis, en la primera década del siglo XX, se debía vestir con “trajes de lana blancos, botas, canotier de seda pekinéo de crespón” (Blusón para “tennis”, *Anales Mundanos*, 1915, 6, p. 36). También se debían usar vestimentas de gran amplitud, que cubriesen las extremidades superiores y faldas que se extendiesen hasta las inferiores. Seguramente esto se recomendaba no por comodidad o practicidad al realizar el deporte, pues de manera visible este “uniforme” limitaba los movimientos e impedía su fluidez.



Figura 73. "Tennis"

Fuente: *Sportsman*, 1908, 19, p. 8. Acervo: Portal Anáforas.

La figura 73 forma parte del número 19 de *Sportsman*, de 1908, publicación que incluye doce imágenes de una mujer jugando al tenis, en cada una de ellas con la misma prenda de vestir: un vestido de gran amplitud, cinturón y una blusa prominente en sus bolados.

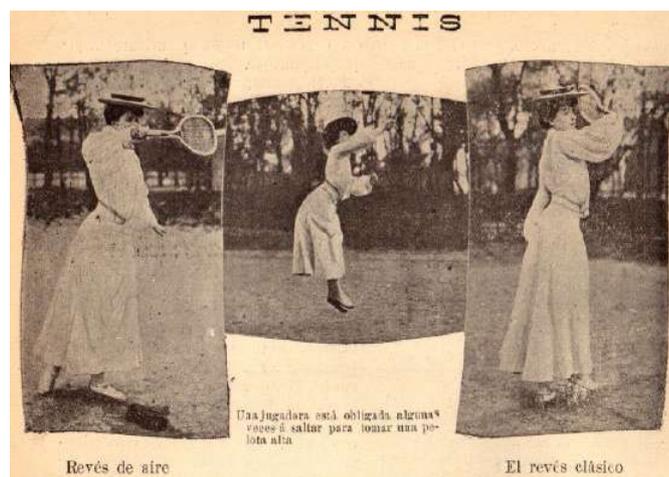


Figura 74. "Tennis"

Fuente: *Sportsman*, 1908, 19, p. 8. Acervo: Portal Anáforas.

Algo similar se observa en el año 1917, como lo muestra la figura 75.



Figura 75. “En el Círculo de Tennis”

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 25, p. 13. Acervo: Portal Anáforas.

A diferencia de las tres imágenes anteriores de mujeres practicando tenis, en la figura 76, de 1934, se puede apreciar a la jugadora uruguaya “señora de Cable”, vestida con una falda amplia que se extiende hasta las rodillas, una musculosa que libera sus brazos y zapatillas de plataforma baja.



Figura 76. “La señora de Cable, figura destacada del torneo “otoño” de tenis, en una bella jugada”

Fuente: *Rush*, 1934, 44, p. 45. Acervo: Portal Anáforas.

En esta misma línea, en la figura 77 se aprecia a Hellen Wills, reconocida tenista estadounidense ilustrada en un artículo sobre actualidad del tenis mundial publicado en la revista uruguaya *Deportes*, en 1930. Aparece con un vestido que libera sus brazos, con una falda hasta poco más arriba de sus rodillas, pelo corto, calzado de plataforma baja y una postura relajada al posar para la fotografía.



Figura 77. “Actualidad del tenis mundial”

Fuente: *Deportes*, 1930, 5, p. 31. Acervo: Portal Anáforas.

Lo relevante aquí es como las revistas *Sportsman* de 1908 y *Anales Mundanos* de 1917 presentan ilustraciones de mujeres jugando el tenis con vestidos de gran amplitud, mientras que la revista *Rush* en 1934 muestra ya una vestimenta aparentemente más comfortable. Esta última tiene algunas similitudes con la de la atleta estadounidense, que es presentada por el periódico especializado *Deportes* de 1930 (figura 77) con una vestimenta más corta, que le permite una mayor amplitud y eficacia en los movimientos durante el partido.

Por su parte, *Mundo Uruguayo*, en la década de 1930, promovía para el tenis el “pull-over de lana sin mangas con dibujos que figuran pequeños rombos bleu y crema. La cartera hace juego. Saquito tejido en lana a rayas degrade marrón, beige y crema, también muy cómodo para los sports” (Moda: Sweaters, *Mundo Uruguayo*, 600, p. 47, 1930).



Figura 78. “Moda: Sweaters”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1930, 600, p. 47. Acervo: Portal Anáforas.

Si bien el *sweater* es promovido en el número 600 de *Mundo Uruguayo*, del mes de julio de 1930, en el número 610, del 18 de setiembre del mismo año, la revista plantea:

La brusca desaparición del sweter, gran aliado del sport, ha hecho que se adopte la blusa como elemento de frescura. Blusas de linón, eje voile, de muselina, crépe de china, y de telas de seda, en tonos claros, o blanco, sobre polleras oscuras, es lo que se lleva ahora. Blusas con el talle a su altura normal, y mangas largas que se enrollan sobre sí mismas, de modo de no cubrir más que la parte superior del brazo. Chalecos cruzados, imitando al del hombre y trajes sencillos de piqué o telas livianas con polleras amplias y largas. (Modas, golf y tennis, *Mundo Uruguayo*, 1930, 610, p. 47)



Figura 79. “Modas, golf y tennis”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1930, 610, p. 47. Acervo: Portal Anáforas.

Así, es posible interpretar que la brusca desaparición del *sweater* podría responder a las estaciones del año, ya que esta prenda se promovía en julio, durante el invierno, y ya en primavera, en setiembre, aparecía la blusa, como elemento que transmite frescura.

Hasta el momento, las fuentes analizadas respecto al tenis permiten identificar cómo en el Uruguay de mediados de la década del treinta se promovía una vestimenta más confortable, como blusas sin mangas y faldas a la altura de las rodillas. Por su parte, en Brasil, ya entrada la década de 1920, la ropa deportiva y en especial la del tenis sufrió diversos cambios, sobre todo en lo que refiere a la longitud de las faldas⁸ para las mujeres, prenda que transitó progresivas modificaciones: “quizás el acortamiento de faldas para practicar el tenis, ya en la década de 1920, fue realmente la gran revolución en relación con prendas de vestir femeninas” (Soares, 2011, p. 92). Del mismo modo, en Argentina, ya a comienzos del siglo XX, de la mano de los cambios en la moda, “comenzaron a verse más y más los tobillos y pantorrillas. Así las faldas

⁸ La falda “es la prenda con más carga genérica, que lleva casi exclusivamente por mujeres, al menos en Occidente, con frecuencia es explícitamente obligada en ciertos códigos de vestir” (Entwistle, 2002, p. 64).

y los vestidos fueron perdiendo su condición de portadores de gérmenes⁹ y en el primer cuarto del siglo XX desaparecieron de la agenda educativa contra el contagio” (Armus, 2016, p. 32).

La discusión sobre el acortamiento de la falda en Uruguay es abordada en las fuentes analizadas. Se identifican en 1915 discursos que promueven las faldas amplias, que muestran su éxito en la población femenina: “las modistas sin excepción la han aceptado, lo mismo para el traje de noche, que para el de calle, casa o visita, y para todos los estilos...” (Almas femeninas, *Anales Mundanos*, 1915, 2, p. 25). En 1917 se publica un artículo en la sección “Página femenina” de *Anales Mundanos*, titulado “Las faldas, los celos y las moralidades”, en el que se presenta la intención de alargar aún más la falda:

Según mis noticias todas las honestas y pudorosas tentativas realizadas en el Verano para prolongar unos cuantos centímetros esta prenda esencial de la vestidura femenina, han fracasado totalmente, ignoro si por imposición de los modistos o por exigencias de las propias interesadas; ello que han fracasado; eso digo porque, si bien es cierto que la falda ya no se lleva con la exageración de antes, la intención al bajarle centímetros no era otra que hacer una tentativa en el sentido de proponer el cese de la falda corta, cosa que no se obtuvo, aunque se use poco más o menos corta. A pesar de todos los vientos de recogimiento y de moralidad que, según los cronistas de la guerra, corren hoy por Europa, las mujeres europeas, tampoco parecen que están decididas a taparse las piernas. Sigue el Imperio de la falda corta. Falda corta, bota alta y sombrero redondo. (Las faldas, los celos y las moralidades, *Anales Mundanos*, 1917, 2, p. 42)

En el número 21 de *Anales Mundanos*, de 1917, se hace referencia una falda más ancha, prescripción con la cual Margaret, firmante del artículo, no está de acuerdo: “ha cambiado la moda de una manera muy brusca, pasando la falda a ser sumamente estrecha abajo, llevándose muchas de 1 metro 50 de ancho. Así tendremos, pues, que acostumbrarnos a andar metidas en un verdadero barril” (Crónica de la moda - Colores - Últimos modelos, *Anales Mundanos*, 1917, 21, p. 38).

⁹ En Argentina, “desde finales de la década de 1870, tanto los ensayos especializados como las ordenanzas municipales y la prensa solían indicar la conveniencia de acortar unos centímetros las faldas y vestidos de las mujeres para evitar que fueran arrastrados por los pisos de las casas, las calles de tierra o los empedrados y se impregnaran de los siempre “extremadamente peligrosos” polvos” (Armus, 2016, p. 31)

La revista *Mundo Uruguayo* planteaba en su sección “Moda”, en dos de sus números de 1919, alargar la falda: “hay una tendencia a que sean ellas ahora un poco más largas, quizás tan sólo dos o tres centímetros” (Modas: Tres trajes elegantes, *Mundo Uruguayo*, 1919, 21, p. 20).



Figura 80. “Trapos y chismes”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1926, 368, p. 22. Acervo: Portal Anáforas.

Observando el caso del tenis y esta discusión sobre el acortamiento de la falda, se puede apreciar que para este deporte la falda resultó ser cada vez más y más corta. Esta idea se identifica al transcurrir la década del veinte en Uruguay y así lo plantea *Mundo Uruguayo* en su número 368, de 1926, en un artículo titulado “La ‘muy sport’”:

“Niña no corras, no saltes, no juegues así en la calle, que ya no tienes edad...” tal era la recomendación clásica, obtenida e inevitable, que escuchaban entre los catorce y quince años las muchachas de ayer. La primera falda larga era la cadena para toda la existencia: era el paso corto, los ademanes mesurados, la timidez, pudorosa. Pero la mujercita que al serlo se consideraba prisionera de su aparente fragilidad, como de una traba, no es ya más que un recuerdo... No hay faldas largas. No hay limitaciones para la alegría física del vivir: se puede saltar y no cabe elegancia femenina y moderna sin la fórmula “muy sport”. (La “muy sport”, *Mundo Uruguayo*, 1926, 368, p. 19)

En esta misma línea, aparecen discusiones sobre esta prenda en la Londres del mismo periodo, que concuerdan con lo sucedido en Uruguay. Así lo señala Entwistle, al mencionar que se inició un siglo XX con mujeres encorsetadas y con faldas largas, pero que poco a poco se fueron eliminando los encorsetamientos y se bifurcaron algunas prendas; “este cambio fue el resultado de un millar de avances sociales, económicos, políticos y culturales, así como de la inevitable búsqueda incesante de la novedad por parte de la moda” (2002, p. 192).

En definitiva, a través del análisis del tenis es posible inferir que la falda en este deporte no se extendió cada vez más, sino que, por el contrario, se acortó, lo cual permitió una mayor libertad en los movimientos. En este sentido, se entiende que el escenario deportivo no seguía la misma lógica del escenario social, pues pasó a permitir faldas más cortas en un momento en que en otros espacios, de estas mismas revistas al menos, se indicaba el uso de faldas más largas.

No solo la falda fue la prenda promovida para el tenis, también aparece “el indumento de moda en este deporte”, el *short* (Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 1934, 51, p. 2), el cual es presentado en la revista especializada *Rush* de 1934 por la señorita Adamoff, de Rusia, y la señorita Mansonetto, de Italia, en el campeonato de tenis de España. Aquí se puede apreciar a las jugadoras vistiendo *shorts* de color blanco, que se extienden hasta arriba de sus rodillas, remeras con cuello y calzado de plataforma baja.



Figura 81. “Curiosidad del deporte extranjero”

Fuente: *Rush* 1934, n. 51, p. 2. Acervo: Portal Anáforas.

Este indumento de moda fue promovido en Uruguay por medio de la publicación de *Rush* sobre el fútbol en patines, presentado como una innovación llevada adelante en Londres, donde se reiteran los *shorts* como una prescripción del deporte, ubicados por encima de las rodillas, el pelo recogido y blusas que cubren parte de los brazos.



Figura 82. “Curiosidad del deporte extranjero”

Fuente: *Rush*, 1930, 47, p. 7. Acervo: Portal Anáforas.

También la revista *Deportes* de 1930 presentaba a “Doris Anderson, jugadora norteamericana de basketball que convirtió 106 tantos en un match” (Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 1930, 47, p. 7), que vestía *short*, remera de manga corta de color negro ajustada al cuerpo, calzado de plataforma baja y pelo recogido.



Figura 83. “La mujer en el deporte”

Fuente: *Deportes*, 1930, 1, p. 18. Acervo: Portal Anáforas.

Aquí interesa pensar cómo en el transcurso de la década de 1930 no sólo se promovía la falda por arriba de las rodillas para las mujeres en los espacios de cultura física, sino también prendas como los *shorts*. Mediante el análisis de las imágenes se aprecia que esta prenda podía ser utilizada tanto por mujeres como por hombres. En las figuras 81, 82 y 83, aparecen los *shorts* en referencia al deporte extranjero, lo cual puede dar indicios de los procesos de transformación respecto a la moda deportiva que estaban transitando otros países, idea ya profundizada en el capítulo 3. Al mirar el contexto europeo, Entwistle (2002, p. 193) entiende que la promoción del deporte entre las mujeres de comienzos del siglo XX influyó en el fomento de un estilo de vestir más relajado y menos opresivo. Así, la autora afirma que “la frontera entre los géneros se iba borrando en el siglo XX, especialmente con el auge de las prendas deportivas que tendían a promover el aspecto ‘unisex’” (Entwistle, 2002, p. 194).

En definitiva, para el contexto uruguayo, se puede sostener que la vestimenta promovida para las mujeres en la práctica del tenis entre 1900 y 1920 podía ser tanto el blusón de tenis y las faldas que cubrían gran parte de sus piernas como los trajes de lana blancos y los calzados de plataforma alta. Ya transcurrida la década de 1920, se aprecia un proceso de cambio en el vestir

de las mujeres para esta práctica y aparecen los *shorts*, el *pull-over* de lana sin mangas, los saquitos tejidos en lana y las blusas de lino como elemento de frescura, confeccionadas en telas de tonos claros o blancas, con mangas largas que se enrollaban sobre sí mismas, de modo de no cubrir más que la parte superior del brazo, calzado de plataforma baja y, a su vez, faldas que se extienden hasta la altura de las rodillas. En este sentido, se entiende que este cambio identificado en los “dictados de la moda” para la práctica del tenis se diseñó conforme a los conceptos de femineidad, belleza y elegancia.

4.2 Riguroso traje de baño

Las diversas crónicas de moda publicadas por las revistas analizadas también abordaron prescripciones referidas a la vestimenta para las actividades en las piscinas y las playas. Es el caso de *Mundo Uruguayo*, que, por ejemplo, refiere que el traje de baño posee múltiples combinaciones, ya sea en las telas o en modelos:

El jersey, el sega de lana, el género esponjoso de trama gruesa, son los más aparentes para ese uso. En cuando a los colores, el blanco, el negro, el azul marino y el rojo, se recomiendan por su resistencia, prefiriéndose a sus derivados, que se destiñen a con excesiva facilidad. [...] muy distinguido es de sarga de lana negra, guarnecido con cintas de seda lavable, blancas. Acompaña a este traje una espléndida salida de baño, en tejido esponja color arena, con dibujos negros. (La moda - En la playa, *Mundo Uruguayo*, 1919, 2, p. 17)

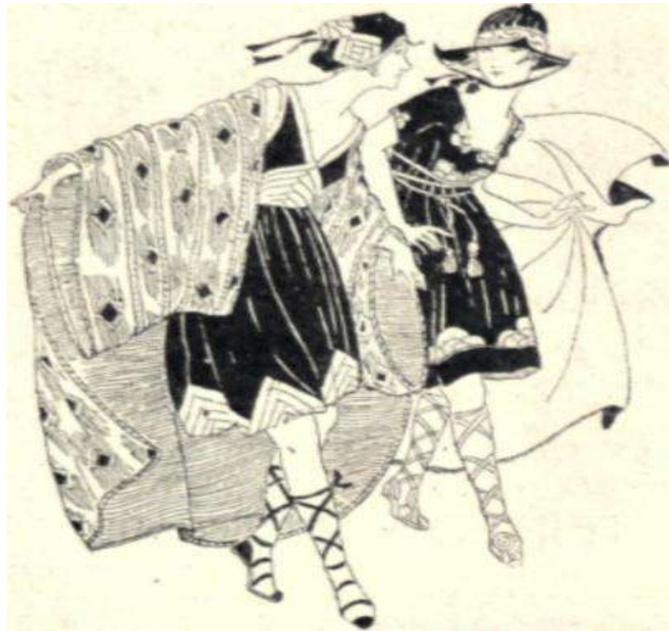


Figura 84. “La moda - En la playa”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 2, p. 17. Acervo: Portal Anáforas.

Estas formas de vestir en las actividades de playa, respecto a los trajes de baño y los accesorios de guarnición, pueden visualizarse a comienzo del siglo XX en relación con el concepto de elegancia:

La figura que acompaña esas líneas, nos representa a una elegante en su traje de playa, luciendo el chaleco de jerse y blanco sobre el fourreau de gasa georgette del mismo color. Estos chalecos, de gran moda, tienen la ventaja de que para ellos puede aprovecharse cualquier retazo de rica tela, esas que antes se conservaban en la profundidad de los roperos y que hoy son las más buscadas y las más admiradas como complemento de una toilette. El sombrero cinche, de ala algo grande, debe ser de color vivo, cereza o bleu joffre dando así una nota alegre al conjunto. En el brazo luce; nuestra figura el valioso zorro, que debe preservarla de las brisas frescas del mar. (Cómo se hace la moda, *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 8)



Figura 85. "Cómo se hace la moda"

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 8. Acervo: Portal Anáforas.

Aquí se puede entender cómo en los dictados de moda para la vestimenta de playa primaba la elegancia en lugar del confort para habitar ese espacio. Algo similar se observa en una nota sobre la playa Pocitos de 1919, en una fotografía en la que dos mujeres se aproximan al agua, cubiertas con una prenda de color negro de gran amplitud, debajo de la cual se encuentra el traje de baño, que cubre los hombros.



Figura 86. "Pocitos"

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 11, p. 11. Acervo: Portal Anáforas.

No dejan de asombrar las numerosas fuentes que presentan a la mujer con vestidos en contextos veraniegos. Por su parte, en *Anales Mundanos* de 1915 se aprecia una imagen de mujer ingresando al agua con un vestido que le cubre gran parte de los brazos y se extiende hasta arriba de las rodillas, con zapatos y gorra.



Figura 87. “Anales Mundanos”

Fuente: *Anales Mundanos*, 1915, 5, p. 31. Acervo: Portal Anáforas.

Es interesante cómo las últimas cuatro imágenes presentadas revelan mujeres en contextos veraniegos cubiertas por gran cantidad de tela, lo cual, al parecer, según las fuentes analizadas, era característico en el Uruguay de la dos primeras décadas del siglo XX. Pero pensar estas vestimentas utilizadas por las mujeres en las actividades que se vinculan con el agua invita a preguntarse: ¿Es posible entrar al agua con tal cantidad de tela sobre el cuerpo? Sin dudas que estas vestimentas generaban una visibilidad limitada del cuerpo de la mujer, lo cual respondía más a prescripciones sociales que a las características que debería tener una prenda para transitar en el medio acuático.

En contraposición a esta idea, avanzando en la década del veinte, aparecen algunas variaciones en estos trajes. Se aprecian en una publicación de 1919 de *Mundo Uruguayo* una publicidad de trajes de baño de la tienda Nueva Sirena, para señoras, hombres y niños.



Figura 88. "Nueva Sirena"

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1919, 1, p. 5. Acervo: Portal Anáforas.

En la figura 88 vemos un traje que se ajusta al cuerpo, calzado de plataforma baja, medias, pañuelo para cubrir la cabeza y un accesorio que oficia de capa. Algo similar se observa en la nadadora Mrs. Cowells, de San Francisco, en 1917 (figura n. 89), la cual se presenta con una malla ajustada al cuerpo, que le libera los brazos y se extiende hasta arriba de las rodillas.



Figura 89. "Natación"

Fuente: *Anales Revista Nacional*, 1917, 25, p. 36. Acervo: Portal Anáforas.

Lo relevante de esta comparación es cómo en 1915 en Uruguay se visualiza a una mujer ingresando al agua con un vestido, lo cual debía implicar gran dificultad al desplazarse en ese medio, mientras que en la Norteamérica de 1917 se observa una vestimenta relativamente más confortable para el medio acuático. Por su parte, en Uruguay en 1919 ya se observa más diversidad en las prescripciones de trajes de baño, y aparecen tanto aquellos que cubren gran parte del cuerpo de la mujer con prominentes telas como trajes más ajustados al cuerpo, similares al de la nadadora norteamericana.

El traje de baño, conforme transcurría la década de 1920, presentaba cambios en lo que refiere a los modelos, telas y colores. Así lo muestra la tapa de la revista *Mundo Uruguayo* de 1926, en la que aparecen dos personas en la playa, con trajes de baño muy similares, musculosas compuestas en telas rayadas, *shorts* por encima de las rodillas y pelo corto.

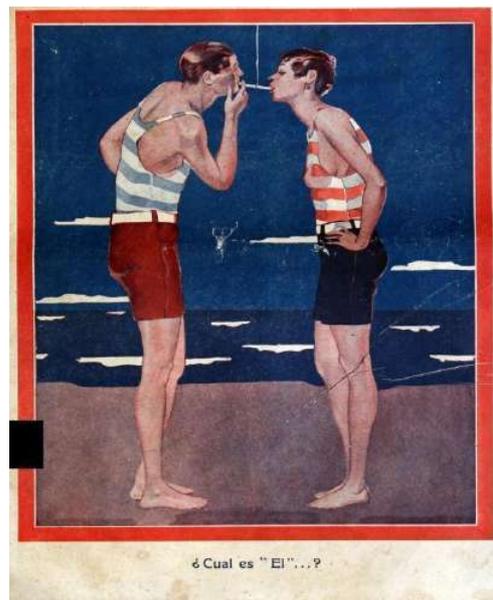


Figura 90. “¿Cuál es “él”...?”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1926, 368, p. 1. Acervo: Portal Anáforas.

Aquí interesa prestar atención a cómo la publicidad se pregunta “¿Cuál es él?”, intentando mostrar cierta similitud en las representaciones de la mujer y el hombre. En este sentido, se puede pensar cómo los gestos, las musculaturas y las ropas cargan significados que están asociados a lo femenino y lo masculino, los cuales inducen a creer que dichos significados ya

nacen con el sexo biológico y son ellos los que determinan el comportamiento, las funciones sociales, los espacios de pertenencia y las posibilidades de movimiento para mujeres y hombres (Goellner, 1998, p. 184).

Así, es posible reconocer cómo la mujer va conquistando espacios, en un mundo hasta entonces dominado por la figura masculina, donde ellos eran los protagonistas de cada evento deportivo. A partir de estos análisis, se aprecia que la mujer se va abriendo camino, de manera muy similar a lo que sucedía en Brasil, donde la mujer de la década de 1920 comenzó a adherir a los espacios de cultura física con cierto entusiasmo ante los cambios, “hábitos modernos y deportivos, encantadas con los aires de la independencia. Los tejidos ligeros, transparentes y colgantes; la renuncia a los aderezos, a los rellenos, los agregados de ropa blanca, pelucas, monturas y anillas; el rostro al natural” (Goellner, 1998, p. 52).

Estas formas de vestir con mayor libertad se aprecian en Montevideo ya en 1934. La revista *Rush* al publicar sobre la inauguración de la piscina Trouville, muestra a la nadadora Edith Crooker, de destacada actuación en el evento inaugural, lista para una carrera, vestida con malla de dos piezas ajustadas al cuerpo que le permiten cierta libertad al llevar adelante la práctica.

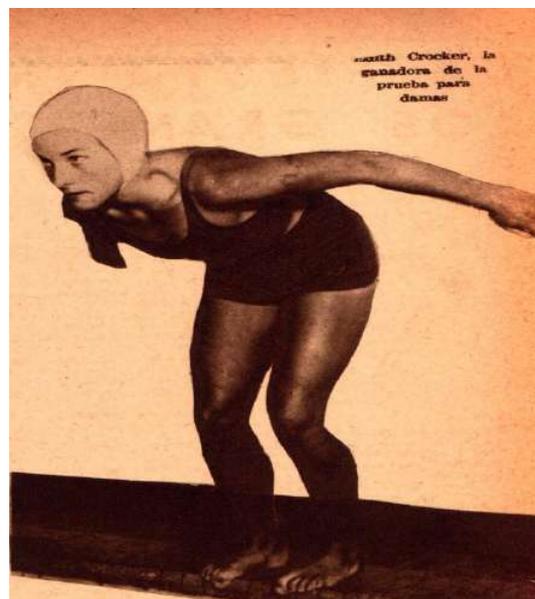


Figura 91. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportara a la natación”

Fuente: *Rush*, 1934, 34, p. 9. Acervo: Biblioteca Nacional.

Estas formas de vestir, al parecer más confortables, eran promovidas con gran interés en la década del 1930 por *Rush*, donde aparecen en un sinfín de imágenes ubicadas en diferentes lugares de relevancia, como la tapa y la contratapa. Un ejemplo es la contratapa del número 35.

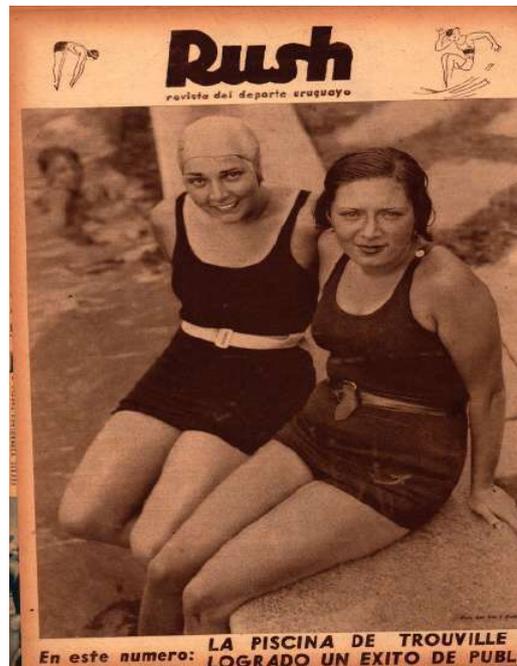


Figura 92. “La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público”

Fuente: *Rush*, 1934, 35, p. 8. Acervo: Biblioteca Nacional.

En la figura 92 se puede identificar que, en Montevideo, para 1930, los trajes de baño ya eran más cortos y ajustados al cuerpo, se podría decir que más adecuados para desplazarse en el medio acuático. Es decir, es posible inferir ciertas libertades que comenzaban a permitir las ropas utilizadas por las mujeres. Estas características de las prendas de vestir se aprecian también en la tapa del número 735 de *Mundo Uruguayo*, en la que aparecen cinco mujeres vistiendo trajes de dos piezas, una sin calzado, dos con calzado de plataforma baja y la última con plataforma alta.

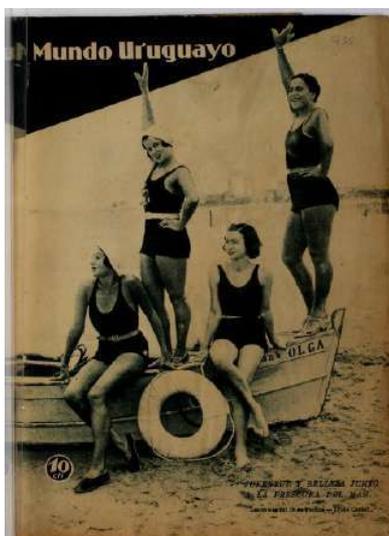


Figura 93. “Mundo Uruguayo”

Fuente: *Mundo Uruguayo*, 1933, 735, p. 1. Acervo: Portal Anáforas.

Una imagen de mujer con vestimentas más cortas también fue mostrada por la revista *Rush*, al publicar sobre las actividades desarrolladas en la piscina municipal Trouville.

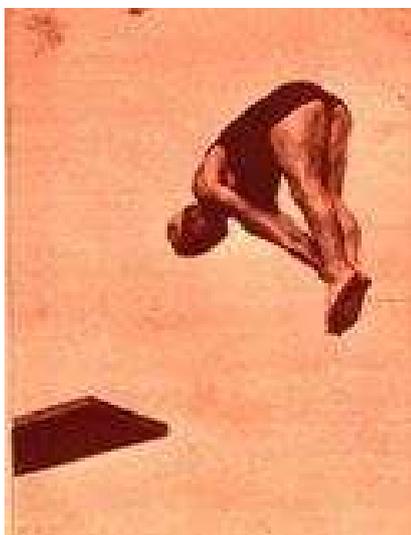


Figura 94. “Será necesario realizar obras balnearias permanentes”

Fuente: *Rush*, 1934, 30, p. 2. Acervo: Portal Anáforas.

A través de estas imágenes se puede ver cómo, transcurridos los primeros años del siglo XX, ya hacia 1930, las mujeres aparecen con vestimentas diversas, vestidos, faldas cortas, faldas largas, entre otras. Se reconoce a esa mujer uruguaya que buscaba la emancipación, con algunas conquistas en cuanto a su libertad teniendo en cuenta la diversidad de prácticas que empezaba a desarrollar y las distintas formas de vestir en ellas.

En tanto, en Brasil transcurrida la década de 1920, ya se había abandonado el pelo largo y ahora las mujeres lo podían utilizar también corto, se promovía el uso de tejidos ligeros, que permitían al cuerpo respirar y se presentaban como una extensión de la piel siguiendo el movimiento del cuerpo:

... los cuerpos reales, y las ropas de las mujeres revelaron cierta libertad, lograron también por su ropa con telas suaves, ajustado al cuerpo y con transparencia. Incluso los pantalones, que todavía mantienen muchas restricciones de uso, se toleraron. Las telas en boga durante el período se presentaron, así como una extensión de la piel y los movimientos del cuerpo que se acompañan en una composición tangible y plástico. (Soares, 2011, p. 87)

En el mismo periodo, en Argentina se presentó con entusiasmo a la mujer moderna, que comenzó a liberarse del corsé, se colocó fajas más flexibles y ropas más sueltas (Bontempo, 2016, p. 329). Armus (2016) también advierte cómo en ese país vecino los efectos del corsé en el cuerpo de las mujeres fue un elemento de discusión y ya en la década de 1930 los anuncios publicitarios eran austeros sobre esta prenda.

Por su parte, en el Uruguay del periodo aparentemente no se estaba muy alejado de ello. Las fuentes muestran a una mujer vestida con ropas que revelan libertades al realizar los movimientos, características apreciadas en las imágenes tanto de las revistas *Mundo Uruguayo*, *Rush* y *Deportes*, como en *Anales Revista Nacional*, particularmente en su número 109, del año 1931:

Nuestras bellas costumbres, nuestras necesidades superiores de vivir libremente, nuestro temperamento refinado, aun mismo nuestras rebeldías veraniegas han creado a Carrasco, y el sello de nuestra vida culta y generosa es la que allí impera y está, indiscutiblemente, en un imperio propio que la realidad de nuestros grabados se encarga de confirmar (Carrasco en 1932, *Anales Revista Nacional*, 1931, 109, p. 21)

Esta idea permite entender cómo en la Montevideo de la década de 1930 el vínculo entre mujeres y cultura física ya había atravesado ciertos procesos de transformación. Fue un periodo en el que la mujer uruguaya, “la reina del hogar, la conservadora de la intimidad, se volcaba al exterior, se hacía pública” (Trochón, 1998, p. 68). Según Trochón, ya desde los años veinte las mujeres comenzaron a abandonar el empaque del cuerpo que las había constituido en épocas anteriores, ahora ellas

Se calzaron los pantalones, fumaron, y las que pudieron se sentaron al volante de los automóviles. El cuerpo femenino mostro sus desnudes, las polleras se acortaron, los escotes se pronunciaron, el corsé cayó al desuso y se adoptó —como signo irreverente de externa “liberación”— el cabello cortado a la garçon y, las más audaces, las oxigenadas “melanitos de oro”. La mujer se exhibió, abandonó progresivamente su tradicional reclusión hogareña, salió a la conquista del espacio público y lo colonizó. Pasó así a constituirse en una presencia estable donde antes era una sombra fugaz. (1998, p. 63)

No obstante, el recato, la belleza y la elegancia eran conceptos que debía respetar el cuerpo de la mujer uruguaya de comienzos del siglo XX en ámbitos vinculados a la cultura física, como es el caso del tenis y la natación.

En lo que refiere al tenis, se aprecian procesos de cambio en cuanto las vestimentas utilizadas una vez transcurrida la década de 1920, y en la natación los cambios con relación a las ropas se identifican al comenzar esa misma década. En este sentido, se puede afirmar que las representaciones del cuerpo de la mujer que se identifican a partir de la mirada hacia las ropas refieren a un cuerpo joven, blanco, armónico, proporcionado y de talla media.

5. CONSIDERACIONES FINALES

El eje principal de este trabajo fue indagar la relación entre mujeres y cultura física en Montevideo en las primeras décadas del siglo XX. Más que una conclusión definitiva, se pretende configurar un mapeo inicial de un conjunto de prácticas corporales desarrolladas por mujeres que fueron difundidas en Uruguay en el primer tercio del siglo XX a través de la prensa.

Se organiza este capítulo en relación con las preguntas iniciales de la investigación. Por un lado, nos preguntamos: *¿En qué espacios se desarrollaba la cultura física de la mujer según las publicaciones de la prensa?* Esto se vio claramente marcado en espacios específicos de la ciudad de Montevideo, espacios que presentaron características claves para entender el tipo de población que allí circulaba. Específicamente, se encontró a la mujer en vínculo con la cultura física en los barrios Capurro, Playa Ramírez, Pocitos, Punta Carretas y Carrasco.

En Capurro fue posible encontrar la circulación de manera simultánea de diversas clases sociales, en las prácticas de natación y voleibol. Esto fue influenciado principalmente por las actividades que desarrolló el club deportivo femenino Capurro en la playa de la zona. Por su parte, en Carrasco, Pocitos y Punta Carretas se identificó a la elite montevideana, en la práctica del tenis y el golf. Por último, en lo que refiere a la Playa Ramírez, en las temporadas de verano se identificó a la mujer perteneciente a las clases populares.

Por otra parte, nos centramos en el segundo bloque de preguntas de investigación: *¿Qué prácticas corporales eran permitidas o prohibidas para las mujeres en Montevideo entre 1903 y 1934?* Aquí fue posible encontrar indicios de diversas prácticas que se configuraron en torno a la mujer uruguaya. En la primera década del siglo XX se percibe una promoción más sistemática del ejercicio de las mujeres, pero al avanzar la década del 1920 se reconocen más espacios en los que se visualiza a las mujeres practicando diversos deportes. Este tránsito de las mujeres por la cultura física en Uruguay fue similar a lo vivido en Argentina y Brasil en la década de 1920.

Las prácticas identificadas como *caminatas progresivas, higiénicas, la marcha o el “footing”*, todas denominaciones utilizadas como sinónimos en las distintas fuentes para nombrar una actividad que fue considerada por momentos “el mejor ejercicio para la mujer”, ya que cultivaba la belleza y cuidaba la línea, en todo momento evitando los excesos y la fatiga.

Por otro lado, la práctica del *tenis* tuvo mayor presencia en las fuentes analizadas durante todo el periodo estudiado. Las mujeres aparecieron circulando en diversos encuentros y torneos de este deporte. El fervor del tenis llevó a que fuese practicado en diversos puntos de la ciudad, desde Pocitos, Carrasco y Malvín hasta el Prado.

Al divulgar esta práctica, la prensa enfatizaba que realza los parámetros de elegancia, gracia, distinción y belleza, reproducidos por buena parte de la población, ya que fue un deporte practicado con gran protagonismo por las mujeres uruguayas pertenecientes a la clase distinguida y cobró una centralidad singular en el Uruguay del periodo.

En el caso del *golf*, se aprecia una gran divulgación de su práctica con gran énfasis en la década de 1930, tanto al aire libre como “indoor”. Este deporte, según las fuentes analizadas, está vinculado a conceptos como la silueta femenina, la gracia que genera y la sonrisa de las practicantes. Al igual que en el tenis, en el golf se involucraron tanto jóvenes como adultas, principalmente las pertenecientes a la clase distinguida de la sociedad uruguaya.

Por otro lado, en los periodos de verano se identifica a la mujer realizando actividades de *regata a remo largo* y en *yates*, en el caso de Argentina, así como concursos de *pesca* y encuentros de *natación* desarrollados en Montevideo.

En cuanto a la natación, el proceso de promoción de esta práctica para las mujeres en Uruguay fue similar al de Brasil, donde, según Goellner (1998, 2000, 2007) y Medeiros (2021), se recomendaba la natación como el deporte más adecuado para las mujeres, ya que, de acuerdo con las fuentes uruguayas analizadas, era considerado un deporte excelente, que genera elasticidad en los músculos de las mujeres, tonifica sus cuerpos, endurece los músculos y perfecciona y moldea las líneas.

Con relación a esto, los espacios con mayor participación de las mujeres según fuentes fueron la Playa Capurro y la piscina municipal Trouville. La *Playa Capurro* fue tomada como modelo por las revistas consultadas. Según sus publicaciones, se pretendía que estas actividades se desarrollasen en otros puntos de la ciudad. Este espacio estuvo influenciado por las actividades que en él llevaba adelante el club deportivo femenino Capurro, que en épocas de verano cruzaba la avenida e instalaba allí sus actividades. Aquí se encuentra a las mujeres desarrollando actividades como *voleibol*, *natación*, *tenis*, *básquetbol*, *hockey*, *atletismo* y *gimnasia*. Sin

dudas, Capurro fue un espacio de ciertas reivindicaciones por parte de la mujer. Allí se la identifica con algunas posturas reivindicativas, a través del despliegue deportivo que le permitió un desarrollo tanto corporal como social claramente marcado.

En el caso de la *piscina municipal Trouville*, aparece la mujer compitiendo en pruebas de *natación* en conjunto con el hombre, dinámicas que hasta la década del treinta no se visualizaban en Uruguay. Esta idea ayuda a entender cómo las mujeres este periodo iba consolidando y abriendo camino a las diversas posibilidades que hasta el momento se les habían negado. Por ello, es posible apreciar a la mujer en este espacio con ciertas libertades, con vestimentas acortadas, mallas de dos piezas, en la parte superior una prenda ajustada al cuerpo, sin mangas, y en la parte inferior también ropa ajustada al cuerpo, cubriendo parcialmente las piernas.

Es relevante destacar la intención que tuvo la revista *Rush* respecto a la mujer y la cultura física, al buscar revalorizar y reivindicar el vínculo entre ambas. Esta idea se reconoce claramente en el destaque de las actividades desarrolladas tanto en la piscina municipal Trouville como en el club Capurro.

Otro aspecto importante es que, a diferencia de Argentina, donde la práctica de los deportes se vinculó de manera directa con las funciones reproductivas de la mujer, en Uruguay en las fuentes estudiadas no aparece de manera explícita la cultura física en vínculo con la maternidad, sino, principalmente, con el desarrollo de los parámetros de elegancia, gracia, distinción y belleza.

Por último, respecto a esta pregunta de investigación, se desprende de las fuentes el concepto de "*Curiosidad del deporte extranjero*", sección promovida por las revistas estudiadas. Allí aparecen prácticas provenientes de diferentes países que eran difundidas por las revistas uruguayas. Por un lado, desde España se encuentran prácticas como el fútbol coreográfico femenino, natación, atletismo y deporte alpino. Por su parte, desde Norteamérica aparecen divulgaciones de la natación y desde Alemania, publicaciones de la gimnasia femenina. De manera genérica, sin expresar la revista el país de procedencia, se visualizó a la mujer extranjera en prácticas como tenis, básquetbol, arco y flecha, aviación, *sky*, fútbol en patines, deporte en la montaña, ciclismo y atletismo. Sin dudas, las influencias europeas y americanas eran las divulgadas con mayor frecuencia en el Uruguay del periodo y en el caso de la natación el énfasis

estuvo en las publicaciones vinculadas con actividades realizadas en América del Norte. Lo interesante aquí es el valor que se le asignó a la cultura física de la mujer en los países extranjeros, idea que al parecer ya estaría más instaurada en comparación con el Uruguay del periodo estudiado. De todos modos, estas publicaciones indican que las intenciones de las revistas eran promover lo que sucedía en el exterior con el afán de reproducir estos modelos de cuerpos y de prácticas en nuestro país.

Como últimas preguntas de investigación nos planteamos: *¿Qué tipo de cuerpo de mujer se pretendía divulgar en Montevideo entre 1903 y 1934? ¿Cuáles eran las prescripciones con relación a las ropas utilizadas en espacios de cultura física para la mujer de Montevideo entre 1903 y 1934?*

Para aproximarnos a estas reflexiones luego del análisis teórico abordado en la tesis, se puede entender que la moda en general y en los deportes en particular fue muy promovida por las diversas fuentes analizadas, una moda que buscaba armonizar femineidad, belleza y elegancia.

En el caso de las *caminatas al aire libre*, se promovieron trajes “*trotteur*”, sencillos, prácticos y apropiados para las caminatas de la mañana. También apareció la falda corta, más práctica y más “chic” que la larga. En cuanto a los géneros de las prendas, debían ser gruesos, como la sarga, la gabardina, la tricotine o los géneros ingleses, donde el polvo de la calle no puede adherirse.

Con respecto al *tenis*, se hallaron publicaciones sobre el famoso blusón de tenis y el corsé La Diva. Aquí cabe mencionar que se identificó un cambio con relación a las maneras de vestir durante el periodo estudiado. Por un lado, en la primera década del siglo XX se recomendaba el uso de vestimentas de gran amplitud, que cubriesen las extremidades superiores, y faldas que se extendiesen hasta las inferiores. Ya entrada la década de 1920, se empezó a promover el *pull-over* de lana sin mangas, la blusa, vestidos que permitían libertades en los movimientos y que iban hasta encima de las rodillas, el *short* y la falda, que en este deporte se acortó cada vez más, lo que permitió una mayor libertad de movimiento.

En definitiva, mirando el contexto montevideano, se puede observar que la vestimenta promovida para las mujeres en la práctica del tenis hasta 1920 estuvo centrada en coartar los movimientos, con foco más en conceptos de elegancia que en el dinamismo característico de

este deporte. Ya transcurrida la década de 1920 se aprecia un proceso de cambio en el vestir de las mujeres para esta práctica, con prendas que les permitieron otras dinámicas y experiencias.

En el caso del “*riguroso traje de baño*”, se aprecia que primaba la elegancia en lugar del confort para habitar el espacio acuático. Este es el caso de los vestidos identificados en las primeras dos décadas del siglo XX, que contaban con gran cantidad de tela, así como zapatos y accesorios. Ya transcurrida la década de 1920, se observa diversidad en las prescripciones de los trajes de baño en lo que refiere a modelos, telas, colores, trajes más libres, con menos cantidad de género, ajustados al cuerpo, en una y dos piezas. Este proceso de transformación fue similar al ocurrido en los países vecinos de Argentina y Brasil, donde la mujer se identificó en esta década de 1920 con ropas que revelan libertades al realizar los movimientos.

Tanto para las caminatas al aire libre y el tenis como para la natación, se percibe una divulgación de prescripciones que responden a un cuerpo singular de mujer, principalmente de talla media, joven, blanca y de clase media. En muchas de las publicaciones esta mujer era presentada como objeto de deseo, a partir de una estética que buscaba unificar rasgos homogéneos de estos cuerpos, idea que concuerda con los parámetros encontrados por Goellner (1998) en Brasil. En tal sentido, es complejo hablar de “un cuerpo de mujer”, en singular, ya que las mujeres son diversas, presentan diferentes necesidades, intereses, sentimientos y formas de vivir.

De este modo, se percibe que para estas mujeres las actividades vinculadas a la cultura física estuvieron relacionadas con la construcción de un estado saludable, representado por las prescripciones de los diferentes deportes. A su vez, en la gran mayoría de las publicaciones estuvo presente el concepto de sociabilidad, característica de estos contextos. Este desarrollo se vio con mayor protagonismo en la década de 1930 en Uruguay, cuando salió a la luz la mujer moderna o, como se menciona en los países vecinos, “la nueva mujer moderna”, que obtuvo diversos grados de visibilidad en los espacios públicos.

Para finalizar, interesa señalar que esta investigación busca contribuir al debate sobre mujeres y cultura física, y, en este sentido, abre un camino poco explorado respecto a este vínculo en Uruguay, camino que muestra una historia viva, con contradicciones, ambivalencias, afirmaciones y conquistas que fueron ganando las mujeres uruguayas, muchas de ellas promotoras de estos cambios. Esta conquista es parte de un proceso que comenzó a inicios de siglo XX y fue ganando espacio al llegar la década de 1930, década en que podemos afirmar

que se empezó a visualizar una cierta consolidación de la cultura física de la mujer montevideana, principalmente de la perteneciente a la clase distinguida de nuestra sociedad.

BIBLIOGRAFÍA

- Armus, D. (2016). La cultura física de las mujeres, la moda del corsé y los ignorados consejos de los médicos. Buenos Aires, 1870-1940. En P. Scharagrodsky, *Mujeres en movimiento* (pp. 25-48). Buenos Aires: Prometeo.
- Aróstegui, J. (2012). *La investigación histórica: teoría y método*. Barcelona: Crítica.
- Balbis, J. (1985). La situación de las trabajadoras durante el primer batllismo. En J. Balbis, *El primer batllismo. Cinco enfoques polémicos* (pp. 105-159). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Barrán, J. P. (2008). *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Dos tomos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Barrán, J. P. (1995). *Medicina y sociedad en el Uruguay del novecientos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Barrios Pintos, A. (1971a). *Montevideo. Los barrios 1*. Montevideo: Nuestra Tierra.
- Barrios Pintos, A. (1971b). *Montevideo. Los barrios 2*. Montevideo: Nuestra Tierra.
- Billorou, M. J. y Caldo, P. (2019). Fuentes y archivos para una historia con/de mujeres en perspectiva de género. En C. F. Salomon, *El hilo de Ariadna* (pp. 201-208). Buenos Aires: Prometeo.
- Bloch, M. (1982[1949]). *Introducción a la historia*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Bonicatto, V. (2015). El Palacio de Salvo Hnos: un rascacielos para la manufactura uruguaya. *H-industri@*, 9(17): 121-149.
- Bontempo, P. (2016). El cuerpo de la mujer moderna. La construcción de la femineidad en las revistas de Editorial Atlántica, 1918-1933. En P. A. Scharagrodsky, *Mujeres en movimiento* (pp. 329-343). Buenos Aires: Prometeo.
- Bontempo, P. y Queirolo, G. (2012). Las chicas modernas se emplean como dactilógrafas. *Revista de Historia de Chile y América*, 2: 51-76.

- Boronat, J. (2012). *Barrio Capurro, recorrido de aproximación a su historia urbana*. Montevideo: Universidad de la República.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinción. Criterio y base social del gusto*. Madrid: Santillana.
- Burke, P. (2005). *Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico*. Madrid: Crítica.
- Butler, J. (2007). *El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós.
- Cabella, W. y Pellegrino, A. (2015). Población y sociedad. En G. Caetano, *Uruguay. En busca del desarrollo entre el autoritarismo y la democracia. Tomo III: 1930-2010* (pp. 203-252). Montevideo: Planeta.
- Caetano, G. (1998). Lo privado desde lo público. Ciudadanía, nación y vida privada en el Centenario. En J. P. Barran, G. Caetano, T. Porzecanski, *Historias de la vida privada en el Uruguay* (pp. 17-61). Montevideo: Santillana.
- Caetano, G. (1985). Los caminos políticos de la reacción conservadora (1916-1933). En J. Balbis, *El primer batllismo. Cinco enfoques polémicos* (pp. 129-159). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Caldo, P. y Pellegrini, M. (2017). Fotografías de una escuela profesional de mujeres: entre lo dicho y lo retratado, 1938-1965. *Revista Meridional*, 9: 191-210.
- Cott, N. (2006). Mujer moderna, estilo norteamericano: los años veinte. En G. P. Duby, *Historia de las mujeres. El siglo XX* (pp. 107-126). Barcelona: Taurus.
- Cuadro, I. (2023). Los varones reaccionan. Masculinidades en el Novecientos uruguayo. *Avances del Cesor*, 20(29). <https://doi.org/10.35305/ac.v20i29.1884>
- Cuadro, I. (2016). *Feminismos y política en el Uruguay del novecientos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Dogliotti, P. (2013). La formación de maestros de educación física en el Uruguay (1921-1930): Julio J. Rodríguez. *História da Educação*, 17(41): 139-158.

- Dogliotti, P. (2012). Educación del cuerpo, higiene y gimnástica en la conformación de la educación física escolar en el Uruguay (1874-1923). *Historia de la Educación - Anuario 2012*, 1-21.
- Entwistle, J. (2011). Asunto de mujeres. En P. Crosi y A. Vitale, *Los cuerpos dóciles. Hacia un tratado sobre la moda* (pp. 177-182). Buenos Aires: La Marca Editorial.
- Entwistle, J. (2002). *El cuerpo y la moda. Una visión sociológica*. Barcelona: Paidós.
- Fausto-Sterling, A. (2006). *Cuerpos sexuados*. Barcelona: Melusina.
- Fischer, D. (2021). *Secretos de un jardín. Historias y leyendas de Carrasco*. Montevideo: BMP Productos Culturales.
- Formoso, L. (2017). O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero. *Revista Poliedro*, 1(1): 48-64.
- Goellner, S. (2007). Feminismo, mujeres y deportes: Cuestiones epistemológicas sobre el hacer historiográfico. *Movimento*, 2: 173-196.
- Goellner, S. (2000). Mulheres em movimento, imagens femininas na Revista Educação Física. *Educação e Realidade*, 2: 77-94.
- Goellner, S. (1998). As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. *Movimento*, 9: 47-57.
- Goldaracena, R. (1998). *Los barrios de Montevideo*. Montevideo: Arca.
- Gómez, A. (2015). Elvira López: pionera del feminismo en la Argentina. *Cuyo*, 32(1): 17-37.
- Kirk, D. (1999). Physical culture, physical education and relational analysis. *Sport, Education and Society*, 4(1): 63-73.
- Lavrin, A. (2005). *Mujeres, feminismos y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*. Santiago de Chile: Ediciones de la Dirección de Biblioteca, Archivos y Museos.

- Mallada, A. y Quitzau, E. (2020). Elegantes siluetas femeninas y las varoniles formas armoniosas: primeros acercamientos históricos sobre mujeres y cultura física en Montevideo. *Movimento*, 26, e26028.
- Martínez, P. N. (2015). La emergencia del feminismo en la Argentina: un análisis de las tramas discursivas a comienzos del siglo XX. *Revista Estudos Feministas*, 1: 71-97.
- Martins, A. L. (2017). *Regule-se, exercite-se, embeleze-se: pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista Alterosa (1939-1964)*. Tesis de doctorado, Universidad Federal de Minas Gerais.
- Martins, A. L. (2003). Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, 22(1): 59-79.
- Medeiros, D. (2021). *Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)*. Tesis de doctorado, Universidad Estatal de Campinas.
- Medeiros, D.; Martínez, M.; Borkowsky, A. y De los Santos, I. (2023). Lilian Harrison y la travesía del Río de la Plata (1923): repercusión en la prensa uruguaya. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 45. <https://doi.org/10.1590/rbce.44.e20230005>
- Medeiros, D.; Quitzau, E. y Moraes e Silva, M. (2020). A travessia de sao paulo a nado (1924-1944) e o proceso de esportivizacao aquatica paulistana? *História: Questões & Debates*, 68(37): 77-95.
- Moraes e Silva, M. (2011). Novos modos de olhar, outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo na cidade de Curitiba (1899-1918). Tesis de doctorado, Universidad Estatal de Campinas.
- Moraes e Silva, M.; Quitzau, E. A. y Soares, C. L. (2018). Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). *Educação e Pesquisa*, 44: 1-23.

- Moraes e Silva, M. y Fontoura, M. P. (2011). Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(2): 263-275.
- Nahum, B. (2014). *Manual de historia del Uruguay. Tomo II: 1903-2010*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Nahum, B. (2011). *Historia Uruguaya. Tomo 8: La época batllista 1905-1919*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Nari, M. (2004). *Políticas de maternidad y maternalismo político. Buenos Aires, 1890-1940*. Buenos Aires: Biblos.
- Peyrou, R. (2015). La cultura y sus tendencias. En G. Caetano, *Uruguay en busca del desarrollo entre el autoritarismo y la democracia. Tomo III: 1930-2010* (pp. 253-327). Montevideo: Planeta.
- Quitzaú, E. y Mallada, A. (2022). Puliendo cuerpos y estilizando líneas: mujeres y cultura física en Montevideo en la década de 1930. En P. Dogliotti y R. Rodríguez, *Desarrollos actuales de investigación en educación física en Uruguay* (pp. 143-160). Montevideo: ISEF.
- Reggiani, A. S. (2016). Circulación, difusión y apropiación de saberes y prácticas corporales: el caso de la gimnasia femenina de Ruth Schwarz de Morgenroth, 1935-1945. En P. Scharagrodsky, *Mujeres en movimiento* (pp. 49-84). Buenos Aires: Prometeo.
- Ruggiano, G. (2016). *Ser un cuerpo educado: urbanidades en el Uruguay (1875-1918)*. Tesis de doctorado, Universidad Estatal de Campinas.
- Sapriza, G. (2015). “Nos habíamos amado tanto”. Años revueltos. Mujeres, colectivos y la pelea por el espacio público. *Revista Estudios Feministas*, 23(3): 939-958.
- Scharagrodsky, P. (2019). ¿Cruzando fronteras? El primer cruce a nado del Río de La Plata, Uruguay-Argentina, 1923. *Claves. Revista de Historia*, 5(8): 211-233.

- Scharagrodsky, P. A. (2016). Circulación, difusión y apropiación de saberes y prácticas corporales: el caso de la gimnasia “femenina” de Ruth Schwarz de Mongenroth, 1935-1945. En P. A. Scharagrodsky, *Mujeres en movimiento* (pp. 49-84). Buenos Aires: Prometeo.
- Scharagrodsky, P. A. (2014). *Miradas médicas sobre la cultura física en Argentina (1880-1970)*. Buenos Aires: Prometeo.
- Scott, J. (2010). Gender: still a useful category of analysis? *Diógenes*, 57(1): 7-14.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 20(2): 71-99.
- Simpson, C. (1998). *A social history of womwn and cycling in late-nineteenth century New Zeland*. Tesis de doctorado, Universidad de Lincoln.
- Soares, C. L. (2011). As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Pro-Posições*, 22(3): 81-96.
- Sontag, S. (2005). *Sobre la fotografía*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Bandy, S. y Gori, G. (2012). Género y deporte: perspectivas transnacionales, transdisciplinarias e interseccionales. *Revista Internacional de Historia del Deporte*, 29(5): 667-674.
- Texeira, V. y Quitzaú, E. (2019). Genero e sexualidade: perspectivas para história do esporte. *Revista Brasileira de Estudos de Homocultura*, 2: 79-96.
- Trochón, Y. (1998). De grelas, cafichios y piringundines. En J. C. Barrán, *Historias de la vida privada en el Uruguay. Individuo y soledades 1920-1990* (pp. 63-102). Montevideo: Santillana.
- Vertinsky, P. (1994). The social construction of the gendered body: exercise and the exercise of power. *The International Journal of the History of Sport*, 11(2): 147-171.
- Vicario, C. (2004). *Punta Carretas: de cárcel a shopping center*. Tesis de Licenciatura en Sociología, Universidad de la República.

Zicman, R. (1985). História através da imprensa: algumas considerações metodológicas.
Projeto História, 4: 89-102.

FUENTES

¿Cuál es “él”...?, *Mundo Uruguayo*, 368, p. 1, 1926.

A la mujer española, *Rush*, 44, p. 2, 1934.

A nuestros suscriptores, *Anales Revista Nacional*, 1, p. 7, 1915.

Actualidad del tenis mundial, *Deportes*, 5, p. 31, 1930.

Academias de elegancia, *Anales Revista Nacional*, 18, p. 38, 1917.

Alcanzó con gran éxito el concurso de pesca organizado por el Touring club uruguayo, *Rush*, 27, p. 15, 1934.

Algunos consejos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 30, p. 20, 1908.

Almas femeninas, *Anales Mundanos*, 2, p. 25, 1915.

Al lector, *Sportsman*, 1, p. 6, 1908.

Antes los próximos Juegos Olímpicos los recordsman se preparan, *Rush*, 46, p. 2, 1934.

Argentinos, paraguayos y uruguayos participarán en el torneo internacional de tennis, *Rush*, 29, p. 15, 1934.

Aux lecteurs des Anales Mundanos, *Anales Revista Nacional*, 1, p. 7, 1915.

Blusón para “Tennis”, *Anales Mundanos*, 6, p. 36, 1915.

Carrasco en 1931, *Anales Revista Nacional*, 109, p. 21, 1931.

Carrasco, la playa más apta para las grandes justas deportivas, *Rush*, 29, p. 8, 1934.

Cómo se hace la moda, *Mundo Uruguayo*, 1, p. 8, 1919.

Cómo ha de ser la mujer, *Rush*, 28, p. 32, 1918.

Confesión, *Anales Mundanos*, 2, p. 17, 1915.

- Corsé KABO, *Anales Mundanos*, 8, p. 43, 1915.
- Corsé La Vida, *Anales Revista Nacional*, 22, p. 40, 1917.
- Cuidando la línea, *Mundo Uruguayo*, 15, p. 20, 1919.
- Cultura Física, *Deportes*, 2, p. 21, 1930.
- Cultura física en la Asociación Cristiana Femenina, *Anales Mundanos*, 57, p. 9, 1920.
- Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 47, p. 7, 1934.
- Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 51, p. 2, 1934.
- Curiosidad del deporte extranjero, *Rush*, 52, p. 2, 1934.
- Crónica de la moda - Colores - Últimos modelos, *Anales Mundanos*, 21, p. 38, 1917.
- Crónicas de moda, *Anales Revista Nacional*, 38, p. 52, 1919.
- Crónicas de moda, *Anales Revista Nacional*, 23, p. 34, 1917.
- Consultorio femenino de belleza, *Anales Revista Nacional*, 28, p. 17, 1918.
- Conversando con mis lectoras, *Anales Revista Nacional*, 1, p. 19, 1915.
- Contratapa, *Rush*, 37, p. 16, 1934.
- Deportes, *Deportes*, 2, p. 21, 1930.
- Diversas, *Sportsman*, 19, p. 14, 1908.
- El deportivo femenino Capurro es un club de verdad, *Rush*, 30, p. 12, 1934.
- El deporte, *Anales Revista Nacional*, 111, p. 35, 1930.
- El fútbol coreográfico femenino, *Rush*, 41, p. 2, 1934.
- El gran deporte en la montaña, *Rush*, 42, p. 12, 1934.
- El hogar y las modas, sugerencias de belleza, *Casos y Cosas y Sportsman*, 28, p. 19, 1908.

- El indoor golf, *Anales Revista Nacional*, 109, p. 38, 1930.
- El Instituto Crandon inicia sus cursos deportivos, *Rush*, 36, p. 11, 1934.
- El Pocitos del 1900, *Anales Revista Nacional*, 109, p. 20, 1930.
- El tennis, *Anales Mundanos*, 6, p. 11, 1915.
- El torneo femenino de natación en la playa Capurro, *Rush*, 38, p. 13, 1934.
- El torneo "otoño" de tennis sigue disputándose con creciente interés, *Rush*, 43, p. 14, 1934.
- El yate timoneado por la Dra. Blanca R. de Castillo fue el ganador, *Rush*, 27, p. 15, 1934.
- En el Círculo de Tennis, *Anales Revista Nacional*, 25, p. 13, 1917.
- En el Montevideo Lawn Tennis, *Rush*, 47, p. 14, 1934.
- En los jardines Parque Hotel, *Anales Revista Nacional*, 52, p. 10, 1920.
- En Pocitos, *Anales Revista Nacional*, 38, p. 10, 1919.
- En Ramírez está la piscina popular del futuro, *Rush*, 31, pp. 10-11, 1934.
- Escollera Sarandí, *Rush*, 27, p. 11, 1934.
- Fajas modeladoras, *Mundo Uruguayo*, 729, p. 11, 1932.
- Fajas modeladoras, *Mundo Uruguayo*, 735, p. 20, 1933.
- Fajas modeladoras, *Mundo Uruguayo*, 770, p. 23, 1933.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 600, p. 16, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 602, p. 15, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 603, p. 17, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 604, p. 116, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 606, p. 18, 1930.

- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 608, p. 31, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 609, p. 15, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 610, p. 6, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 611, p. 11, 1930.
- Fajas, *Mundo Uruguayo*, 614, p. 13, 1930.
- Fantasia, *Anales Mundanos*, 3, p. 36, 1915.
- Fusión de ahíncos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 26, p. 2, 1908.
- Gustos y colores, *Anales Mundanos*, 5, p. 31, 1915.
- Importancia de los brazos, *Casos y Cosas y Sportsman*, 30, p. 20, 1908.
- La diva, *Anales Mundanos*, 6, p. 5, 1915.
- La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidencio los grandes beneficios que esta reportara a la natación, *Rush*, 34, p. 8-9, 1934.
- La final de volley femenino en Capurro, *Rush*, 36, p. 11, 1934.
- La guerra y la moda, *Anales Mundanos*, 1, p. 19, 1915.
- La moda - En la playa, *Mundo Uruguayo*, 2, p. 17, 1919.
- La mujer en el deporte, *Deportes*, 1, p. 18, 1930.
- La "muy sport", *Mundo Uruguayo*, 368, p. 19, 1926.
- La nota, *Anales Revista Nacional*, 20, p. 7, 1917.
- La piscina de Trouville ha logrado un éxito de público, *Rush*, 35, p. 8, 1934.
- La señora en el club, *Anales Revista Nacional*, 12, p. 34, 1916.
- Las actividades femeninas en las playas, *Rush*, 35, p. 6, 1934.

- Las chicas de Capurro obtuvieron un hermoso triunfo en Hockey, *Rush*, 51, p. 11, 1934.
- Las ediciones de "Mundo Uruguayo". Su enorme tiraje, *Mundo Uruguayo*, 7, p. 2, 1919.
- Las faldas, los celos y las moralidades, *Anales Mundanos*, 17, p. 42, 1917.
- Las tertulias de doña Rosita, *Anales Revista Nacional*, 29, p. 18, 1918.
- Lawn Tennis. Los torneos en Buenos Aires, *Sportsman*, 3, p. 9, 1908.
- Los argentinos siguen siendo mejores en tennis pero los nuestros los obligaron a extremarse en el sudamericano de Carrasco. La actuación de los paraguayos, *Rush*, 31, p. 8, 1934.
- Los deberes de la esposa, *Anales Mundanos*, 9, p. 16, 1916.
- Los deportes en el mundo femenino, *Anales Revista Nacional*, 56, p. 11, 1920.
- Los grandes matches internacionales de tennis en el Prado, *Mundo Uruguayo*, 611, p. 30, 1930.
- Los juegos atléticos de Malvín, *Rush*, 36, p. 15, 1934.
- Los "links" del Club de Golf Uruguay fueron escenario de la disputa de dos interesantes torneos, *Rush*, 37, p. 3, 1934.
- Los primeros calores, *Anales Revista Nacional*, 46, p. 16, 1919.
- Los últimos torneos de Montevideo, la falta organización, *Sportsman*, 3, p. 10, 1908.
- Magnífica trayectoria de la nadadora yankee Georgia Coleman, *Deportes*, 2, p. 26, 1930.
- Modas, golf y tennis, *Mundo Uruguayo*, 610, p. 47, 1930.
- Modas: Los últimos modelos, *Mundo Uruguayo*, 27, p. 19, 1919.
- Moda: Sweaters, *Mundo Uruguayo*, 600, p. 47, 1930.
- Modas: Trajes "trotteur", *Mundo Uruguayo*, 13, p. 19, 1919.
- Modas: Tres trajes elegantes, *Mundo Uruguayo*, 21, p. 20, 1919.

Mundo femenino, *Anales Mundanos*, 8, p. 40, 1915.

“Mundo Uruguayo” aparecerá, desde el 5 de enero, aumentado y reformado, y todo impreso en huecograbado, *Mundo Uruguayo*, 729, p. 3, 1932.

Mundo Uruguayo, *Mundo Uruguayo*, 735, p. 1, 1933.

Mundo Uruguayo, *Mundo Uruguayo*, 798, p. 21, 1934.

Natación, *Anales Revista Nacional*, 25, p. 36, 1917.

Necesidad de una revista deportiva nacional, *Deportes*, 1, p. 7, 1930.

“Rush” empezó su venta en la Argentina. El público y la prensa del país hermano han recibido cordialmente a nuestra revista, *Rush*, 31, p. 2, 1934.

Notas para el hogar, *Mundo Uruguayo*, 11, p. 20, 1919.

Notas semanales. Nuestro programa, *Mundo Uruguayo*, 1, p. 3, 1919.

Nuevos rumbos, *Anales Revista Nacional*, 18, p. 7, 1915.

Nuestro tiraje, *Mundo Uruguayo*, 603, p. 3, 1930.

Punta del Este, *Anales Revista Nacional*, 38, p. 5, 1919.

Por la copa Revista Anales de Golf, *Anales Revista Nacional*, 113, p. 25, 1930.

Regatas de señoritas en Cartagena, *Casos y Cosas y Sportsman*, 27, p. 6, 1908.

Se jugó un partido internacional femenino de hockey, *Mundo Uruguayo*, 608, p. 31, 1930.

Será necesario realizar obras balnearias permanentes, *Rush*, 30, p. 2, 1934.

Socios del club de tennis, *Anales Revista Nacional*, 42, p. 32, 1919.

Sports, *Anales Revista Nacional*, 22, p. 33, 1917.

Suscripción, *Rush*, 38, p. 7, 1934.

Suscripción, *Rush*, 47, p. 2, 1934.

Tarifa de abonos, *Deportes*, 3, p. 18, 1930.

Tennis, *Anales Revista Nacional*, 20, p. 39, 1917.

Tennis: Con gran éxito viene desarrollándose el torneo otoño, *Rush*, 42, p. 10, 1934.

Tennis, *Sportsman*, 19, p. 8, 1908.

Tennisismo, *Anales Revista Nacional*, 18, p. 20, 1917.

The H. W. Gossard Co., *Anales Revista Nacional*, 31, p. 34, 1918.

Torneo de remo de club nacional de regatas, *Mundo Uruguayo*, 15, p. 12, 1919.

Trapos y chismes, *Mundo Uruguayo*, 527, p. 45, 1929.

Un grupo de socias en el club de tennis Pocitos, *Anales Revista Nacional*, 20, p. 39, 1917.

Una tortura impuesta por la moda, *Anales Revista Nacional*, 24, p. 21, 1917.

Una final disputada, el S.O.S campeón femenino de volley-ball, *Rush*, 39, p. 12, 1934.

	Expediente Nro. 008421-000036-24 Actuación 2	Oficina: UNIDAD DE EDUCACIÓN PERMANENTE - CENTRO MONTEVIDEO - ISEF Fecha Recibido: 15/07/2024 Estado: Cursado
--	---------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

TEXTO

Montevideo, 15 de julio de 2024.

Ingresado a consideración de la comisión de posgrado para su sesión extraordinaria de fecha 25/07/24.

Montevideo, 26 de julio de 2024.

Se adjunta nota de la comisión de posgrado de sesión extraordinaria de fecha 25/07/24.

Pase a consideración de Comisión Directiva.

Firmado electrónicamente por SANDRA MARTHA MIGUEZ GONZALEZ el 26/07/2024 17:08:20.

Nombre Anexo	Tamaño	Fecha
Nota CD-Mallada.pdf	237 KB	26/07/2024 17:07:32



**Instituto Superior
de Educación Física**
UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA

Montevideo, 26 de julio de 2024.

Visto el expediente 008421-000036-24 EL MAESTRANDO ALBERTO MALLADA C.I. 4392610 - 0 SOLICITA AVAL PARA TRIBUNAL DE TESIS, la comisión de posgrado de ISEF en su sesión extraordinaria de fecha 25/07/24 resuelve aprobar la designación del tribunal del maestrando Alberto Noel Mallada Messeguer, C.I.: 4.392.610-0, para la defensa de la tesis “*De los cuerpos restringidos a los cuerpos liberados: mujeres y cultura física en Montevideo (1903-1934)*” de la Maestría en Educación Física.

Integración del tribunal

Docente	Institución	Calidad	Correo electrónico
Profa. Dra. Paola Dogliotti	ISEF	Titular (*)	paoladogliottimoro@gmail.com
Prof. Dra. Daniele Carquejeiro de Medeiros	Faculdade de Educação Física	Titular	danielemedeiros.ef@gmail.com
Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva	Universidade Federal do Paraná	Titular	moraes_marc@yahoo.com.br marcelomoraes@ufpr.br
Prof. Dr. Gianfranco Ruggiano	ISEF	Alterno	algoasicomofranco@gmail.com

(*) Se designa a Paola Dogliotti como presidenta del tribunal.

Por Comisión de Posgrado

Andrés González

Jorge Rettich

Gonzalo Pérez



UNIVERSIDAD
DE LA REPÚBLICA
URUGUAY

www.isef.edu.uy

MONTEVIDEO
2480 0102 - 2486 1866
Parque Battle s/n
comunicacion@isef.edu.uy

PAYSANDÚ CUP
4722 0221 - 4723 8342
Florida 1051
comunicacion@cup.edu.uy
www.cup.edu.uy

MALDONADO CURE
4223 6595 (int.110)
Calle Burnett casi M. Chiossi
(Tribuna Este del Campus Municipal)
secretaria@curemaldonado.edu.uy
www.cure.edu.uy

	Expediente Nro. 008421-000036-24 Actuación 3	Oficina: SECCIÓN SECRETARÍA A COMISIÓN DIRECTIVA - CENTRO MONTEVIDEO - ISEF Fecha Recibido: 26/07/2024 Estado: Para Actuar
--	---------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

TEXTO